

M

FOLHA POLONÊSA


PRZEGLAD POLSKI

REVISTA
POLONÊSA



Ano IV Dezembro 1963

36



A SURPREENDENTE IBM ELÉTRICA

A Nova IBM Elétrica, resultado de mais de 30 anos de pesquisa de Engenharia e experiência de Fabricação, surpreende de imediato pela beleza de suas linhas. O mais importante, porém, é o seu extraordinário índice de funcionalidade, sua capacidade de produção... e conseqüente redução de despesas. Veja que características próprias: dispositivo Exclusivo de Cópias Múltiplas que permite a obtenção de 15 a 20 cópias de uma só vez... teclado ajustável, com toque Personalizado... o carro de deslizamento Silencioso de 13"... a tabulação rápida e suave com ação Desaceleradora... a nova ação da Tampa... e 23 outras realizações técnicas que resultam numa datilografia sem esforço, o que significa maior produção para você, com a Nova IBM Elétrica.



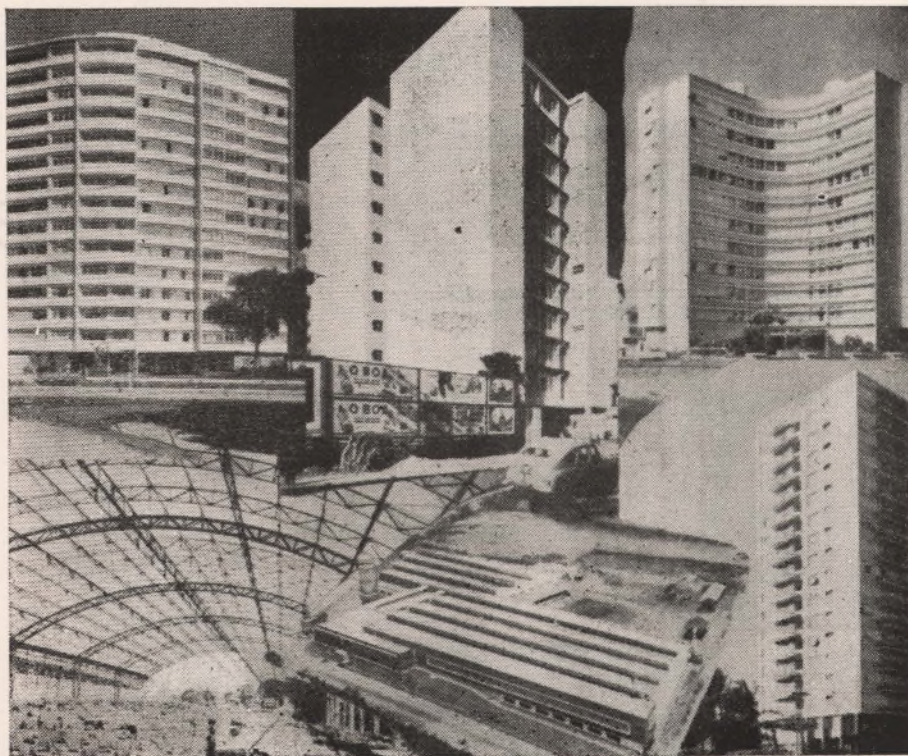
IBM

DO BRASIL LTDA. • DIVISÃO DE MÁQUINAS DE ESCREVER ELÉTRICAS

RIO DE JANEIRO: Av. Rio Branco, 80 - 6.º and. - Tel. 23-8566

SÃO PAULO: Avenida São Luiz, 86 - Telefone 32-5167

FILIAIS: Belém - Belo Horizonte - Brasília - Curitiba - Fortaleza - Niterói - Porto Alegre - Recife - Salvador - Santos



Organização completa de
construções e projetos
de edifícios
industriais,
residenciais
e obras de
engenharia

12 ANOS DE
TRADIÇÃO

Construtora e Imobiliária Treset S. A.

AVENIDA S. JOAO, 1086 - 4.º And. - FONE 36-7186 (rede interna) - SÃO PAULO



"INTRA FERRO"

Indústria de Trefilação de Ferro Ltda.

Trefilação de metais não ferrosos:

Alumínio

Alpaca

Cobre

Latão

Av. Celso Garcia 1.338

fores: 93-1471

São Paulo

**REBÔLOS
ESPECIAIS**

LIGAS:

- VITRIFICADA
- RESINOIDE
- GOMA-LACA

MBM

INDUSTRIA DE ABRASIVOS S.A.

Rua Fernandes Vieira, 174 - Belém - Fones: 92-2764 e 93-9700

Elektryczne instalacje przemysłowe
niskiego i wysokiego napięcia

E L O B R A

OBRAS ELÉTRICAS LTDA.

Brigadeiro Tobias 356 — 10.º Conj. 103 — Tel.: 34-0806

SÃO PAULO

Paczki i pieniądze

DO POLSKI I ZWIĄZKU SOWIECKIEGO

P. K. O. — Warszawa

Tazab — London

Z a s t ę p s t w o:

Empresa — J. RAJIC LTDA.

Praça da Sé, 399 — 4.º

Telefon: — 33-4983 i 36-8530

SÃO PAULO — BRASIL

Embeleze seu Lar

E VALORIZE SEU TV TORNANDO-O

MODERNO, FUNCIONAL E AGRADÁVEL

Mesas ELEM para TV

PROCURE NAS LOJAS ESPECIALIZADAS



KUBKI PAPIEROWE

do 1 ltr pojemności

BUTELKI PAPIEROWE

(Container's)

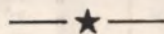
Talerzyki i kubki papierowe

Na uroczystości, pikniki, etc. (Fantasia)

Opakowania specjalne dla super-mercados, fabryk konserw, etc.

INDÚSTRIA INAJÁ

Artefatos, Copos, Embalagens de Papel S.A.



Fábrica: Rua Clelia, 1642 — Fone: 62-8631 — SÃO PAULO

End. Electr.: "COPINDUS"

JEDNODNIÓWKA

California News

Niezależne pismo miesięczne. Ciekawe artykuły i wiadomości ze Stanów Zjednoczonych, głównie z Kalifornii i Arizony.

Prenumerując "Jednodniówkę" nie płacisz w dolarach. Wystarczy, że przyślesz używane znaczki pocztowe z Południowej i Centralnej Ameryki.

Zamówienia należy kierować pod adresem:

B. A. Zaremba, 6481 E. Florence ave
BELL GARDENS, Cal. U. S. A.

CONSTRUÇÕES MECANICAS

ROZENOWICZ LTDA.

Transportadores

Alimentadores

Elevadores

Peneiras

Moinhos de martelos

Estruturas metálicas

Rua da Balsa, 10 PIQUERI

Cx. Postal, 11.912 — SÃO PAULO

Lona de Freios

Thermoid

MARCA REGISTRADA

- para qualquer carro!

Usada como equipamento original pelos maiores fabricantes de automóveis e caminhões dos E.E. U.U.



- Brecadas mais rápidas
- Temperatura sempre baixa
- Duração mais longa
- Paradas mais suaves

Produzido no Brasil sob licença exclusiva e supervisão da THERMOID COMPANY, TRENTON N. J. U. S. A. por

PLÁSTICOS DO BRASIL S. A.

Rua Cons. Crispiniano, 58 - 9.º and.

Telefone: 34-7127 - São Paulo



Publinter 63-14

À VENDA EM TODO O BRASIL NAS MELHORES CASAS DO RAMO

KORZYSTAJCIE Z USŁUG

Companhia para Expansão da Construção

“COEXCO”

COEXCO incorpora novos e confortáveis domos residenciais. W domach COEXCO rozmieszczenie mieszkań, ich wykończenie i estetyka pozostają na najwyższym poziomie.

Pięć zasad COEXCO:

niezawodny termin
stała, niezmienna cena
własne tereny
staranne wykończenie
sprzedaż na raty

COMPANHIA PARA EXPANSÃO DA CONSTRUÇÃO “COEXCO”

São Paulo, r. São Bento, 279 — 12.º andar. Tel. 33-4737

Caldeiraria e Mecânica INOX Ltda.

ESPECIALIZADOS EM AÇO INOXIDÁVEL
— COBRE — ALUMÍNIO — FERRO —



RESERVATÓRIOS
AUTOCLAVES
CALDEIRAS
TANQUES
TACHOS



EQUIPAMENTO P/INDÚSTRIAS

- ★ Química - Farmacêutica
- ★ Gorduras - Sabões
- ★ Perfumarias - Cosméticos
- ★ Têxtil - Tinturarias
- ★ Papel - Papelão
- ★ Conservas - Chocolates
- ★ Carnes - Frigoríficos
- ★ Laticínios - Pasteurizados
- ★ Bebidas - Distilarias
- ★ Plásticos - Borracha
- ★ Tratamento de água

ESCRITÓRIO E FÁBRICA:

Rua Oliveira Lima, 455
C a m b u e i

Fone: 35-4905
SÃO PAULO

Indústria Metalúrgica STELLA LTDA.

TUBOS "ELETRODUTOS"

TUBOS TREFILADOS

TUBOS PARA QUALQUER FIM INDUSTRIAL

Escritório: — Rua Conselheiro Crispiniano

N.º 53 — 9.º andar — conj. 93

Telefones: — 35-9189 e 35-9180

SÃO PAULO

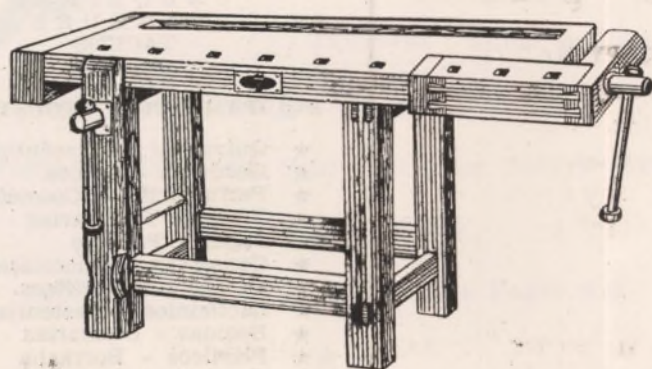
Fábrica — Via Monteiro Lobato, 3097

Guarulhos

INDÚSTRIA DE MADEIRAS



RUA SOUZA LIMA, 200 — TEL.: 52-3942, — SÃO PAULO



Fabrykuje solidne warsztaty dla stolarzy, modelarzy i amatorów jak również dla ślusarzy, jubilerów i t. p. Posiadamy duży zapas warsztatów gotowych.

PASSAGENS AÉREAS O U MARÍTIMAS A PRAZO

Para qualquer parte do
BRASIL
e do
MUNDO
PELA COMPANHIA DE SUA
PREFERÊNCIA.

Vendas e Informações:

Agência Geral

"TOUR-BRASIL"
Avenida Ipiranga, 1129
Telefones:

37-8671

36-5402

36-1740

PREPARAMOS A
DOCUMENTAÇÃO.

Tipografia

ALADA LTDA.

Rua Vitória, 237 Tel.: 35-2994

SÃO PAULO

Druki handlowe wszelkiego
rodzaju

Zaproszenia na śluby

Karty wizytowe

Stemple

WYKONANIE SOLIDNE

I TERMINOWE



INDÚSTRIAS COSMÉTICAS FRANCEZAS

Rua Vitorino Carmilo, 330, — Tel.: 52-4095

São Paulo

W ZWIĄZKU ZE ZBLIŻAJĄCYMI SIĘ

Świątami Bożego Narodzenia poleca:

piękne i gustowne upominki świąteczne dla Pań i Panów
artystyczne flakony-lalki z wodą kolońską i perfumami,
perfumy na prawdziwych olejkach francuskich, WODA KOLONSKA 44,
talk, znakomita sól do kąpieli, mydła toaletowe.
PREZENTY DLA KLIJENTÓW, (brinde).

Firma wytwarza ponadto:

SERWETY, SERWETKI I KAPY NA ŁÓŻKA Z PLASTYKU
według najpiękniejszych wzorów starych koronek braban-
ckich, szwajcarskich i polskich.
Trwałe barwy, wspaniałe desenie.
Jedynie serwetki, wytwarzane
w Brazylii, całkowicie bezwonne.

LIKwidując w tym roku DZIAŁ UPOMINKÓW

SPRZEDAJEMY JE PONIŻEJ CENY KOSZTU!

RESIL S.A.

INDÚSTRIA E COMÉRCIO

RUA MARTIM BURCHARD 254

FONES: 93-5050 - 92-2498

**CARCASSAS DE MOLAS DE AÇO
PARA VEÍCULOS MOTORIZADOS**

Insubra
S. A.

A MAIS COMPLETA LINHA DE TÓDAS AS MÁQUINAS PARA SEU ESCRITÓRIO

Distribuidores exclusivos no Brasil das seguintes marcas:

- ADLER — máquinas de escrever e de contabilidade
- EVEREST — máquinas de escrever e somar, de calcular e de contabilidade
- ROTO-CENTO-PRINTO — duplicadores e mimeógrafos a álcool, tinta e processos heliográficos
- CITOGRAPH — equipamentos de endereçar e organização
- ORMIG — máquinas de racionalização e organização de trabalho
- DIEHL — máquinas de calcular superautomáticas
- POSTALIA — máquinas para franquiar correspondência e selos fiscais.

São Paulo: — rua Vitória, 302/4, fone: 37-3171

Rio de Janeiro: — Av. Rio Branco, 138, 14.º, fone: 22-6663 e 22-9880

Pôrto Alegre: — Praça Rui Barbosa, 220 Ed. Tannhauser 2.º, fone: 8323

DISTRIBUIDORES AUTORIZADOS NAS OUTRAS CAPITALS DO PAÍS.

Represa Billings

— MAGNÍFICO LOCAL

— REPOUSO

— CLIMA DE MONTANHA

• CHÁCARAS AO SEU ALCANCE

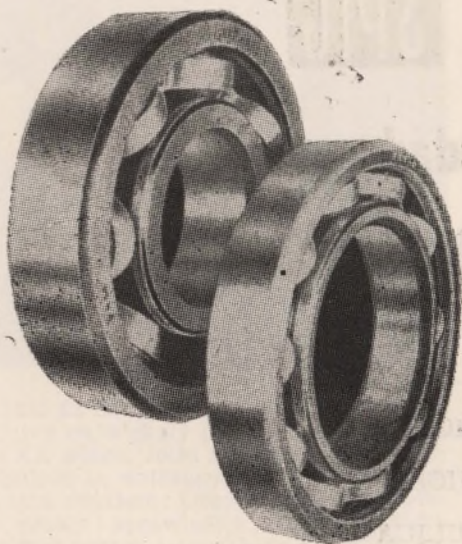
• LONGO PRAZO

EXPANSÃO IMOBILIÁRIA S/A

RUA 24 DE MAIO 77 — 8.º and. — Conj. 801/4

Fones: 35-9460 — 36-1298

São Paulo



CZY WIECIE, ŻE ŁOŻYSKA KULKOWE (rolamentos) F. Ł. T. SĄ POSZUKIWANE PRZEZ FACHOWCÓW TUTEJSZYCH ZARÓWNO NA TERENIE PÓŁNOCY, JAK I POŁUDNIA BRAZYLI?

CZY WIECIE, ŻE ŁOŻYSKA KULKOWE F. Ł. T. POLSKA EKSPORTUJE NA CAŁY ŚWIAT?

GDY POTRZEBNE CI SĄ ŁOŻYSKA KULKOWE KUPUJ TYLKO ŁOŻYSKA F. Ł. T., GDYŻ PRÓCZ DOBREJ JAKOŚCI SĄ ONE POCHODZENIA POLSKIEGO.

DO NABYCIA W FIRMACH WYSPECJALIZOWANYCH.

LAMINAÇÃO DE ALUMÍNIO, CHAPAS, DISCOS, ETC., EM TÓDAS AS ESPESSURAS E
DUREZAS — MATERIAL DE ALTA QUALIDADE PARA TODOS OS FINS.

LAMINAÇÃO DE METAIS

ELMET S.A.

ESCRITÓRIO E VENDAS: — RUA QUIRINO DE ANDRADE, 219,

CONJUNTO 74 — TELEFONE: 33-4936



TRANSPORTES RODOVIÁRIOS PARA:

São Paulo
Salvador
Recife

Av. Guilherme Cotching, 776

Fone: 93-7910 — SÃO PAULO.

SPIG

**Sociedade Paulista
de Instalações Gerais Ltda.**

PROJETOS

INSTALAÇÕES INDUSTRIAIS

ELETRICIDADE

MECÂNICA

HIDRÁULICA

AV. DUQUE DE CAXIAS, 94

FONE: 52-1105 - (Rêde Interna)

End. Telegr.: "SPIGERAL"

São Paulo



REDADORES RESPONSÁVEIS: Casimiro Kinskowski e Sigismundo Schlegel.

REDATOR CHEFE: Seweryn A Hartman

DIRETOR ADMINISTRATIVO: Sergio Elia.

REPÓRTER: José Fassina

REVISOR: Adelio Buono

EDITADA: pela Editora Team Ltda.

Redação e Administração: Av. Ipiranga, 1071 - 8.º - S/811/12
Cx. Postal 4530 - Fone: 35-5432 — São Paulo — Brasil.

Assinaturas: Cr\$ 1.200,00 anuais (12 números). Para os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul Cr\$ 800,00.

Para o exterior: US \$ 3,00. Número avulso Cr\$ 100,00.

Composto e impresso na "GRAFICA VICENTINA LTDA." —
Alameda Cabral, 846 — Curitiba — Paraná



POLITYKA I RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA I RZECZYWISTOŚĆ — POLITYKA

Prezydent John Fitzgerald Kennedy



Dnia 22 listopada br. padł z ręki skrytobójcy największy prezydent amerykański XX wieku, John Fitzgerald Kennedy.

Śmierć ta wstrząsnęła całym cywilizowanym światem. Odszedł człowiek światły, prawy i sprawiedliwy, człowiek, który pragnął pokoju i dobrobytu nie tylko dla swego kraju, lecz dla wszystkich ludów ziemi.

John Fitzgerald Kennedy urodził się w Bruklinie przedmieściu Bostonu dn. 29 maja 1917 r. Ojciec jego Józef Kennedy w latach pomiędzy 1937, a 1941, sprawował obowiązki ambasadora Stanów Zjednoczonych w Londynie. W rodzinie Kennedy zajmowanie się sprawami publicznymi należało do tradycji. Już dziadek prezydenta, Patrick J. Kennedy, był posłem do Izby Ustawodawczej stanu Massachusetts, a ojciec matki, John F.

Fitzgerald, prefekt Bostonu, w ciągu 50 lat reprezentował w Kongresie stan Massachusetts.

John Kennedy ukończył Uniwersytet w Harvardzie w r. 1940. W latach od r. 1935 do 1938 uczęszczał do Szkoły Nauk Politycznych i Ekonomicznych w Londynie. W r. 1953 ożenił się z uroczą Jacqueline Lee Bouvier.

W czasie drugiej wojny światowej wstąpił do marynarki amerykańskiej w r. 1941 i pływał jako komendant łodzi torpedowej po Południowym Pacyfiku. Na tym stanowisku odznaczył się wielkim męstwem i umiejętnością dowodzenia. Gdy w czasie ataku na niszczyciel japoński jego łódź torpedowa została zatopiona w pobliżu wysp Salomona, John Kennedy potrafił po 9 dniach walki przebić się przez linie japońskie i ocalić swoich podkomendnych. W r. 1945 opuszcza szeregi marynarki na skutek trwałego kalectwa (uraz krzyża) odniesionego w czasie walk koło wysp Salomona.

Kariere polityczną rozpoczął John Kennedy w r. 1946, kiedy wybrany został posłem do Kongresu z ramienia 11 okręgu wyborczego w Massachusetts. Dwukrotnie był potem obierany senatorem stanu Massachusetts. Wreszcie w r. 1960 zwyciężył większością 870.000 głosów w stosunku do swego przeciwnika, co stanowi swego rodzaju rekord w dziejach stanu Massachusetts. Wreszcie w r. 1960 zostaje obrany prezydentem Stanów Zjednoczonych. Na tym stanowisku dał się poznać jako znakomity mąż stanu i obrońca wolności. Z jego przedwczesną śmiercią świat zachodni stracił swego wodza duchowego, który w najtrudniejszych momentach potrafił zachować zimną krew i odwagę i którego linia polityczna jasna i nieugięta znajdowała uzna-

nie nawet u przeciwników. Był prawdziwym ojcem narodu, ojcem biednych i opuszczonych, białych i kolorowych i padł na posterunku jak bohater, zamordowany przez ciemne siły, które nie mogły znieść jego szlachetności i bezinteresowności.



Niemieccy specjaliści raketowi w Egipcie

W pierwszej połowie ubiegłego dziesięciolecia, po stabilizacji rządów Nassera, rozpoczęła się cicha emigracja niemieckich specjalistów technicznych do Egiptu. Należy dodać, że nie brakło tam innego rodzaju niemieckich "doradców" Nassera, jak wyższych oficerów czynnej służby, dygnitarzy SS i Gestapo. Przymyślnie oni to ułatwili późniejsze nawiązanie kontaktów ze specjalistami raketowymi.

Udział Niemców w zbrojeniach egipskich nie stanowił tajemnicy, ale dopiero afera dr Otto Joklika, obywatela austriackiego i Józefa Ben Gala, dyplomaty izraelskiego, ujawniła rozmiary tego udziału.

Obaj wyżej wymienieni zostali aresztowani na początku marca br. w Szwajcarii pod zarzutem niedozwolonej działalności. Policja otrzymała doniesienie, że grozili córce prof. Goercke iż ojciec jej zostanie zabity jeśli nie zaprzestanie pracy w Egipcie.

Ministerstwo sprawiedliwości Niemieckiej Republiki Federalnej wniosło o wydanie obu, celem pociągnięcia ich do odpowiedzialności karnej. Rząd izraelski wystosował oficjalny protest przeciwko aresztowaniu dyplomaty i domagał się natychmiastowego zwolnienia obu zatrzymanych. Jednocześnie wystosował wezwanie do rządu NRF w którym nalegał na wydanie polecenia niemieckim uczynom by opuścili Egipt i na wydanie zakazu wyjazdu niemieckich specjalistów zbrojeniowych do Egiptu. Nota izraelska podkreślała, że praca tych specjalistów stanowi zagrożenie pokoju.

Rząd szwajcarski odmówił żądaniu NRF i Izraela. Obaj aresztowani stanęli po trzech miesiącach przed sądem i zostali skazani na trzy miesiące aresztu i wydalenie z kraju.

Rząd w Bonn w odpowiedzi na notę Izraela zakomunikował iż nie posiada ustawowych uprawnień na mocy których może zakazać obywatelom opuszczenia kraju, podejmowania pracy w innym państwie. Równocześnie wyraził pogląd, że owi specjaliści od lat nie posiadają kontaktów naukowych z innymi uczonymi a wobec tego stoją w tyle za rozwojem współczesnej technologii. To oświadczenie miało niejako uspokoić Izrael, zaniepokojony pierwszym pokazem egipskiej broni raketowej.

Znany tygodnik niemiecki "Der Spiegel", który ujawnił już niejedną aferę, ogłosił ostatnio rewelacyjny artykuł pt. "Niemieckie rakiety dla Nassera". Pismo utrzymuje, że pod koniec bieżącego roku Egipt wypuści satelitę, konstrukcji niemieckiej, który okrąży będzie orbitę ziemi.

Inny tygodnik niemiecki "Der Stern" jest zdania, że satelita ten będzie gotowy dopiero w pierwszych miesiącach przyszłego roku. Oba pisma jednak zgodnie stwierdzają, że jest to dzieło znacznej grupy niemieckich specjalistów oraz techników pracujących w Egipcie.

Na czele zespołu raketowego stoi prof. Wolfgang Piltz, który był kierownikiem oddziału, budującego w Peenemuende rakietę V-2. Od 1946 r. do 1957 r. przebywał on we Francji, gdzie pracował w badawczym ośrodku raketowym w Vernon. Pod koniec 1957 r. rząd NRF postanowił rozpocząć własne badania raketowe. Powołano wówczas do życia ośrodek badawczy w Stuttgarcie, którego kierownikiem został prof. Eugen Saenger. Profesorowie Piltz i Goercke, którzy pracowali we Francji, zostali wezwani do powrotu.

Organizacja zakładów badawczych w Stuttgarcie postępowala naprzód w żółtym tempie, pracownicy naukowcy nie mieli warsztatów

pracy, ujawniły się między nimi poważne różnice zdań a nawet niesnaski.

W tym stanie rzeczy 1959 r. Essam Mahmoud, dyrektor instytutu badawczego w Kairze nawiązał kontakt z dr Brunonem Eckertem, dyrektorem zakładów samochodowych Daimler-Benz w Stuttgarcie. Sugerował mu przysłanie zespołu specjalistów i techników, oferując doskonałe warunki finansowe. Prosił go również o nakłonienie profesorów Piltza i Goerckiego do przyjęcia oferty egipskiej.

Eckert uznał propozycję za dobrą i wziął się energicznie do dzieła. Nie tylko wysłał zespół techników z fabryki, którą kierował, ale zaangażował specjalistów z dwu fabryk lotniczych: Heinkel oraz Messerschmitt. Obaj profesorowie opuścili NRF z pierwszym zespołem techników.

Według bardzo ostrożnych obliczeń w chwili obecnej pracuje w Egipcie około 500 niemieckich specjalistów lotniczych i raketowych. Otrzymują oni bardzo wysokie uposażenia.

W październiku 1961 r. rząd NRF zwolnił z Instytutu w Stuttgarcie profesorów Saengera, Piltza i Goerckego. Saenger, jakkolwiek stał na czele Instytutu, był w Egipcie czynnie współpracując z innymi specjalistami nad rozwojem rakiet. Po pewnym czasie zerwał jednak kontrakt i powrócił do NRF.

Inny specjalista dr Heinz Krug, prowadził kilka przedsiębiorstw w NRF, zajmując się dostawami sprzętu zbrojnego dla Egiptu. I on został zwolniony z Instytutu w Stuttgarcie. Dnia 11 września 1962 r. znikł w tajemniczych okolicznościach z Monachium i od tam wszelki ślad o nim zaginął. Tygodnik

"Der Spiegel" utrzymuje, że został porwany przez agentów izraelskich, którzy sowiecie go opłacili za zerwanie kontaktu z Egipcem. Przebywa on podobno w doskonałych warunkach w Austrii pod zmienionym nazwiskiem.

Wywiad izraelski śledzi prace Niemców w Egipcie i wszelkimi środkami zmierza do ich zahamowania. I tak np. 27 listopada 1962 r. prof. Piltz otrzymał w Kairze przesyłkę lotniczą z Hamburga. Hannelore Wende, sekretarka profesora, otwierając przesyłkę w której znajdowała się mała bomba, została ciężko ranna.

W kilka dni później wybuchła przesyłka adresowana na nazwisko inż. Kamela Azaba, dyrektora fabryki wojskowej w której konstruuje się rakiety. Wskutek wybuchu zabitych zostało 5 osób a 6 osób odniosło poważne rany.

Dnia 20 lutego 1963 r. prof. Hans Kleinwachter, specjalista elektronowy, zatrudniony w Egipcie, cudem uniknął śmierci.

Gdy bawił z wizytą u rodziny w Loerrach trzech nieznani osobnicy oddali w jego kierunku serię strzałów.

Ostatnią znaną próbą wydobycia siłą z Egiptu wybitnego specjalisty niemieckiego był szantaż wobec córki prof. Goerckego. Jak wiadomo nie udał się. Dziewczyna obiecała wprawdzie swoim rozmówcom, że zwróci się natychmiast do ojca, ale zamiast tego poinformowała o rozmowie policję szwajcarską.

Prof. Goercke, podobnie jak inni jego koledzy i podwładni, pozostał w Egipcie.

J. D.

("Związkowiec")

Nowy prezydent USA, Lyndon Johnson



Nowy prezydent Stanów Zjednoczonych, Lyndon Baines Johnson, który po tragicznej śmierci prezydenta Kennedy objął rządy krajem, jest demokratą z Texasu i posiada duże doświadczenie w dziedzinie prac legislacyjnych. Od r. 1953 do 1961 tj. do chwili, gdy rozpoczął sprawowanie funkcji wiceprezydenta był on przywódcą większości w Senacie.

Lyndon Baines Johnson urodził się w r. 1908 w Johnson City w Texas, miejscowości, założonej przez jego dziada. Ojciec prezyden-

ta był przez 24 lata posłem do Izby Ustawodawczej stanu Texas.

Uczęszczając do szkoły w swoim mieście rodzinnym Johnson pracował jednocześnie w jednym z majątków ziemskich. Zatrudniony był również jako pracownik szkolny w seminarium nauczycielskim w San Marcos w Texas, musiał bowiem płacić za siebie czesne i tylko w ten sposób mógł studiować. Po ukończeniu seminarium nauczał w ciągu dwóch lat w szkole w Houston w Texas, ale porzucił to zajęcie z chwilą, gdy Richard M. Kleberg, poseł do Kongresu z Texas zaproponował mu stanowisko sekretarza. Zatrudniony był w tym charakterze trzy lata, uczęszczając w tym samym czasie na prawo w Uniwersytecie Georgetown w Waszyngtonie.

W r. 1935 wyznaczony został przez prez. Franklina Roosevelta na stanowisko dyrektora Narodowego Urzędu Młodzieżowego stanu Texas. W dwa lata później, obrany posłem do Kongresu, zwyciężył dziewięciu kandydatów na to miejsce. Po czterech latach spróbował swoich sił do Senatu, ale przepadł w wyborach. Była to jego jedyna porażka polityczna. Udało mu się wejść do Senatu dopiero w r. 1948.

W r. 1941 bezpośrednio po ataku na Pearl Harbor powołany został do służby w marynarce wojennej i przesłużył 8 miesięcy jako oficer na Pacyfiku.

Prez. Johnson ożenił się w r. 1934 z Klauddią Taylor i ma z nią dwie córki, Lindę i Lucy Baines. Pani Johnson jest właścicielką kilku stacji telewizyjnych i radiowych.

Rok 1963 w świetle reflektora

W tym smutnym roku odeszło od nas dwóch ludzi, których pamięć przetrwa przez wieki.

Promieniejący Papież Jan XXIII, człowiek który w całym chrześcijaństwie potrafił obudzić ideę braterstwa i zwrócić oczy ludzi wszystkich wyznań ku Rzymowi, oraz Prezydent Stanów Zjednoczonych J. F. Kennedy.

O ile śmierci Papieża, człowieka starszego i od dawna chorego, można się było spodziewać, to morderstwo popełnione na osobie Johna Kennedy'ego uderzyło w świat, jak grom z jasnego nieba.

Blisko sto lat temu zabito Abrahama Lincolna. Zabito go za głoszenie idei wolności wszystkich ludzi. Po dzień dzisiejszy jest tajemnicą kto właściwie był inspiratorem tego morderstwa.

Wskazywano na osoby znajdując się w najbliższym otoczeniu Prezydenta.

Na chwilę przed zamachem, urzędnik bezpieczeństwa opuścił swój posterunek, umożliwiając zamachowcy wejście do łoży, w której znajdował się Lincoln i późniejszą ucieczkę.

Przypuszczalny morderca prezydenta Kennedy'ego, Lee Oswald, został z kolei zamordowany przed ukończeniem dochodzeń. Trudno więc w tej chwili powiedzieć czy, jak chcą niektórzy, prezydent padł z ręki fanatyka, czy też mamy tu do czynienia ze spiskiem. Prawda, jak w przypadku Lincolna, nigdy może nie zostanie ujawniona.

Tak samo jak śmierć Jana XXIII wzbudziła na całym świecie szczyry i głęboki żal, tak samo śmierć Kennedy'ego wywołała reakcję nieznaną w historii. Kiedy opuszczono do pół masztu chorągwie w fabryce, w której pracują, kiedy robotnicy skupili się przy głośnikach radiowych, widziałem łzy płynące z ich oczu.

— To straszne! — szeptali. — Ta hańba spada na całą Amerykę...

Te łzy, były zapłatą prostych ludzi, ludzi należących do różnych narodów, za serce człowieka, który chciał czynić dobro.

Sluchając poprzednio wielu przemówień oddających hołd "wielkim ludziom", — miałem często uczucie niesmaku. Zastugi ich daleko odbiegały od fałszywie brzmiących słów, sławiących ich czyny.

Bodaj że pierwszy raz, z ust mężów stanu, z ust premiera Nigerii, Japonii, prezydenta Francji czy premiera Wielkiej Brytanii, — mówiących o John'ie Kennedy, — usłyszałem tylko prawdę.

Kula mordercy, przerwała życie, którego ceny dla całej ludzkości, nie da się określić. Wraz z nim zabiła ideę, o którą nieustraszenie walczył, albowiem nie ulega dla mnie najmniejszej wątpliwości, że Stany Zjednoczone nigdy już nie znajdą takiego przywódcy. Dla Wielkiej Brytanii był nim Churchill. Dla Ameryki Kennedy. Te dwa nazwiska pozostaną płonącymi jasno pochodniami naszego stulecia.

Niechaj serdeczne myśli Polaków rozrzuconych po całej kuli ziemskiej, towarzyszą we współczuciu Jaqueline Kennedy i jej dwojgu dzieciom. Niechaj ją pocieszy w bólu Matka Boska z Częstochowy.

* * *

Rok 1963 upamiętniony jest jeszcze jednym aktem historycznej wagi. W Moskwie zawarty został pomiędzy Stanami Zjednoczonymi, Anglią i Związkiem

Radzieckim układ o zakazie prób atomowych.

Francja była jednym z nielicznych krajów, poza Chinami i szeregiem drobniejszych państw, które nie przyłączyły się do układu. Posiada ona w chwili obecnej spory zapas bomb atomowych i znajduje się na najlepszej drodze do wyprodukowania bomby wodorowej.

Układ moskiewski, mimo swej niedoskonałości (zakaz nie dotyczy prób atomowych pod ziemią) stanowi doniosły krok na drodze do zażegnania konfliktu atomowego i zagłady cywilizacji.

Wesołych Świąt

Promieniejące najpiękniejszą tradycją święta Bożego Narodzenia były w Polsce równocześnie świętami rodzinnymi.

Kto mógł dążyć w dniu wigilijnym do rodzinnego domu, aby — niejednokrotnie — choć raz do roku znaleźć się pomiędzy najbliższymi ludźmi.

Niezapomniane chwile szczęścia przeżywalimy wszyscy patrząc na naszych bliskich, na roześmiane buziaki dzieci szukających pod jarzącą się świeczkami choinką darów "Aniołka".

Wojna zburzyła domy rodzinne i rozniosła nas huraganem po całym świecie.

Tylko nieliczni — a jakże szczęśliwi — mogą zasiąść do stołu wigilijnego w gronie rodziny i zapomnieć choć przez chwilę o górach i rzekach, o morzach i oceanach, dzielących ich od Ojczyzny.

Inni, samotni i opuszczeni, przenieść się mogą tylko marzeniem do czasów, które przeminęły na zawsze.

Smutna jest ich Wigilia.

A przecież mogło być inaczej. Utracone ognisko rodzinne powinno zapłonąć w każdym polskim domu na emigracji. Więzy, które nas łączą — to przynależność do tego Narodu. Każdy Polak przekraczający próg, jest naszym bratem. Cieszył się tym czym i myśmy się cieszyli. Cierpiał tak samo jak my. Jesteśmy związani na zawsze wspólną przeszłością i wspólnym losem.

Oby ręka z opłatkiem, wyciągnęła się do opuszczonych i zapomnianych; oby dobre słowo wlało otuchę, której łakną; oby zdali sobie sprawę, że nie utracili rodziny!

Kiedy pierwsza gwiazda zaświeci na niebie, przymknijmy oczy. Przez pokryte paprociami mrozu szyby, dojrzymy płatki śniegu opadające na gałązki świerków. Gdzieś, z oddali dobiegnie nas śpiew:

*W żłobie leży
Któż pobierzy
Kołędować — małemu...*

W tej chwili i biedni i bogaci, i ci, którzy są razem, i ci samotni, znajdują się nad Wisłą, w Ojczyźnie która jest domem rodzinnym nas wszystkich.

Nie zrywajmy tych więzów, chociaż jesteście od tego domu tak daleko.

Spokojnych i pogodnych Świąt życzy wszystkim czytelnikom:

REDAKCJA "PRZEGLĄDU POLSKIEGO".

Poważny kryzys przeżyła Wielka Brytania.

Po siedmiu latach rządów podał się do dymisji premier Mac Millan.

Dobiła go, jak się wydaje, afera doktora Warda.

Sam dr Ward nie był, jak się obecnie okazuje, takim złym człowiekiem. Ponięcznie zgłaszają się świadkowie opowiadający o dobrodziejstwach, których od niego doznali. Biednych leczył darmo, pożyczal im pieniądze, opiekował się bezinteresownie chorymi dziećmi. Zapewne — aniołem nie był. Sam sobie wymierzył karę znacznie cięższą od tej, którą wymierza sędzia w peruce.

Nowym premierem brytyjskim został Szkot, lord Home, jeden z nielicznych polityków brytyjskich, który zaprotestował w swoim czasie przeciw układowi jałtańskiemu. Wydaje się, że żywot jego gabinetu nie będzie zbyt długi. Partia Pracy ze swoim energicznym przywódcą Wilsonem ma wszelkie szanse zdobycia większości przy nadchodzących wyborach. Pięknie odnowiony gmach przy Dawning Street 10 czeka na nowego lokatora.

* * *

Mówiono sobie w Bonn, że Adenauer ustąpi z urzędu kanclerskiego w dniu swoich setnych urodzin. Ustąpił nieco wcześniej. Zdaje się jednak, że "der Alte" będzie nadal wywierał wpływ na politykę Republiki Federalnej. Magik-ekonomista Erhard z całą pewnością nie zboczy z drogi wytkniętej przez poprzednika. Nie ma nadziei, że weźmie się energiczniej do oczyszczenia aparatu rządzącego z nazistów i ich sympatyków, hołubionych przez Adenauera. Być może będzie się im nawet lepiej powodzić u boku "dobrodusznego" profesora Erharda.

A propos: w wiedeńskim tygodniku "Stern" wydrukowano ciekawy reportaż z Ziemi Odzyskanych. Jest tam m. in. opisane życie Niemców, którzy pozostali w Polsce. W woj. Wrocławskim mieszka ich ok. 2.000. Powodzą im się wcale nieźle. Niemcy, którzy przenieśli się do Republiki Federalnej, mogą ich odwiedzić.

Reporter pisma przeprowadził rozmowę z byłym właścicielem wielkich dóbr pod Oleśnicą Randowhoff — Konradem von Randow.

Ritter von Randow oświadczył, że Niemcy nigdy nie zrezygnują z usiłowań powrotu. Pobyt swój w republice Bońskiej uważa za tymczasowy. Twierdzi, że tylko granica sprzed r. 1939 z poprawkami na rzecz Niemiec może być uznana za stałą. Kiedy reporter zwrócił uwagę, że na Ziemiach Odzyskanych mieszka w tej chwili 7.700.000 Polaków, że urodziło się tam 2.800.000 polskich dzieci. Randow powiedział, że przetransportowanie ich na wschód nie będzie operacją skomplikowaną.

Na zakończenie życzyliwi dla nas na ogół dziennikarz wiedeński stwierdził, że nie można się dziwić Konradowi von Randow: jest on milionerem piastującym jednocześnie urząd kierownika organizacji "Bunde der Vertrieben", a zamek pod Oleśnicą służył mu zawsze jako mieszka, gdzie spędzał week end'y. Mrzonki von Randowa uważa za marzenia ściętej głowy.

Trudno mu nie przyznać racji.

HENRYK PRZYBOROWSKI



JESZCZE O SCYTACH

U Scytów istniało wielożeństwo. Kobiety były społecznie bardzo upośledzone i całkowiec podporządkowane mężczyznom. W przeciwieństwie do Sarmatek (Amazonek z legendy greckiej) nie wolno im było nawet jeździć konno. Podczas wędrówek i bitew siedziały na wozach pilnując dzieci.

Nie znaczy to jednak, by nie dbały o swoją urodę. Ubierały się w bufiaste szarawary oraz w krótkie kaftany z długimi rękawami, które ozdabiała aplikacjami wyobrażającymi koguciki lub kwiaty lotosu i obszywały złotymi cekinami. Głowy nakrywały wysokimi, barwnymi kołpakami z wołtoku, obszywanymi cennym futerkiem. Buciki z miękkiej skóry z nosami i z niskimi cholewami pokryte były ornamentem ze szklanych paciorków lub złocistego kryształu pirytu.

Kobiety, podobnie zresztą jak mężczyźni, obwieszały się mnóstwem złotej biżuterii: kolczykami, naszyjnikami, bransoletami i pierścieniami. Mężczyźni lubili ponadto ozdabiać całe swoje ciało gęstym tatuażem, wyobrażającym różne fantastyczne zwierzęta. Tego rodzaju tatuaże zachowały się do dzisiaj na nieboszczykach w kurhanach Pazyryku.

Scytowie, jak sądzić można z licznie znalezionych instrumentów muzycznych, lubili tańce i muzykę. Wśród tych instrumentów przeważają bębny i kilkustrunowe harfy. Widzimy więc, że kultura ich była wcale bogata i żywotna. Uczni radzieccy, którzy podjęli się zadania skatalogowania zabytków scytyjskich i analizowania ich cech swoistych, stwierdzili silne wpływy kultury scytyjskiej na sztukę Wikingów, Celtów i Merowingów. Wpływ ten zaznacza się oczywiście również na obszarach Słowiańszczyzny. Nie jest na przykład wykluczone, że kolorowe, papierowe wycinanki ludowe mają swój rodowód w scytyjskich aplikacjach wycinanych ze skóry. Wiadomo przecież, że pewne odłamy Scytów dotarły aż do Biskupina, który obróciły w perzynę. Polscy archeolodzy znaleźli grotę strzała pochodzenia scytyjskiego nie tylko w Biskupinie, lecz również w Kruszwicy i w Kamieńcu nad Wisłą. Wpływ tych najeźdźców siłą rzeczy odbił się także na naszych ziemiach.

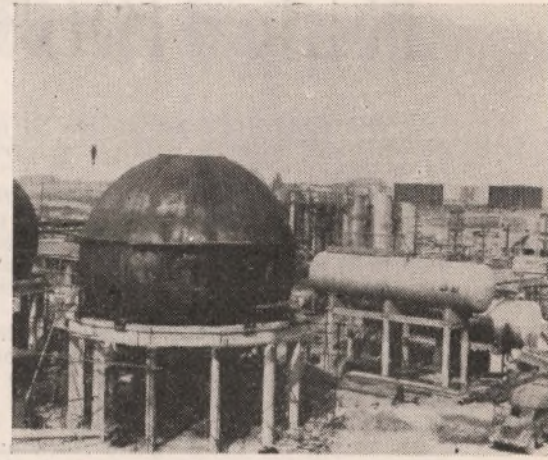
Wiemy już, że Scytowie rozporządzali zdumiewającymi zasobami cennych metali. Nie ulega dziś wątpliwości, że otrzymywali je z własnych kopalń, mianowicie z Kraju Zakaukaskiego miedź, z Dniestru i z gór kaukaskich żelazo, a z Uralu i Altaju złoto. Nie wyjaśniono dotąd, w jaki sposób Scytowie Królewscy uzyskiwali te bogactwa: czy z tytułu ściąganej atrybutu, czy też jako artykuł wymiany handlowej.

Dziejopisarze greccy dzielili Scytów na rólników i koczowników. Uprawą ziemi zajmowali się przypuszczalnie ludzie najniższej warstwy scytyjskiej lub też obcoplemienni, ujarzmieni autochtoni. Ale nawet ci wolni Scytowie, którzy trudnili się hodowlą koni, bydła i owiec, nie byli koczownikami w ścisłym tego słowa znaczeniu. Pastwiska były tak obfite, że dalsze wędrówki były niepotrzebne. Wystarczyło sezonowe przenoszenie się z pastwiska na pastwisko sposobem rotacyjnym w ciasnych granicach obszaru rodowego. Scytowie wiedli przeto raczej życie osiadłe, tyle tylko że mieszkali pod namiotami lub w szałasach pasterskich. Dowodem są choćby spotykane często w grobach realistyczne figurki kur i kogutów, których ho-

dowla jest możliwa tylko przy stałej zagrodzie, jak i też ogromnych rozmiarów dzbany zasobowe, trudne do transportowania z miejsca na miejsce.

Dzięki wiecznej zmarzłocie w kurhanach Pazyryku, gdzie na przykład znaleziono mięsna, napoje i sery w takim stanie, że można było wypróbować ich smak, znamy dokładnie sposób odżywiania się Scytów. Podstawą ich posiłków była oczywiście konina i baranina, urozmaicona raz po raz kozim mięsem, wołowiną i dziczyzną. Jadali poza tym ryby, przeważnie tuńczyki i jesiotry, cebulę, fasolę i czosnek. Pieczywo piekli z jęczmienia i pszenicy. Powszednim ich napojem był kumys, sporządzony ze sfermentowanego mleka kobyły. Sławny lekarz grecki Hipokrates, który żył w latach 460 - 377 p. n. Chr., a więc współcześnie ze Scytami, pisał o nich, że lubili dużo jadać i całe dni spędzać przy winie, tańcach i śpiewie. Uwaga odnosi się oczywiście do zamożnych warstw scytyjskich. Wz bogactwo na handlu z czarnomorskimi Grekami, mogły one sobie pozwolić na sprowadzanie przednich win greckich.

Jakie były wierzenia religijne Scytów? Nagromadzone informacje w tej dziedzinie są jeszcze nader skąpe. W znanej już nam anegdotce Herodota, w której król scytyjski odmówił Dariuszowi otwartego spotkania zbrojnego, powiada on jeszcze: "Ale spróbujcie zburzyć groby naszych ojców, wtedy zobaczycie, czy będziemy o nie walczyć"... Wynika z tego, że podstawą religii scytyjskiej, podobnie jak u Chińczyków, był kult zmarłych i wiara w istnienie życia pozagrobowego. Przemawiają zresztą za tym inne jeszcze, odkryte przez archeologów, szczegóły, jak balsamowanie zmarłych i zaopatrywanie ich w małżonki, służbę, konie, jado i sprzęt codziennego użytku.



Fragment urządzeń Płockich Zakładów Rafineryjnych i Petrochemicznych. Rafineria Płocka przerabiać będzie 2 miliony ton ropy rocznie.

Scytowie czcili najrozmaitsze bóstwa symbolizujące siły natury. Nad tą plejadą bogów górowała patronka Scytów, pani ognia i zwierząt, Bogini-Matka Api, której sylwetka często występuje na makatach Pazyryku. Jak świadczy rytuał okadzania po ceremoniach pogrzebowych, Scytowie wierzyli w złe duchy i demony, a również w magię i amulety.

Jako koczownicy i pasterze nie mieli świątyni i kapłanów. Posługiwali się jednak wróżbitami, którzy przepowiadali przyszłość. Byli to pewnego rodzaju szamani, których zawód przechodził z ojca na syna. Byli to dziwni ludzie. Mówili bowiem dyskantem i ubierali się w stroje kobiece. Zawód ich nie był zbyt bezpieczny, bowiem w razie fałszywego proroctwa w wypadkach doniosłych palono ich na stosie wraz z ich męskimi potomkami. Jak widzimy, u Scytów, podobnie zresztą jak u innych prymitywnych ludów, radość życia blisko sąsiedowała ze śmiercią.

ZENON KOSIDOWSKI
(Przegląd Kulturalny)

DESZCZ NA ŻĄDANIE...

Encyklopedyczne określenie deszczu brzmi: "deszcz, opad atmosferyczny złożony z kropelek wody o średnicach większych od 0,5 mm; deszcz lodowy, przezroczyste ziarna lodowe o średnicach mniejszych od 5 mm, powstaje wskutek zamrażania kropel deszczu". Tyle suche i wzięte określenie zjawiska przyrody, które u jednych wywołuje uczucie ugi i radości, u innych zaś (częściej) niezadowolone. Ileż to razy po obudzeniu zerkamy w okno — szczególnie w lecie: słońce czy chmury?

Ale oto w potężne siły przyrody wkracza niemiernie potężna myśl ludzka, która tyle już praw przyrody ujarzmiła, i która, miejmy nadzieję, ujarzmi jeszcze wiele. Człowiek postanowił bowiem, nie dla fantazji, ale zmuszony koniecznością ujarzmić chmury. Nie dosłownie oczywiście ale jak mówi się naukowo, aby "oddziaływać sztucznie na procesy kondensacyjne w atmosferze".

Aby dowiedzieć się na jakim etapie znajduje się to "oddziaływanie", zwróciłam się o informacje do mgr Edwarda Straucha, kierownika Zakładu Aerologii PIHM w Legionowie pod Warszawą. Mgr. Strauch zaznacza na wstępie, że prace znajdują się na razie wyłącznie na etapie prób i doświadczeń

i jako bardzo czaso- i pracochłonne nie rokują w najbliższym czasie praktycznego ich zastosowania.

Eksperymenty prowadzone są w trzech kierunkach: rozpraszania chmur i mgieł, wywoływania deszczu oraz zapobiegania opadom gradów.

Przebieg ich w każdym z trzech przypadków jest podobny. Polega on na wprowadzeniu do pojedynczej, izolowanej chmury pewnej ilości substancji chemicznej — dwutlenku węgla, jodku srebra czy nawet zwykłej soli kuchennej. Substancję wprowadza się różnymi metodami: przez rozpylanie z samolotu, wprowadzanie jej za pomocą balonu albo też małych i lekkich rakiet. Przy rozpatrywaniu owych doświadczeń należy założyć jedno: nie można sztucznie, na bezchmurnym niebie wywołać deszczu. Aby przeprowadzić eksperyment należy mieć "naturalną" deszczową lub gradową chmurę. Przez wprowadzenie do niej odpowiedniej substancji można powiększyć objętość drobnych kropelek wody w chmurze do takiej wielkości aby, przelatując opór prądów powietrznych spadły na ziemię w postaci deszczu. Aby przystąpić do doświadczeń muszą być przede wszystkim przeprowadzone drobiazgowo badania struktury

Borowiki wyszły z probówki

Niespełna trzy lata temu po raz pierwszy w świecie prof. dr Jan Jerzy Karpiński, leśnik-biolog, pracownik nauki Instytutu Badawczego Leśnictwa, wyhodował w szklanych probówkach, na pożywkach sztucznych, całe serie borowików. Były one wprawdzie małe, na miarę naczynia, w którym powstały, ale o kapeluszach wyraźnie ukształtowanych i naturalnie wybarwionych.

Owe laboratoryjne prawdziwki, wyhodowane ze zdolnej do owocowania grzybni, stanowiły zakończenie pierwszej fazy poszukiwań na drodze do przyszłej otwartej sztucznej hodowli borowika. Ale zanim jeszcze to pierwsze osiągnięcie zostało dokonane, profesor Karpiński już wszczął przygotowania do następnego etapu prac. Świadectwem były wyłaniające się w szklanych doniczkach małe, drobne dębczaki, wyhodowane z wysterylizowanych żołądździ na wyjałowionej glebie.

Dębczaki w doniczce miały być w następnym etapie doświadczeń partnerem "udomowionej" przez naszego uczzonego grzybni borowika. Grzybni, która - w następstwie współżycia z dębczakami - miała teraz rodzić owocniki borowika, prawdziwki, w warunkach zbliżonych do naturalnych. Taka bowiem jest natura drzew leśnych, że do swego życia i rozwoju wymagają symbiozy z grzybnią różnych grzybów, że za pomocą swych systemów krzeniowych muszą nawiązać współżycie z grzybnią grzyba, a im szybciej to nastąpi, tym szybciej będzie ich wzrost. Drzewa leśne bez owego współżycia, zwanego mikoryzą, byłyby skazane na nędzną vegetację i w końcu na zagładę. Las bez grzybów nie mógłby istnieć.

Ale i ogromna większość gatunków grzybów kapeluszowych rośnie tylko w lesie i owocuje wyłącznie dzięki współżyciu z drzewami. Grzybnia rozrasta się z zewnątrz drobnych korzeni drzew lub we wnętrzu ich komórek. Współżycie drzew z grzybami jest więc nie-

zbędne dla obu partnerów, a zasadza się na wymianie wzajemnych korzyści. Grzybnia przekazuje drzewu wodę, azot i pewne substancje specjalne, zaś otrzymuje od drzewa sole mineralne i produkty fotosyntezy, do której zdolne są rośliny zielone.

Dziś doniczkowe dębczaki u profesora Karpińskiego mają już trzy lata. Po skiełkowaniu żołądździ, na ich korzeniach została zaszczerpiona owa "udomowiona" grzybnia prawdziwki. Przez szkło naczynia, w którym początkowo rosły dębczaki, było widać już w pierwszym roku symbiozy jak wspaniale się rozrosła. Białe cętki rozsiane w glebie - to zawiązki owocników borowika, - prawdziwków. Widać też kierunki rozwoju grzybni z zawiązkami: - zmierza ona do powierzchni, ku górze i ku dołowi, zmierza tam, skąd przychodzi sygnał pomyślnych warunków dla rozwoju owocników - sygnał powietrza. I oto na górnej powierzchni gleby w naczyniu ukazują się wreszcie pierwsze prawdziwki wyhodowane już poza probówką, jedne małe jak groch, inne znacznie większe - większe, niż orzechy laskowe i lepiej ukształcone.

U spodu naczynia, które nie ma dna, tuż przy szczelinie pomiędzy dolną powierzchnią gleby a spodkiem, też gromadzą się owocniki, mniejsze i blade od tamtych. Spodek jest tu przeszkodą nie do pokonania, prawdziwki nie mogą przedostać się przez wąską szczelinę na zewnątrz i puszczają o szkło swoje kapelusze.

Obecnie te same dębczaki rosną w drewnianej skrzynce. O tym, że wszystko idzie w niej normalnie, tak jak w szklanym naczyniu świadczy "wysypujące się" dzień po dniu na powierzchnię gleby całe serie małych prawdziwków.

Owe borowiki, wznoszące się w cieniu małych dębczaków kapeluszami ponad glebę - to eksponaty nowego wielkiego naukowego

sukcesu, dokumentacja już dokonanego. Trzymałam w rękach jeden z tych okazów, ścięty przez Profesora wbrew moim protestom. Zrobił mi z niego prezent. Byłam więc pierwszym, poza Profesorem, człowiekiem, który trzymał w ręku prawdziwki ze sztucznej hodowli! Małe, miał chłód lasu, barwę kapelusza, wygląd i zapach borowika spod wielkich dębów. Smak autentyczny.

Suma prawie trzech dalszych lat olbrzymiej pracy badawczej i doświadczałnej, cierpliwych usiłowań, wielu prób i obserwacji kryje się poza tymi pierwszymi na świecie wyhodowanymi borowikami. Przez te trzy lata uczony dalej zgłębiał naturę drzewa i grzybni, istotę i procesy ich współżycia warunkującego się doświadczeniami, jakie składniki czerpie dąb z gleby, co służy symbiozie związku "dąb - owocująca grzybni". Podawał im z wodą różne substancje - pożywki: witaminy, hormony, enzymy, auksyny, cukier, kwasy bądź syntetyczne, bądź wyciągach z różnych ziół, składniki mineralne. Zmieniał proporcje i obserwował efekt, ponawiał próby, doświadczał. Tak dowiadywał się, co najbardziej służy roślinie zielonej i grzybni borowika, co najlepiej odpowiada ich współżyciu.

Gotowych recept tutaj nie ma, trzeba je powoli odkrywać i zestawiać. To jest przyroda, nic tu nie można przyspieszyć. Trzeba posuwać się krok za krokiem, zwalczając niepowodzenia, a to co w doświadczeniach wydaje się być celne - trzeba sprawdzać, jeżeli efekt nie ma być przypadkiem, lecz prawidłowością postępowania. I po każdym nowym zabiegu doświadczalnym czekać na odpowiedź rośliny. Nic tu bowiem nie można wymusić. Można tylko i trzeba przystosować się do potrzeb rośliny przeniesionej w odmienne warunki, a przystosowując się - zmieniać powoli jej naturę, udomawiać.

To jeszcze nie koniec etapu półhodowli - mówi profesor Karpiński. - Tym borowikom w doniczce jeszcze czegoś brak. Muszą przecież być większe, o jeszcze lepiej ukształtowanym kapeluszu oraz trzonie. Osiągnąłem i dużo i mało. Dużo, bo rosną w warunkach sztucznych w otwartej półhodowli. Mało, bo... wcale nie koniec doświadczeń. Ich końcem będzie dopiero hodowla borowika na efektywną skalę bez udziału żywego drzewa, podobnie jak pieczarek.

Pytam, czym chce profesor zastąpić drzewo? Jego dotychczas nierozzerwalny, wiekujący borowika, jego współpartnerstwo w tworzeniu kapeluszowych owocników? Czy można tak głęboko i drastycznie interweniować w układy przyrody żywej?

Odpowiedź brzmi: - Sądzę, że można. Znow drogą powolnych zmian, wciąż obserwując odzew grzybni na podawane jej do gleby substancje i składniki sztucznej pożywki. Jeżeli w próbach i doświadczeniach wyłonią się odpowiednie zestawy składników - musi nastąpić rozluźnienie symbiozy, a w ślad za tym jej redukcja. I tak dalej, krok za krokiem, aż dojdzie do aktu ostatecznego - całkowitego odciążenia tej więzi, jakby łączy borowika z drzewem, usamodzielnienia "udomowionego" już borowika.

Pierwsze pomyślne reakcje świadczące o możliwości takiego usamodzielnienia borowika profesor Karpiński już uzyskał. I z uporem godnym wielkiej sprawy usiłuje wkroczyć na drogę wiodącą do rewolucji w naturze borowika.

KAZIMIERA MUSZAŁOWNA

("Życie Warszawy")

chmur na obszarze objętym doświadczeniem. W tym celu wysyłane są samoloty z przyrządami pomiarowymi, które badają makro- i mikro-fizyczne właściwości chmur. Oczywiście opracowanie takich drobiazgowych pomiarów, jak również badanie teoretyczne oraz rozeznanie fizyki chmur wymagają czasu. Mimo tej czasochłonności oraz dużych nakładów finansowych wiele państw przeprowadza te eksperymenty. Prowadzą je Stany Zjednoczone, Związek Radziecki, Szwajcaria, Francja, a ostatnio Rumunia. Wszystkie te kraje napotykają na jednakowe trudności w dziedzinie właściwej kontroli rozwoju chmury po wprowadzeniu do niej substancji.

Kontrola ta polega na obserwacjach wizualnych, radarowych, na pomiarach objętości kropli w chmurze i pomiarze ewentualnie spadłego deszczu. Tylko takie szczegółowe badania pozwalają ocenić skuteczność eksperymentu. Widzimy z tego, jak trudno go nie tylko przeprowadzić, ale przede wszystkim ocenić efekty. Wymaga to przecież wysoko kwalifikowanych fachowców, nowoczesnych środków technicznych a tym samym poważnych nakładów finansowych. Mimo, że w tej chwili doświadczenia pozostają w sferze badań naukowych rokuje zastosowanie praktyczne, szczególnie w wywoływaniu deszczu czy zapobieganiu opadom gradu. Oczywiście, że w chwili obecnej jakieś szersze zastosowanie uzyskanych wyników jest niemożliwe, chociażby ze względu na to, że potrzeb-

na byłaby gęsta sieć punktów obserwacyjnych, pozostających ze sobą w stałym kontakcie. Punkty te po wytopieniu chmury gradowej czy deszczowej musiałby przystąpić natychmiast do "ataku". Zdajemy sobie sprawę z kosztów utrzymania takich placówek, z których każda musi być wyposażona w nowoczesne środki techniczne.

Nasuwa się pytanie - czy kraje, które prowadzą takie badania wymieniają między sobą wyniki eksperymentów, czy istnieje jakaś współpraca? Otóż tak, ale "chmura chmurze nie równa" i można polegać tylko na znajomości procesów kondensacyjnych na danym obszarze. W Polsce badania prowadzone są od dwóch lat przez Zakład Aerologii PIHM. Nie mamy jeszcze wspaniałych, nowoczesnie wyposażonych samolotów-laboratoriów, ale upór polskich naukowców i poparcie zainteresowanych instytucji rokuje rozwój tego rodzaju badań. Szczególnie lotnictwo, zainteresowane badaniami nad rozpraszaniem chmur przychodzi z dużą pomocą Zakładowi, udostępniając samoloty i bardzo pomocny przy badaniach radar. Niewątpliwie oczekiwane korzyści ekonomiczne powodujące zmniejszenie strat wynikłych z burz czy gradobicia powodują, że coraz więcej państw przystępuje do przeprowadzania eksperymentów nad sztucznym oddziaływaniem na chmury.

JADWIGA SUSKA



DZIEJE JEDNEGO HOTELU

Po wielokrotnej wojennej i powojennej przerwie warszawski Hotel Europejski powrócił w sierpniu r. 1962 do swych normalnych "pokojoych" funkcji, odbudowany, zmodernizowany i urządzony na nowo.

Zacny pan Gerlach, znany w ubiegłym stuleciu warszawski stolarz, którego potomkowie zdradzili drewno dla metalu, nie przypuszczał zapewne, iż zajazd, który lat temu z górą sto postawił na Placu Saskim na przeciw odwachu, gdzie często oficerów polskich pod strażą trzymano, zrobi wielką, ba! światową karierę. Coprawda "zajazd" ten został przez nowych właścicieli hr. Przeździeckiego i kupca Wambacha tak przebudowany i zmieniony, że sam Gerlach go poznać nie mógł, ale Warszawa nadal nazywała hotel imieniem Gerlacha, choć na frontonie gmachu widniał duży nowy napis "Europejski".

Piękny budynek, postawiony w czworoboku ulic Czystej, dziś Ossolińskich, Krakowskiego Przedmieścia i Placu Saskiego zwraca na siebie ogólną uwagę i stał się, na owe czasy, chlubą Warszawy, stolicy "krajowi nadwiślańskiego". Ale zanim jeszcze zdążył się zapęłnić gośćmi, podróżującymi wtedy konną pocztą, zapęłnił się pewnego dnia wzburzoną tłumem, który wniósł do salonów hotelowych, bezwładne ciała ludzkie. Był 27 lutego 1860 roku. Dzień ten otworzył bogatą polityczną historię gmachu na placu Saskim. Nastroje w Warszawie były burzliwe, nie ustawały manifestacje przeciwko carskim satrapom i właśnie tego dnia do maszerującego przez Krakowskie Przedmieście tłumy — żandarmi oddali salwę i na zakrwawionym bruku pozostało pięciu poległych: obywatela ziemscy Karczewski i Rutkowski, technik z Francji Witte, przybyły do pracy przy moście Kierbedzia, robotnik Brendel i uczeń Arciszewski. Otóż ciała ich wniesiono do "Europejskiego", który przez 3 dni, aż do uroczystego pogrzebu ofiar masakry, przybrany kirem, stał się domem żałoby. Pielgrzymowała do trumien cała Warszawa, a nawet sam nowomianowany policmajster, Pauluzzi, Włoch z pochodzenia, stawiał się, aby złożyć hołd poległym.

Niewiele minęło lat, kiedy nowe wydarzenie ściągnęło do gmachu hotelowego chmurę żandarmów i szpicli carskiej "ochrany". Tym razem chodziło o zamordowanie niejakiego doktora Bertholda Hermanna, którego z nożem w piersi znaleziono w pokoju Nr. 42. W Warszawie opowiadano sobie na ucho, że Herman był po prostu agentem sprowadzonym przez namiestnika carskiego hr. Berga do ujęcia przywódców Powstania Styczniowego i śmierć spotkała go zapewne z wyroku sądu powstańczego. Ale, że sąd był dla policji nieuchwytny, a rozwścieczony hr. Berg chciał koniecznie powiesić winnego, porwano z cukierni Loursa, mieszczącej się w gmachu hotelowym, Bogu ducha winnego czeladnika, Juliana Chodakowskiego i pewnego poranka, nieszczęsny chłopiec zawisł na szubienicy, zbudowanej naprzeciw okien hotelowych.

Nowszy estap historii warszawskiej "Europy" w okresie przed pierwszą wojną światową nie oglądał już tak ponurych scen. Prze-

ciwnie, "Europa" stała się ulubionym miejscem spotkań high life'u stolicy i prowincji. Bogaci ziemianie na długo przed przyjazdem zamawiali w hotelu apartamenty i przy szampanie hucznie obchodzili karnawał. U Loursa, w kawiarni i na bilardach goszczą stali bywalcy: znakomici aktorzy z Frenklem na czele, zagląda tu ulubienica Warszawy, primadonna operetki Lucyna Messal, skutecznie rywalizująca z Kawecką, tubalnym głosem wita "piękne panie" mecenas Korwin Piotrowski, znany ze swej ekstrawagancji, dziennikarze z położonego prawie naprzeciwko "Kuriera Warszawskiego" kreślą tu na gorąco swoje notatki, które goniec redakcyjny zabiera do drukarni, zagląda ją literaci: Adam Strug, Tadeusz Kończyński, rzadkim, ale tym bardziej cenionym gościem jest Stefan Zeromski. Lourse staje się kuźnią anegdoty politycznej, która lotem błyskawicy obiega całe miasto i dociera także na Zamek do generała — gubernatora Skallona, który nie odważa się jednak na jakąś akcję przeciwko Loursowi; zbyt wielu gości zagranicznych przewija się przez "Europę". Jej właścicielem jest teraz księży Seweryn Czetwertyński, właściciel rozległych włości i fabryki wódek Suchowola. Ks. Czetwertyński słynie, jako znawca win, to też piwnice hotelu Europejskiego są znakomicie zaopatrzone. Potwierdza to monsieur Jobard, właściciel wielkich winnic w Burgundii, który po złożeniu wizyty w Warszawie i w Hotelu Europejskim stwierdził z podziwem, że w całej Europie nie spotkał tak wytrawnego "kipera", jakim jest "monsieur le prince".

Hotel rośnie i rozwija się wraz z Warszawą. Ładne żółte hotelowe karetki czekają na aworach kolejowych na swych gości. Konduktorem jednej z nich jest p. Kosiński, późniejszy długoletni dyrektor hotelu. W apartamentach hotelowych, goszczą koronowane głosem i zagraniczną, goszczą koronowane głowy. Jedną z pierwszych tego rodzaju wizyt, jeszcze w ub. stuleciu, był pobyt incognito księcia Walii, późniejszego Edwarda VII, który krótki czas przebywał w Warszawie, jako gość hr. Potockiego, mającego swój pałac vis a vis hotelu.

W Polsce niepodległej, w okresie międzywojennym wizyty tego rodzaju powtarzały się częściej: w "Europie" gościł cesarz Abisynii Heile Selassie, następca tronu Japonii i wreszcie, już na krótko przed II wojną światową zajeżdżał tam szumnie albański Achmed Zogu wraz z całą swoją, przeważnie damską "świątą".

Kawiarnia hotelowa, zwana popularnie "Europą" staje się "salonem politycznym" Warszawy i miejscem spotkań "pułkowników" za rządów sanacji. Przy własnym, na stałe zarezerwowanym stoliku, przesiaduje tu cddzień pułk. Stawek, bliski współpracownik Marsz. Piłsudskiego. Nie obcą jest w "Europie" tego postać wiceministra Spraw Zagranicznych Szembeka, a i sam minister Beck przychodzi tu czasami z pobliskiego M. S. Z. Loursa, który jest nadal ulubioną cukiernią świata artystycznego, przeniesiono na inny narożnik przy ul. Ossolińskich. Tam, gdzie był dawniej, pysznią się w oknach wystawowych "automobile" — nowa pasja wytwornego świata — Fiat, montowany w Polsce. Od strony Placu Saskiego polyskują w słońcu brylanty w magazynie Wabi Wapińskiego, na Krakowskim Przedmieściu mieści się znana księgarnia Spółki Wydawniczej Trzaska, Evert, Michalski, na Ossolińskich goście ho-



Joe Mehojah ze szczepu indiańskiego Kaw i Joe Henry ze szczepu Winnebago w stanie Nebraska w czasie przyjazdu w Ambasadzie Indonezyjskiej w Waszyngtonie wydanej dla

delegatów Narodowego Kongresu Indian Amerykańskich. Nieco dalej Magdalena White Eagle ze szczepu Winnebago.

Zagadka Jaćwingów nadal interesująca

W "Małej Encyklopedii Powszechnej" można przeczytać następującą informację: "Jaćwież, terytorium i nazwa plemienia Jaćwingów, bliskiego dawnym Prusom; na wschód od Wielkich Jezior Mazurskich, wzdłuż Szeszupy i wokół Wigier. — W XIII w. Jaćwingowie dokonywali łupieżczych najazdów na Polskę i Ruś Halicko-Włodzimierską; około 1283 r. terytorium ich zdobyli Krzyżacy i wyniszczyli ludność".

Tyle encyklopedia. Taka wiadomość nie wystarcza jednak badaczom i historykom. Stąd też wyjaśnienie zagadki tego ludu stało się przedmiotem szczegółowych badań.

Dzieje Jaćwingów, tajemniczego ludu bałtyckiego, który odegrał dużą rolę w okresie kształtowania się Państwa Polskiego, a w kilka stuleci potem zagał, to jeden z najbardziej frapujących problemów naukowych. Wiadomo, że Jaćwingowie zamieszkiwali tereny na północno-wschodniej granicy polskiej, ale skąd się oni wywodzili, jakie były źródła ich siły — to niektóre z pytań wciąż jeszcze pozostające bez odpowiedzi.

W czerwcu br. rozpoczął się na Białostoczczyźnie szósty już kolejny sezon terenowych Kompleksowej Ekspedycji Jaćwierskiej, którą kieruje dr Jerzy Antkiewicz z Muzeum Archeologicznego w Warszawie. W badaniach tych biorą udział historycy, archeolodzy, antropolodzy, językoznawcy a także przedstawiciele innych dyscyplin naukowych. Grupę językoznawców prowadzi przybyły do Polski wraz ze swoimi studentami szwedzki uczony, dyrektor Instytutu Sławistycznego w Lund — prof. dr Knut Olaf Falk.

Prof. Falk to znany i ceniony badacz języka, wymowy i składni ludności Białostoczczyzny. Wyniki swych badań, rozpoczętych jeszcze w okresie dwudziestolecia międzywojennego, opublikował w języku polskim podczas II wojny światowej.

Warto dodać, że niedawno ukazał się specjalny drugi numer Rocznika Białostocznego, poświęconego całkowicie temu uczoneму i jego badaniom. Kompleksowa Ekspedycja Jaćwierska zmierza do możliwie wszechstronnego oświetlenia zagadkowej przeszłości Jaćwierzy. Dotychczasowe badania przyniosły już inte-

telowi mogą zaopatrzyć się we wspaniałą broń myśliwską.

Spośród stałych mieszkańców hotelu najbardziej znaną jest postać wysokiego wzrostu starego mężczyzny, który w wyszarzanej jesionce spaceruje powoli, nie oddalając się od gmachu. To piewca skalnego Podhala, Kazimierzze Przerwa — Tetmejer, zagrożony ślepotą, znalazł w hotelu Czetwertyńskich bezpłatne dożywocie.

Wrzesień 1939 roku zburzył prosperity świetnego budynku. W ciągu kilku dni opustoszały apartamenty i pokoje, pospiesznie wywożono zdobię hotelu dzieła sztuki, opróżniono piwnice. Po kapitulacji stolicy, w "Europie" zjawili się inni "goście": w generalskich mundurach i w czapkach z trupa czaszką SS.

"Europa" zapadła w długi letarg, z którego dopiero teraz, po dwukrotnej już przebudowie i po wielu zmianach, obudziła się do nowego życia.

LEOPOLD MARSCHAK

resujące wyniki. Oto np. archeologowie odkryli na Suwalszczyźnie grupę cmentarzysk, głównie w dorzeczu Czarnej Hańczy, które rzuciły wiele światła na wykształcenie się społeczeństwa u Jaćwingów na przełomie XI i XII w. Uchwyceno zarówno początkowy okres rozwarstwienia się społeczności jaćwierskiej, jak też powstanie tu pierwszej grupy możnych książąt. Badania przyniosły również wiele danych na temat kultury materialnej i sposobu życia ówczesnych Jaćwingów.

Przy pomocy antropologów udało się stwierdzić, że górna granica wieku pochowanych w cmentarzyskach mężczyzn osiągała wyjątkowo 40 lat, gdy przeciętna wynosiła zaledwie 30 lat życia. Kobiety umierały wcześniej w wieku od 25 do 30 lat i to większość w wyniku złych warunków higienicznych przy porodzie. Innym kierunkiem badań jest poszukiwanie relikwii jaćwier-

Królewski skarb Inków

Romantyczna historia królewskiego skarbu Rady zjawili się na zamku nidzickim i Wacławowi Berzeviczy, który adoptował osieroconego Antonia wręczyli dokumenty przekazujące Antoniowi skarb królewski Inków i zarazem wskazujące miejsce ich ukrycia.

Wacław Berzeviczy zobowiązał się dokumentu przechować, a "gdyby żadne poselskie rzeczono Antonia Inkasa nie odebrało... wolę Prześmiertnej Rady szanując wręczny mi testament jako największą mieć relikwię i w miejscu z Prześmiertną Radą upatrzonym pod ostatnim stopniem pierwszej bramy górnego zamku, a nie kiedy indziej "manu propria" ukryć.

Antonio nie wrócił do kraju i ożenił się z Polką, córką napoleońskiego oficera. Przed kilku laty zjawiał się ich prawnuk w Nidzicy, wylegitymował się dokumentami i żądał wydania zakopanego testamentu. Rzeczywiście, we wskazanym miejscu pod stopniem pierwszej bramy górnego zamku, gdy odwalono kamienie, testament został odnaleziony. Nie zdołano go jednak odczytać, pisany był bowiem na rzemykach nieznanym pismem węzełkowatym Inków. Testament pozostał w Polsce, a królewski skarb Inków leży nadal nietknięty w Peru.

Po wojnie zamek pieczolowicze odrestaurowano. Części pozostające w ruinach zostały odbudowane w pierwotnym historycznym kształcie.

Ale co to wszystko ma wspólnego z królewskim skarbem Inków? Otóż ma i to bardzo wiele. Piszą o tym Hanna Pieńkowska i Tadeusz Stażek w książce: "Droga skalnej ziemi", opartym o dokumenty znajdujące się w Archiwum Wojewódzkiego Konserwatora Zabytków w Krakowie.

W XVIII w. niejaki Sebastian Berzeviczy poślubił w Peru piękną Indiankę i przywiózł ją do kraju. Ich jedyną córką Umina poślubił z kolei Indianina Tupaka Amuru, potomka królewskiego rodu Inków i miała z nim syna, Antonia. Ów Antonio odziedziczył niezmierny skarb królewski Inków, ukryty przez Radę Inków. W r. 1797 przedstawiciele

skich na północno-wschodnich ziemiach polskich. Językoznawcy odnajdują je m. in. w nazwach wód, pól, a także w nazwach miejscowości. Ciekawe wyniki przynoszą również pomiary antropologiczne wśród współczesnej ludności wiejskiej, oto np. mieszkańcy Suwałk wykazują wiele elementów rasowych charakterystycznych dla ludów bałtyckich. Jednocześnie historycy badają demografię ludności wiejskiej XVIII i XIX w. na podstawie ksiąg metrykalnych zachowanych w różnych archiwach powiatowych. Nie ulega już dziś wątpliwości, że zamieszkała tu dziś ludność polska i litewska wchłonęła w średniowieczu (w XIV w.) resztki Jaćwingów, którzy zdążyli unikać krzyżackiego miecza. Uczeń spodziewają się, że kompleksowe badania przyczynią się do ostatecznego wyjaśnienia zagadki państwa Jaćwingów, co niewątpliwie szerzej objaśni proces kształtowania się państwowości polskiej oraz stosunki ówczesnej Polski z ludami zamieszkującymi na jej granicach.

(KAI)

Antonio nie wrócił do kraju i ożenił się z Polką, córką napoleońskiego oficera. Przed kilku laty zjawiał się ich prawnuk w Nidzicy, wylegitymował się dokumentami i żądał wydania zakopanego testamentu. Rzeczywiście, we wskazanym miejscu pod stopniem pierwszej bramy górnego zamku, gdy odwalono kamienie, testament został odnaleziony. Nie zdołano go jednak odczytać, pisany był bowiem na rzemykach nieznanym pismem węzełkowatym Inków. Testament pozostał w Polsce, a królewski skarb Inków leży nadal nietknięty w Peru.

Antonio nie wrócił do kraju i ożenił się z Polką, córką napoleońskiego oficera. Przed kilku laty zjawiał się ich prawnuk w Nidzicy, wylegitymował się dokumentami i żądał wydania zakopanego testamentu. Rzeczywiście, we wskazanym miejscu pod stopniem pierwszej bramy górnego zamku, gdy odwalono kamienie, testament został odnaleziony. Nie zdołano go jednak odczytać, pisany był bowiem na rzemykach nieznanym pismem węzełkowatym Inków. Testament pozostał w Polsce, a królewski skarb Inków leży nadal nietknięty w Peru.

Antonio nie wrócił do kraju i ożenił się z Polką, córką napoleońskiego oficera.

Przed kilku laty zjawiał się ich prawnuk w Nidzicy, wylegitymował się dokumentami i żądał wydania zakopanego testamentu. Rzeczywiście, we wskazanym miejscu pod stopniem pierwszej bramy górnego zamku, gdy odwalono kamienie, testament został odnaleziony. Nie zdołano go jednak odczytać, pisany był bowiem na rzemykach nieznanym pismem węzełkowatym Inków. Testament pozostał w Polsce, a królewski skarb Inków leży nadal nietknięty w Peru.

(Sz.)

Największe i najpopularniejsze pismo polskie w Kanadzie

ZWIĄZKOWIEC

wydawane dwa razy w tygodniu które zawsze wyczerpująco informuje o ostatnich wydarzeniach w Kanadzie, Polsce i w świecie.

Prenumerata roczna:

w Kanadzie \$ 6.00, zagranicą \$ 7.00 Po bezpłatne numery okazowe pisać do:

POLISH ALLIANCE PRESS

1475 Queen St. W. Toronto 3, Ont.

Tel.: LE. 1-2491 — CANADA



Blaski i nędze wojny na "Sokole"

5.

Po wyprawie na Pylos, która o mały włos panny Marianny byłaby się skończyła tragicznie, wypoczywaliśmy w bazie zaledwie cztery dni. Pewnego wieczora zadudniły na wąskich uliczkach La Valette łaziki wojskowe. Żandarmeria wylapywała marynarzy skąd się dało: z kin, barów i bajzli. Alarm! Załadowano nas w pośpiechu na okręt. Nie było czasu nawet na dowieszenie żywności, dostarczono tylko trochę chleba i pomidorów.

Razem z nami wyruszyły dwa okręty podwodne angielskie. Jak zwykle dopiero na pełnym morzu dowiedzieliśmy się co się stało. Dwóch lotników angielskich zostało zestrzelonych nad morzem Śródziemnym. Mieliśmy ich odnaleźć.

Jak żyję nie widziałem jeszcze, żeby morze Śródziemne było takie złe. Zadanie wymagało pozostawania na powierzchni, a nasz okręt, istna łupinka, tańczył cały czas sarabandę. Mozolać się przy sterze musiałem się trzymać bez przerwy za rurę i proszę mi wierzyć, że był to niemały wysiłek.

W La Valette wsiadło na "Sokoła" dwóch angielskich łapiduchów: lekarz i sanitariusz. Byli to faceci, którzy w ogóle nie znali morza. No, i wyobraźcie sobie, że kiedy się męczę przy sterze, jedną ręką ściskając jak kochankę rurę, przyłazi ten sanitariusz angielski, koszula cała zarzygana, gość ledwo się trzyma na nogach i pyta troskliwie jak się czuję. Myślałem, że pękne ze śmiechu.

Jezdziliśmy cztery dni, widoczność była marna, a morze burzliwe, jak cholera, okręt się prawie przewracał. Lotników, rzecz jasna, nie spotkaliśmy, pewno się utopili.

Po powrocie pozostaliśmy na bazie tylko cztery dni i nikt się z tego powodu nie martwił, ponieważ w tym właśnie czasie zaczęły się ataki lotnicze na Maltę, tak regularne, że można było według nich nastawiać zegarek. Pierwszy nalot nastąpił o 6, a drugi o 10 rano. W nocy o godz. 10 Niemcy przylatywali, ale nie rzucali bomb, tylko warczało to świnstwo i warczało tak, że spać nie można było. Za to w dzień bomby padały gęsto jak grad, domy waliły się, a wszyscy cywile wiali w góry.

Poszliśmy znowu na Adriatyk. Było to tak jakoś na początku r. 1942, pogoda znośna, tylko mgły się czasami włościły. Doszliśmy bez przeszkody do Triestu i przycupnąwszy grzecznie czekamy. Człowiek się w takich wypadkach czuje jak myśliwy i jak zwierzyzna jednocześnie.

No, dobra! Nie minęło wiele czasu, gdy z portu wypłynął niewielki frachtowiec, może trzy tysiące ton. Kapitan Karnowski wypalił dwie torpedy i łajba rozleciała się w mgnieniu oka, tylko dym poszedł.

Patrzmy, a tu z Triestu pędzą co sił w motorze dwa poławiacze min. Przypuszczali zapewne, że statek wpadł na minę, gdyż tak daleko pod sam port nie považyl się jeszcze podjechać żaden okręt angielski.

Zanurzyliśmy się, pozwoliliśmy poławiaczom pobawić się trochę w łowienie min, a gdy odjechały wypłynęliśmy na powierzchnię.

Staliśmy tak cierpliwie jeden dzień, dwa, trzy, aż wreszcie cierpliwość nasza została wynagrodzona. Z portu wypłynął drugi statek, też mikrus, ze trzy tysiące ton. Jedna torpeda, trzask! i już po nim, tylko kilka łebków zaczęło się na wodzie. Przyznam się, że nie zwracałem sobie wtedy głowy losom załogi storpedowanego statku. Do łądu było blisko, może się tam komu udało uratować. Człowiek musiał myśleć o własnej skórze, dziś oni, jutro my. Wojna. Nie myśmy ją wymyślili. Ale z perspektywy czasu jak sobie przypomnę to mi się robi przykre. Większy statek, gdy zostanie storpedowany to jeszcze zwykle uda się spuścić łódź, bo nie wszystkie grodzie zostały przedziurawione. Ale taka mała łajba to od razu idzie na dno. Nie ma nawet czasu na spisanie testamentu.

No, dobrze, widzimy jak po wybuchu wylatują z portu dwa okręty. Ale tym razem nie były to poławiacze min tylko niszczyciele. Widocznie, Włosi doszli do przekonania, że sprawcą zatopienia statków nie były miny tylko łódź podwodna. Zanurzyliśmy się natychmiast, a oni rzucili trochę bomb głębinowych tu i tam, dość bezładnie, nie szarpiać nam w sumie zbyt nerwowo.

Kapitan Karnowski chciał jeszcze po tej przygodzie popołować, ponieważ mieliśmy jedną torpedę w rurze, ale w dwa dni potem przyszedł rozkaz powrotu do bazy. Podróż na Maltę odbyła się bez żadnej dalszej sensacji.

Następny patrol wypadł w kierunku Korsyki.

W pobliżu tej skalistej wyspy napotczył się nam niewielki stateczek o wyporności około tysiąca ton. Kazaliśmy mu się zatrzymać strzelając z armaty przed dziób. Załoga natychmiast spuściła łódzie i związała, a my wyprawiliśmy się na statek, żeby wysadzić go w powietrze. Była to pierwsza łajba, którą wzięliśmy "żywcem" i ciekawiło mnie mocno jak też ona wygląda. Podczas, gdy koledzy zakładali ładunek trotylu przebiegałem z jednym z przyjaciół pomieszczenia załogi.

W mesie stało jeszcze na stole niedojedzone śniadanie. Pachniało kawą. Wzięliśmy z bufetu gąsiorek wina, z podłogi podniosłem hełm włoski. Wychodziłem już z mesy, gdy doszło mnie żałosne miauczenie. Nieduży, biało-czarny kotek wylazł z jakiegoś zakamarka i przyglądał mi się przyjaźnie zielonymi ślipkami. Nie stawił oporu, gdy go brałem.

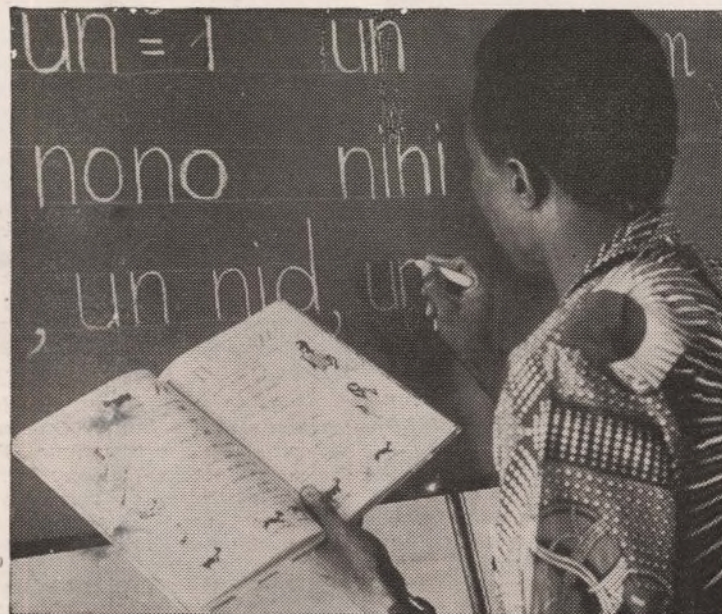
To była cała nasza zdobycz — ten hełm, kot i wino. Ale wina nawet nie skosztowałem, gdyż kiedy gąsiorek znalazł się na pokładzie "Sokoła" jakiś bałwan wrzucił go do morza wołając:

— Zatrute, zatrute!

Co do kota to towarzyszył nam wierne, aż do Malty. Łaził po całym okręcie, mruczał, ocierał mi się o nogi. Słowem był to najzrozkoszniejszy kot jakiego znałem. Ape, gdy przybyliśmy na Maltę znikł w tajemniczy sposób. Cała załoga szukała drania i nie mogła znaleźć. Przepadł jak kamień w wodę.

Został się tylko hełm. (D. c. n.)

JERZY RYSZARD FUSIARSKI



Organizacja Narodów Zjednoczonych rozpoczęła wielką kampanię walki z analfabetyzmem. W najbliższym czasie na całej kuli ziemskiej 700 milionów osób ma przejść przeszkolenie w zakresie nauki czytania i pisania.

Na zdjęciu: nauczycielka w Górnej Wolcie, Keita Diekine, w czasie lekcji w ośrodku szkoleniowym utrzymywanym przez Narody Zjednoczone.

ENCARTE AO N.º 36 DA REVISTA POLONÊSA "PRZEGLAD POLSKI"

EQUIPAMENTO ELÉTRICO DE ALTA E BAIXA TENSÃO



REN-O-MAX

lej
ni
a i
sz-
8

is-
ny
ych
ziej
je
yte
na
ym
eż-
my
od-
tek
pi-
tek
osi
ie-
oz-
io-
zie
i.
de
do
ró-
zy-
zed
ich
as-

ich
na
KI



sku
lej-
Po
Tu-

E

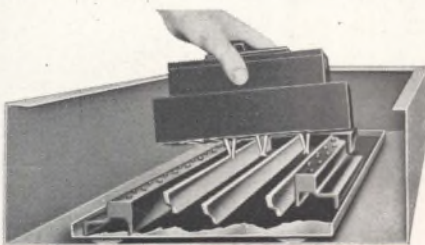
P
wlo
czyi
zie
ra
Val
wyl
kin
nas
su
tar
row
R
pod
ro r
sie
zost
zier
J
mo
wyr
a n
cza
rau
re i
wys
W
dwi
san
le n
ze l
ka
ten
rzy
gac
lale
J
la r
okr
zecz
uto
P
tylk
nie
sie
tak
nas
tep
o g
rzu
i w
Za
gra
wia
P
tak
zno
Dos
prz
wie
my
N
z p
mo
nov
leci
pos
P
w r
szc
ne,
wa
kre



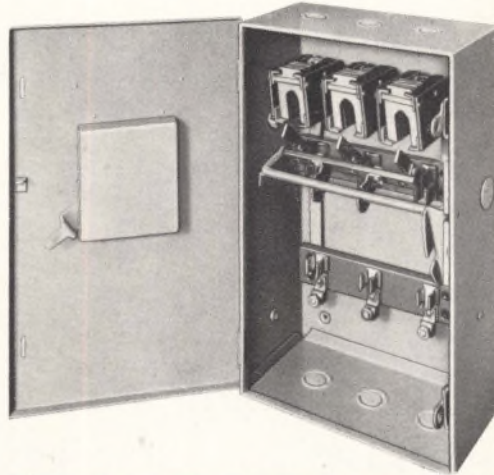
Chave blindada de 30 a 2000A, até 600V, de desligamento rápido com comando lateral.



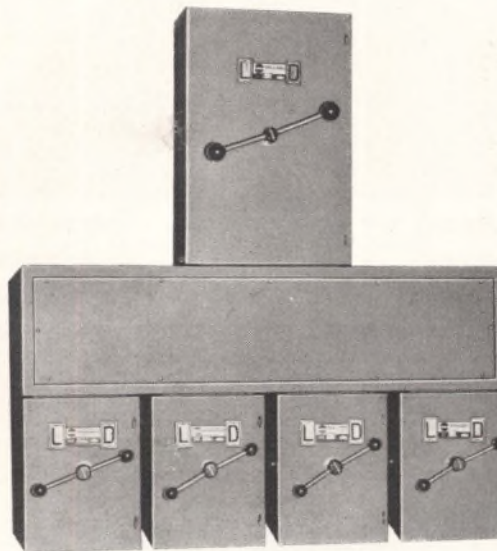
Chave blindada de 30 a 600A, até 600V, de ligamento e desligamento extra-rápido (quick make-quick break) com comando frontal, com travamento da porta.



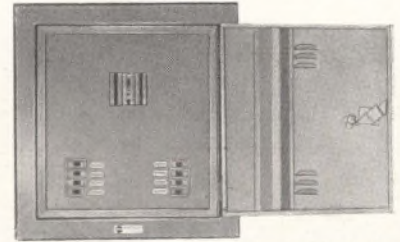
Disjuntores tripolares automáticos, termo-magnéticos, em carcassa de baquelite, marca Federal Pacific Electric Co., de 15 a 400A de tipo extraível, e de 15 a 800A de tipo fixo.



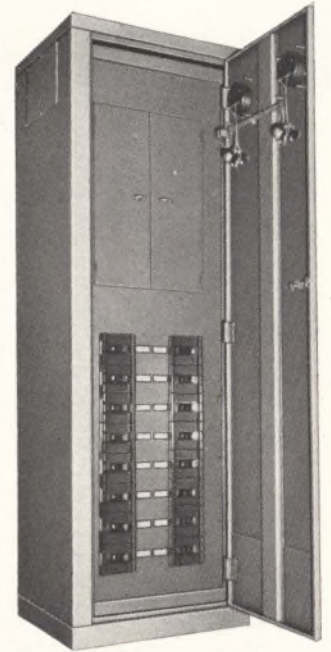
Chave blindada para serviço pesado, com câmaras de-ionizadoras de arco, para rutura brusca à plena carga, com comando frontal na porta.



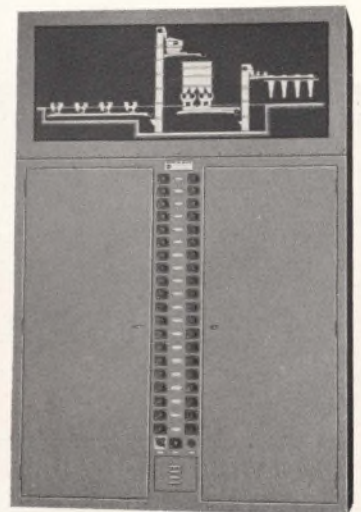
Bateria blindada para distribuição de luz e força, à prova de poeira e de água.



Quadro de distribuição de luz, com disjuntores automáticos, termo-magnéticos, unipolares e tripolares.

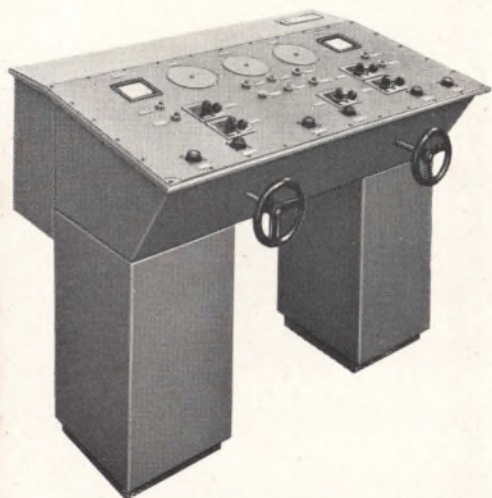


Quadro de distribuição de luz e força, com disjuntores automáticos, termo-magnéticos, tripolares, extraíveis, marca Federal Pacific Electric Co.

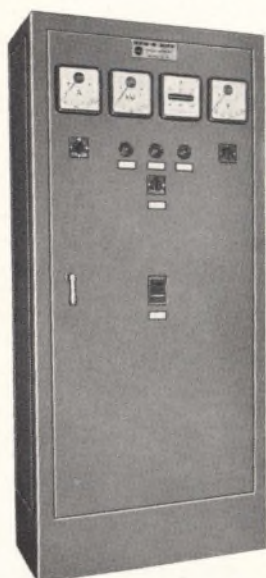


Quadro sinótico com esquema luminoso para Usinas, Moinhos, Fundições, etc.

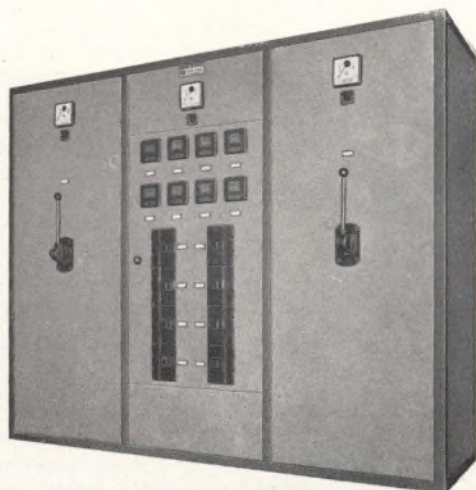




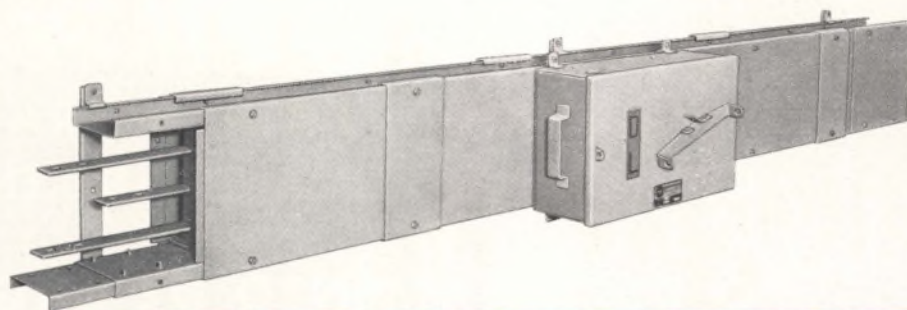
Mesa de contrôle e comando.



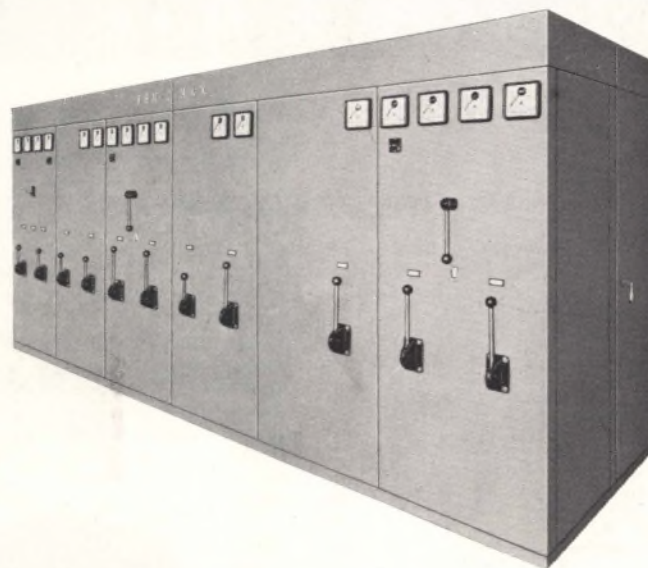
Quadro de contrôle e comando para gerador.



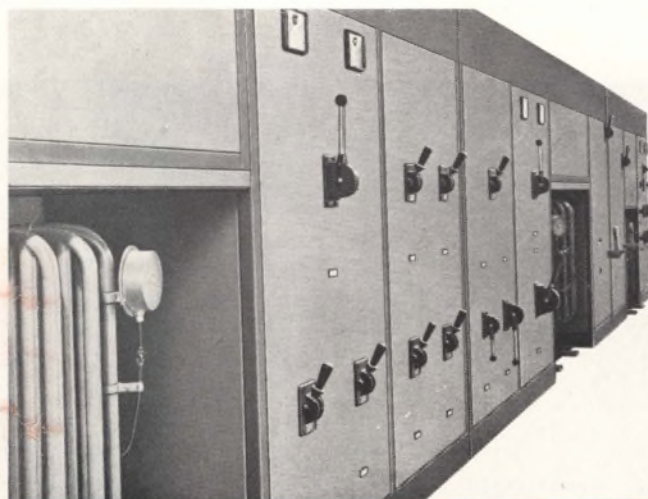
Quadro tipo CENTRO-CARGA (Load Center) equipado com disjuntores automáticos extraíveis marca "Federal Pacific Electric Co."



Barra blindada (busduct) com chave de derivação de ligamento e desligamento extra-rápido, provida de garras de encaixe na barra.



Quadro tipo CENTRO-CARGA (Load Center) equipado com chaves de faca de ligamento e desligamento extra-rápido (quick make — quick break), com comando frontal.



Subestação blindada tipo UNI-BLOCO (Unit Substation).

lej
hni
a i
sz-
8
is-
ny
ych
ziej
je
yte
na
ym
ez-
my
od-
tek
pi-
tek
osi
ie-
oz-
io-
zie
i.
de
do
fó-
zy-
zed
ich
as-
ich
na
KI

sku
lej-
Po
Tu-

**EQUIPAMENTOS ELÉTRICOS MODERNOS
DE ALTA QUALIDADE - PARA DISTRIBUIÇÃO,
CONTRÔLE E COMANDO DE ENERGIA ELÉTRICA.**

**O DEPARTAMENTO DE ENGENHARIA DA
REN-O-MAX PROJETA E FABRICA OS EQUIPAMEN-
TOS, FORNECENDO UMA ASSISTÊNCIA COMPLETA.**

REPRESENTANTES EXCLUSIVOS DA

FEDERAL PACIFIC ELECTRIC CO.

NEWARK N.J. U.S.A.



REN-O-MAX

INDÚSTRIA ELETROMECÂNICA LTDA.

RUA MADRE DE DEUS, 217/227 - CAIXA POSTAL 2504

End. Telegr. "ELETROARCO" - SÃO PAULO

TELS. 93-5669 e 93-2698

P
wlo
czył
zie
ra
Val
wyl
kin,
nas
su
tarc
rów
R
pod
ro
się
zost
zien
J
mo
wyn
a n
czas
mus
re i
wys
W
dwo
san
le n
ze k
ka
ten
rzyg
gac
lale
Je
la n
okre
rzec
utor
P
tylk
nie
sie
tak
nas
tepc
o g
rzuc
i wa
Za
gra
wia
P
tak
zno
Dos
przy
wie
mys
N
z p
mo
now
leci
pos
P
w n
szcz
ne,
wa
kre

SZLAKIEM JASKÓŁEK

(DOKOŃCZENIE Z NR. 35)

Chwila wahania. Czy ryzykować zjazd w tę czełuść, żeby tam poszukać jakiegoś miejsca na biwak?

Decydujemy się na bardzo trudny i eksponowany trawers, który wyprowadza nas... na jeszcze trudniejsze i bardziej niebezpieczne miejsce. Pionowe, nadłamane obeliski skalne. Aż dziw, że jeszcze zachowały równowagę. Lekkie oparcie ręki, a wylatują graniastosłupy ważące tony. Mamy jednak szczęście. Nieco później znajdujemy znakomitą platformę zasłoniętą od wiatru.

Miejsca nie jest zbyt dużo i nie możemy się wszyscy pomieścić w śpiworach w pozycji leżącej. Wobec tego w szczelinę wkładamy dwa czekany i obaj z Witekkiem oparłszy się plecami o brzeg platformy kładziemy nogi na czekanach. Oczywiście, przywiązujemy się starannie do haków.

Śpimy długo, bo już właściwie nie mamy się po co spieszyć. Budzę się pierwszy i wychylam głowę ze śpiwora. Jest różne, pogodne powietrze. Widok przepiękny. Obok mnie worki ze śpiącymi towarzyszami, a przy każdym otworze przy ustach pióropusz szronu. Gdy przechyłem głowę, którą trzymam na krawędzi półki, śpię bowiem po zewnętrznej stronie, wprost pode mną kilkusetmetrowa pionowa zerwa, a dalej głęboko w dole miniaturowe domki włoskiej miejsciny alpejskiej.

W chwilę później gotujemy na **koche-rach** i zwijamy biwak. Zmarznęte buty dzwiczają metalicznie, wymagają jeszcze podgrzania na maszynie spirytusowej.

Po śniadaniu zaczyna się morderca. Zjazdy i zjazdy. Na Point Young i na Col des Grandes Jorasses. Około 120 metrów obniżamy się samymi zjazdami. Niektóre są długości przeszło 30 m (pół wieży Mariackiej w Krakowie) zupełnie wolno w powietrzu tak, że musimy wiązać dwie liny i oczywiście o asekuracji nie ma mowy, gdyż więcej lin nie posiadamy. Zmieniam co chwila klucz zjazdowy z jednej nogi na drugą. Uda mam obolałe od liny, ręce opuchnięte, otarte i zakrwawione. Coraz częstsze odpoczynki, liny się płaczą. Spadające kamienie świszczą nam nad głowami. Nareszcie!

O 15 jesteśmy na przełęczy. Stąd stromą ścianą śnieżną schodzimy poprzez poziomo biegnące szczeliny dachówkwa-to nachodzące na siebie. Idziemy rabiąc gęsto stopnie w twardym lodzie na pełny wyciąg liny tj. w odległości ok. 30 m jeden od drugiego. Dzięki tej ostrożności unikamy przykrego, może nawet tragicznego wypadku. Jeden z kolegów, idący przede mną, ma bardzo oblepione raki mokrym śniegiem, leżącym na lodzie i w chwili otrzepywania śniegu, przez uderzenie czekanem w but, traci nagle równowagę poślizgnąwszy się niespodziewanie. Czuję gwałtowne szarpnięcie w pasie, ale oparty na dobrze wbitym czekaniu zachowuję równowagę. Spoglądam w górę. Czwartą na linie idący za mną nie zdaje sobie nawet sprawy co go ewentualnie czekało, gdybym w tym momencie nie stał mocno. Nie zauważył nic, gdyż nawieszająca się warga szczeliny zasłania mu widok idących przed nami dwóch kolegów.

Widzę po minach moich partnerów, że są tak samo jak ja zaabsorbowani obserwacją szczeliny brzeźnej, dzielącej lód lodowca z partią lodu związaną z masywem Jorasses. Mimo, że nie zamieniliśmy

słowa na ten temat zdajemy sobie wszyscy sprawę co oznacza nieprzerwana linia szczeliny biegnąca wzdłuż całego lodowca. Twarze nam się wydłużają. Wiemy, że są lata kiedy Col du Grandes Jorasses jest niedostępna dla człowieka. Niestety, nie uprzedzono nas o tym. Czy zdołamy się przedostać na drugą stronę szczeliny? Naszą szansą jest to, że schodzimy z góry, a zatem przeciwległy brzeg szczeliny znajduje się niżej, niż nasz. W przeciwnym wypadku, tj. gdybyśmy się wspinali w górę, nie mielibyśmy szans na przedostanie się. Próbuje jeszcze szczęścia i rozdzielwszy się lustrujemy w dwóch przeciwległych kierunkach szczelinę.

Może jednak znajdziemy jakiś most śnieżny, po którym da się przejść. Przeszło godzinne poszukiwania nie dają rezultatu. Wybieramy wreszcie miejsce, gdzie wydaje się, że szczelina jest najwęższa, a jej przeciwległy brzeg niski i decydujemy się skakać.

Pierwszy robi to Witek. Przywiązuje się do dwóch lin, a asekurację robimy mu na trzech mocno w twarde śnieg wbitych czekanach.

Dochodzi do brzegu, "robi przymiarke", wybiera kilkanaście metrów liny luzu potrzebnego na przelot szczeliny, następnie cofa się dla nabrania rozpędu. W ręku ma młotek. Waha się chwileczkę, potem rozpędza... Zamykam oczy i dociskam czekan ciężarem ciała. Jeśli Witek nie doleci do przeciwległego brzegu należy oczekiwać ogromnego szarpnięcia. Po chwili słyszę giuche zderzenie i widzę go przyklepionego rękami i nogami znacznie poniżej, jeszcze wewnątrz ogromnej czełuści na jej stromej lodowej ścianie. Trochę oszołomiony leży przez chwilę bez ruchu.

Teraz kolej na mnie. Tremę mam wielką. Rozpędzam się, odbijam i... chcę koniecznie wrócić ale za późno. Lecę i lecę ponad kilkudziesięciometrową szczeliną, wylądowawszy w końcu nogami i nosem na twardym zmrożonym śniegu zalegającym niekiedy w górnej części ściany. Mimo lekkiego bólu z rozkrwawionego nosa wychodzę szczęśliwy, że ta przyjemność już poza mną. 8 metrów lotu w powietrzu to dobre dla Owensa, a nie dla mnie, w dodatku solidnie ubranego, w ciężkich butach.

"Kolejką linową" na zapiętych na linie karabinkach zjeżdżają plecaki. Potem skaczą dwaj Staszki. Worwa jest trochę za mały na taki skok i dłuższą chwilę nie może się zdecydować.

Asekuruję kolejno skaczących, biegnąc razem z nimi, po czym w momencie skoku rzucam się głową naprzód by w ten sposób skrócić długość luźnej liny w wypadku, gdyby nie przeskoczyli szczeliny. Przez ten czas Witek fotografuje.

Poza rozbitymi okularami i nosami akcja odbywa się sprawnie i bez szwanku.

Upatrujemy dalszą drogę zejściową poprzez lodowiec du Mont Mellet, następnie zabieramy się do jedzenia. Wiemy już na pewno, że teraz droga przed nami jest prosta i nie grozi nam następny biwak. Wyjmujemy resztki jedzenia i przyrządzamy ostatnią na "szlaku jaskółek" herbatę. Potem bez pośpiechu schodzimy lodowcem du Mont Mellet do widocznego, położonego o 1.300 m niżej, schroniska Lescheux.

Klucząc wśród seraków i szczelin coraz niżej i niżej spoglądamy w kierunku wysmukłej turni Dru. Czy naszym ko-

legom powiodło się na tej wspaniałej ścianie równie dobrze? Jesteśmy pełni strasznego niepokoju.

Ostatnie krótkie podejście z lodowca i osiągamy z powrotem schronisko opuszczone trzy dni temu. Jest godzina 8 wieczór.

Gospodarz schroniska sam jest alpinistą i wie dokąd się wybraliśmy. Mocny uścisk jego dłoni i dłoni znajdujących się w schronisku alpinistów jest bardziej wymowny, niż jakiegokolwiek gratulacje. Jesteśmy dumni. Doświadczenie zdobyte w Tatrach pozwoliło się nam porwać na tak wielką drogę i przejść ją w dobrym czasie pomimo sprzętu trzy razy cięższego od tego, który używa się obecnie.

Następny dzień odpoczywamy, leżymy na "werandzie" tj. trzech deskach, oddzielonych od stromego piargu skałek pod nami drewnianą barierą, jedymy i pijemy. Zwłaszcza pijemy. Średni ubytek każdego z nas w ciągu trzech dni wynosi 5 kg, głównie wynik wielkiego odwodnienia organizmu na skutek wysiłku. Rozglądamy się po pięknych szczytach dookoła, który z nich ewentualnie będzie naszym najbliższym celem wspinaczki.

Po południu wracamy lodowcem de Montuver by dotrzeć później kolejką do Chamonix, do naszych wygodnych łóżek w hotelu. Zaslugujemy na odpocznik. Trzeba nabrać nowych sił przed dalszą walką z trudnościami wielkich ścian, walką nad samym sobą, nad własną słabością, lękiem.

Jorassy rzucają długie cienie. Ten ich obraz pozostanie nam w pamięci na zawsze.

JERZY PIOTROWSKI

SPRZEDAJĘ i PRZYJMUJĘ

W KOMIS

KSIĄŻKI POLSKIE

SEWERYN HARTMAN

Av. Ipiranga, 1071 — cj. 811

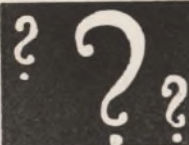
Caixa Postal 4530

Tel.: 35-5432

SÃO PAULO



W elektrowni "Turów" na Dolnym Śląsku rozpoczęto prace związane z rozruchem kolejnego, czwartego już bloku energetycznego. Po uruchomieniu tego bloku w grudniu br. "Turów" osiągnie 800 megawatów.

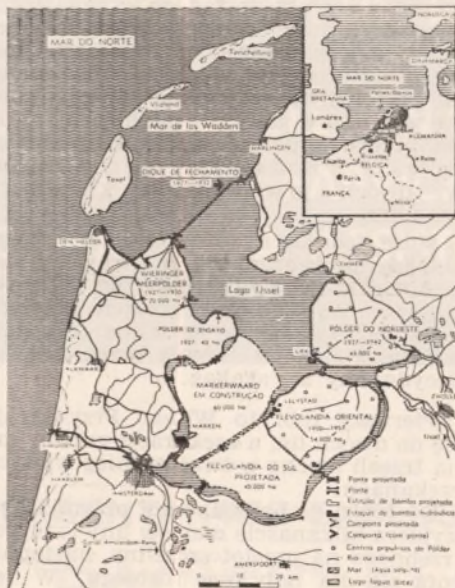


ZUIDERZEE

Niziny Holandii były od wieków miejscem ekspansji żywiołu wodnego. Holendrzy odgradzali się od morza tamami, ale wspomagane wichrami wdierało się ono coraz bardziej w głąb lądu. W ten sposób powstała olbrzymia zatoka — Zuiderzee. Ludzie z dawien dawna starali się odebrać morzu zagrabione ziemie. Z szeregu projektów pierwszy naprawdę realny opracowany został przez Cornelisa Lely.

Cornelis Lely całe swoje życie poświęcił sprawie Zuiderzee. Chodziło mu nie tylko o wykorzystanie tysięcy hektarów żyznej ziemi, lecz także o skrócenie granicy morskiej przez odgradzenie Zuiderzee od morza i stworzenie w ten sposób skutecznej zapory przeciw jego atakom. Ludzie, jak to ludzie, nie bardzo wierzyli w możliwość wykonania podobnie gigantycznego dzieła. Dopomogli Cornelisowi te same siły przyrody, z którymi walczył, a mianowicie huragan, jaki spustoszył brzegi Zuiderzee w r. 1916. Gdy Lely umarł w r. 1929 sprawa osuszenia Zuiderzee była już zdecydowana, a roboty wykonawcze daleko posunięte.

Decyzja odgradzenia Zuiderzee od morza stanowiła akt wielkiej odwagi. Na całym świecie nie było modelu, na którym można by się wzorować. Ale Cornelis Lely zdołał przyciągnąć do współpracy znakomitego fizyka, laureata nagrody Nobla, prof. H. Lorentza. Prof. Lorentz i jego asystenci zużyli na potrzebne obliczenia osiem lat. Obliczenia te pozwoliły na określenie wysokości tamy i ustalenie jej profilu. Ponadto początkowo w laboratorium niemieckim, a następnie w Holandii, w Delft, wykonano próby na modelach, mające na celu sprawdzenie zachowania się wody w różnych warunkach i okolicznościach.



Prace nad wznoszeniem tamy, rozpoczęte w r. 1920, zakończono 28 maja 1932 r. Jeszcze przed jej zakończeniem w r. 1927 przystąpiono do prac nad osuszeniem części Zuiderzee na terenie polderu Wieringermer. W r. 1930 odgradzono ten polder od reszty jeziora. Ruszyły dwie stacje pomp hydraulicznych, jedna nosiła imię Cornelisa Lely. Odebrano morzu około 20 tys. ha żyznej ziemi. Później w r. 1942, w czasie drugiej wojny światowej, osuszono i oddano w użytkowanie rolnikom drugi polder t. zw. Północnozachodni i powierzchni 48 tys. ha, a w r. 1957 polder Flevoland o powierzchni 54 tys. ha. Dalsze prace trwają, a gdy zostaną całkowicie zakończone ogółem 220 tys. tj. 6,73 proc. całego obszaru Holandii będzie do niej przyłączone.

W miejscu, w którym nastąpiło połączenie obu ramion tamy, zbudowanej w r. 1932, widnieje biała wieża. Płaskorzeźba na tej wieży, dzieło Hildy Krop, przedstawia trzech kamieniarzy. Turysta, który zabłąkał się w te strony, zobaczy pod płaskorzeźbą skromny, a jednocześnie dumny napis: "Obecne pokolenie narodu zbudowało dla przyszłych pokoleń". (sh)

Telefoniczne Biuro Zleceń w Warszawie ma bardzo rozległy zakres działania. Na żądanie informuje o aktualnych wydarzeniach politycznych, gospodarczych i społecznych, podaje godziny dyżurów aptek, szpitali, repertuar kin, teatrów i wycieczek, wyniki loterii, stan pogody, godzinę, radzi co ugotować na obiad. Na zamówienie klientów Biuro budzi ich o oznaczonej godzinie, przypomina im określone rzeczy, przekazuje zlecenia, sprawdza obecność portierów i strażników.

Wspomnienia z Polski. — Wędrowki na emigracji.

Przygody w Brazylii.

Oto treść:

Zbioru opowiadań

Henryka Przyborowskiego p. t.

"RAPORT KARNY"

który ukaże się nakładem "Londyńskiej Biblioteki Literackiej"

BOLESŁAWA ŚWIDERSKIEGO

jako tom XXXVI.

Książka będzie liczyć około 300 stron druku. Cena w przedpłacie Ł 1. 6. 4 lub \$ 3. 0. 0.

Przedpłatę przyjmują w Brazylii:

Red. Seweryn Hartman, - "Przeгляд Polski" Caixa Postal 4530 — São Paulo.

Feliks Rokicki, - Rua Rep. de Peru 305, apt. 18 - Rio de Janeiro.

Janusz Orciuch - Móveis Cimo Caixa Postal 13, Curitiba - Paraná.



Coraz więcej kobiet zajmuje eksponowane stanowiska w przemyśle, bankowości, ubezpieczeniach i w innych dziedzinach działalności.

Marion Stephenson, na rysunku, jest wiceprezesem administracji National Broadcasting Company, jednego z największych przedsiębiorstw radiowych i telewizyjnych w Stanach Zjednoczonych.



Chociaż wielokrotnie lżejszy, niż zwykłe kamienie, pumeks należy do najtwardszych znanych nam minerałów. Łatwo się daje łamać i kruszyć na proszek. Pumeks utworzył się wiele milionów lat temu, w wyniku przemieszania law wulkanicznych z parą wodną.



Morze Sargassa, legendarne cmentarzysko tysięcy statków, odkryte zostało po raz pierwszy przez Kolumba w r. 1492. Ucneni i badacze zwalczają jego złą reputację. Morze to, położone na Atlantyku zachodnim, posiada kształt owalny i jest pokryte pływającymi wodorostami. Ciepłotę swych wód, najbardziej zasolonych na całym Atlantyku, morze Sargassa zawdzięcza Golfstromowi, 1), prądom kanaryjskim 2) i prądowi północno-równikowemu 3).



MIEJSCE POLSKI W EUROPIE

Historycy — demografowie dokonali nie lada dzieła: miejsce "statystycznej próżni" z wieków minionych, zapelnili przybliżonymi danymi o gęstości zaludnienia Europy w różnych okresach drugiego tysiąclecia po Chr. W świetle ich ustaleń Polska zajmuje na demopolitycznej mapie Europy ósme, siódme lub szóste miejsce, zależnie od tego, czy jakieś obliczenie przypada na czas rozkwitu państwa, czy na lata wojen i klęsk żywiołowych, które dziesiątkowały mieszkańców.

Okolo r. 1.000 terytorium Polski obejmowało 250 tys. km kw i było zamieszkałe przez 1 125 mln ludności. Polska Chrebrgo zajmowała wówczas ósme miejsce w Europie, po Francji, Hiszpanii z Portugalią, Włoszech, krajach bałkańskich, Niemczech oraz Anglii.

Niewiele więcej mieszkańców liczyła Polska w momencie, gdy na tron wstąpił Kazimierz Wielki. Na podstawie sumy świętopietrza ustalono, że Polaków było 1,25 mln, co nie zmieniło lokaty Polski na mapie demopolitycznej, choć w górze tabeli zaszły wówczas duże przesunięcia: na drugie miejsce wysunęła się Rosja, a Hiszpania z Portugalią spadły na szóste.

W 1661 r. ukazał się pierwszy szacunek ludności świata, dokonany przez włoskiego geografa Ricciolo. W oparciu o wielkość świętopietrza, liczbę "dymów" (domostw), ilość rekruta itp. Riccioli obliczył, że Europa, Afryka i Oceania miały wówczas po około 100 mln mieszkańców, Azja — pół miliarda, a Ameryka 200 milionów.

W Europie na pierwsze miejsce wysunęły się Niemcy Północne, a Polska znalazła się na siódmy, z 8 mln mieszkańców. W ciągu poprzedzających dziesięciu lat, wskutek ostrego kryzysu gospodarczego, spotęgowanego zniszczenia-

mi wojennymi, klęskami głodu i epidemii, straciła ona około 20 proc. ludności.

Przed pierwszym rozbiorem Polska zajmowała obszar 730 tys. km kw, zamieszkały przez 12 mln ludzi. Dawało jej to szóste miejsce w Europie po Austro-Węgrzech, które wyrosły na potęgę w tej części świata.

DEMOGRAFIA W KRÓTKICH SPODENKACH

Otacza nas w Polsce śmiech, czasem płacz, czasem dłuższe dąsy. Ktoś z kimś pobił się na podwórku, ktoś inny przyniósł dwójkę z rachunków, komuś zginęły kredki... Wiadomo, dzieci.

Ile ich jest? Ile było przed laty, a ile będzie za lat pięnaście? Czy przysłowiowa "polska" ilość dzieci jest rzeczywiście unikatem w Europie? Takie pytanie dyktuje nie tylko ciekawość. Trzeba na nie odpowiedzieć, by uniknąć kosztownych błędów w planowaniu gospodarczym i socjalnym.

Już szacunkowy spis ludności z 1900 r. mówi, że i przed pół wiekiem Polacy nie cierpieli na niedostatek najmłodszego bractwa: na przelomie wieków liczba dzieci poniżej 15 lat wyonosiła 9 milionów 864 tys. Wojna światowa przyniosła niewielki spadek — potem krzywa statystyczna tej grupy ludności stale szła w górę, aby w 1939 r. osiągnąć 11 milionów 413 tys. dzieci.

Nieporównanie większe straty wywołała ostatnio wojna: jeszcze w 1955 r., tj. w 10 lat po jej zakończeniu, Polska miała najmniejszą bezwzględnie oraz procentowo (w stosunku do ogółu ludności) liczbę dzieci z całego półwiecza: 8 milionów 195 tys. czyli 31,2 proc. Przyczyną tego zjawiska jest tylko wojna. Na tabeli z lat 1900-1939 widzimy wyraźną i chyba nieodwracalną tendencję do zmniejszania się udziału dzieci w ogólnej liczbie ludności: w 1900 r. było ich 39,3 proc, w 1931 — 33,4 proc, w 1939 — 32,5 proc. Nowa

Po pierwszej wojnie światowej Polska zajmuje pozycję podobną do tej, jaką posiadała przed rozbiorem: szóste miejsce (27 mln ludności).

Po drugiej wojnie Polska spadła znów na siódme miejsce, ustępując szóste Hiszpanii. Taka kolejność trwała do 1961 r., po czym odzyskana została dawna lokata.

(KAI)

struktura demograficzna jest związana z przedłużaniem się życia ludzi starych, a przede wszystkim z migracją ze wsi do miast...

Mimo wszystko w latach 1956-58 Polska znalazła się na czele Europy: odsetek obywateli do lat 15 był wyższy niż w Jugosławii, Portugalii, Grecji i 16 innych państwach europejskich. Po paroletnim okresie "eksplozji", znów widzimy w Polsce spadek przyrostu naturalnego i stosunkowo szybkie zmniejszanie się dzieci w proporcji do ogółu mieszkańców. Prognoza demograficzna przewiduje, że w r. 1970 będzie ich 27-29 proc, czyli 9-10 milionów. Więcej dzieci od Polski będą wówczas miały wszystkie większe od Polski państwa europejskie, z wyjątkiem Hiszpanii. W 1975 r. ilość dzieci w wieku przedszkolnym będzie mniejsza o 727 tys. niż w 1955.

Przyrost naturalny w Polsce obniżył się średnio do 13,1 promile (w 1961 r.), lecz w województwach zachodnich utrzymują się niezwykle wysokie, niespotykane już w Europie wskaźniki: 17-18 promile w Zielonogórskim, Opolskim, Wrocławskim i Szczecińskim i aż 20,9 w Koszalińskim oraz 21,3 w Olsztyńskim. I choć z biegiem czasu różnice w przyroście naturalnym i proporcji dzieci będą się na pewno wyrównywały, jeszcze przez wiele lat trzeba będzie pamiętać, by inwestycje "demograficzne" trafiały przede wszystkim na ziemię północne i zachodnie.

(KAI)



Technicy laboratorium firmy Westinghouse w Pittsburgu w Stanach Zjednoczonych wynaleźli magnes o niespotykanych dotychczas właściwościach. Magnes ten umieszczony na podszewkach butów człowieka pozwala mu na chodzenie głową w dół po stalowej belce.

* * *

Ryjówka jest najmniejszym ssakiem na ziemi. Kiedy dorosnie nie waży więcej, niż

10 gram. Mieszka na pustynnych płaskowyzach południowego zachodu Stanów Zjednoczonych. Nie pije wody i za najmniejszym hałasem kryje się w norze. Kiedy jest za gorąco lub za zimno, albo gdy nie ma co jeść zapada w sen, który może trwać wiele tygodni z rzędu o każdej porze roku.

* * *

Krab-podkowa jest reliktem sprzed 300 milionów lat. Krew jego zawiera miedź i jest koloru jasno-niebieskiego. Ma on dwie pary

różnych oczu, przy czym jedna para odznacza się taką samą budową jak u pszczoły, druga zaś jest małego wymiaru i niezłożona. Nie może być zaliczony całkowicie do krabów, ponieważ w pewnej mierze spokrewniony jest z pajakiem. Dawniej zamieszkiwał wybrzeża morskie na całej kuli ziemskiej, dziś spotyka się go tylko na wybrzeżu wschodnim Stanów Zjednoczonych i w zatoce Meksykańskiej.



Znachorzy i zamawiacze

Pewnego razu — opowiadał Kłopotkiewicz — gdy jechałem przez zaklęty kamp, Campo Ere, zanocowałem w domu pewnej staruszki wdowy, która miała sporo bydła. Miejscowość zwała się Fachinal do Campo Ere.

Nazajutrz z rana, gdy dojono krowy, spostrzegłem olbrzymiego buhaja, którego łopatka była rozorzana, jak by mu ją kto rozorał pługiem. Żywe mięso zwieszono mu się w obie strony i trudno było uwierzyć, że bydlę może być wyleczone z tak potwornej rany.

Zapytałem co się stało i dowiedziałem się, że poprzedniego dnia buhaj spotkał rywala z sąsiedztwa. Wywiązała się między nimi walka, w wyniku której obcy buhaj rozdarł mu łopatkę prawie do kości.

Było to w lecie. Muchy plujki obsiadły ranę i składały w niej jajka. Nie można mu było zalać rany kreoliną, gdyż takiego olbrzyma nikt nie utrzyma na lassie, chyba, żeby go przywiązać do pinióra kilkoma lassami, a tyle nie mieli.

— Co więc będzie? Zginie?

— Wyleczymy zamawianiami. Mieszka tu staruszka, która zamawia tak dobrze, że każdą ranę zaleczy.

Nie bardzo w to wierzyłem.

W kilka miesięcy potem odwiedziłem znów Campo Ere. Kiedy się tam znalazłem przypomniał mi się okaleczony buhaj. Prócz tego zapragnąłem zjeść talerz tłustego mleka z kukurydzaną faryną. Potrawę tę bardzo lubiłem w podróży. Wstąpiłem do wdowy.

Pierwszym bydlęciem, które zauważyłem, był okaleczony buhaj. Stał pod młodym piniorem i przeżuwał. Łopatka miał całkowicie zagojoną. Tylko wielka blizna na półtoręj stopy świadczyła o ranie.

Wdowa, którą o to spytałem, odparła, że buhaj został wyleczony za sprawą modlitw staruszki-znachorki, bez kreoliny i jakichkolwiek lekarstw. Wierz tu, człowieku, albo nie, kiedy żywy dowód stoi przed tobą.

Znam też wypadek kiedy kobieta zatrzymała modlitwą pochód szarańczy. Szarańcza poszła w las i nie zjadła kukurydzy, rosnącej w pobliżu.

Było to w pobliżu Barracão po stronie argentyńskiej. Pracowałem wtedy przy wytyczeniu drogi wozowej w Barracão do Santo Antônio.

Mniej więcej o milę drogi od Barracão, w zakątku zwanym Miramonte, mieszkał od lat pewien Paragwajczyk z żoną Joanną. Byli rolnikami i hodowcami wszystkiego co ludzkość do dziś oswoiła. W obejściu ich widziało się kury, kaczki dzikie i domowe, gęsi, pantarki, indyki, a na trawniku przed domem pasły się konie, krowy, świnię i owce. Kóz nie widziałem, ale przypuszczam, że i te były. Nie brakło też w chacie gadatliwej papugi, a na podwórzu psotnej małpy, zwanej miko.

Tylko dzieci nie mieli.

Mieszkali w wielkim, prymitywnie zbudowanym domostwie. Tak jak na zewnątrz roilo się od gadziny tak wewnątrz

znajdowało się jedno ogromne muzeum wszystkiego co święta ziemia może wyprodukować.

Na wołowych skórach leżały stopy kukurydzy, fasoli, orzechów ziemnych, kartofli, manioku i słodkich batatów, na ścianie wisiały liście tytoniu i różne zioła i korzenie znane tylko samej gospodyni, a na półkach stały sery i wiązki paragwajskich cygar, zwanych szaruto. Wreszcie pod ścianą mieściły się garnki z mlekiem słodkim i kwaśnym i ze smietaną.

Gdyby kto zajrzał do ogródka i sadu za kuchnią zdziwiłby się również nie mało. Rosły tam najrozmaitsze domowe i leśne zioła lecznicze, a z drzew owocowych niewiele by można wyliczyć takich, których tam nie było.

Cale obejście tchnęło prostotą, spokojem i obfitością. Tak właśnie nazywano ich dom — casa da fartura — domem obfitości. Trudno było uwierzyć, że dwójce ludzi już niemłodych mogło tyle produkować i tyle dobra nagromadzić.

Z twarzy dony Joanny tchnęła jakaś dziwna dobroć i błogość. Każdy kto ją poznał musiał do niej poczuć sympatię. Była gospodynią, akuszerką, znachorką i zamawiaczką znaną szeroko i daleko. Rządy w domu należały do niej mimo, że z mężem, młodszym i uległym, nie miała dzieci. Trzeba było przyznać, że umiała rządzić. Robiła co chciała bez rozkazowania jak kapral tylko delikatną perswazją, a w razie potrzeby odwoływaniem się do honoru męskiego. Stąd pochodziło że zarówno mąż jak i robotnicy cieszyli się ile razy mogli wykonać prace dokładnie według jej zleceń. Gdy nieraz to obserwowałem zdawało mi się, że mam przed sobą matriarchat opisany przez Alvara Vacca u Indian w dorzeczu Piquiri i Formigas. Matrony indiańskie poleciły raz mężom swoim i synom oczyścić drogi, którą mieli iść Hiszpanie, oraz znieść żywność dla nich i poukładać wzdłuż gościńca. Po wykonaniu roboty poszły ją sprawdzić, a gdy przekonali się, że została wykonana bez zarzutu pochwalili mężczyzn, co tak ich ucieszyło, że z radości skakali i tańczyli. Hiszpanie, którzy to widzieli, śmiali się, a potem jako rzecz osobliwą zapisali do ksiąg.

Zajeżdżałem często do zagrody dony Joanny, żeby napić się mleka, kupić cygara dla siebie lub kukurydzę dla konia.

W roku, kiedy tam pracowałem, panował wielki niedostatek kukurydzy. W październiku poprzedniego roku nadleciała bowiem od strony Corrientes szarańcza i zniszczyła plantacje. Jedynym miejscem gdzie można było dostać kukurydzę był dom Joanny.

Dziwiło mnie to dlatego Joanna miała w bród kukurydzy, a jej sąsiedzi ani kaczana. Raz się ją o to wprost zapytałem. Uśmiechnęła się.

— Zrobiłam umowę z robaczkami — powiedziała. — Wskutek tego nie zjadły mi kukurydzy.

A gdy nie chciałem w to uwierzyć dodała:

— Sim, senhor. Robaczki też mają duszę. Można się z nimi umówić i one słowo dotrzymają. Nie złamią danego słowa podobnie jak duchy, nawet nieczyste. Tylko człowiek je łamie.

— A jakże pani porozumiała się z szarańczą, Joanno?

Opowiedziała, że gdy nadleciała szarańcza robili co mogli, żeby nie usiadła na plantacji, zapowiadającej się dobrze i wynoszącej dwa alkiery. Stukali w próżne skrzynki, hałasowali, palili ogniska. Osiągnęli w końcu tyle, że zjadła połowę i po złożeniu jajek odleciała. W kilkanaście dni potem wykluła się młoda szarańcza. Mąż Joanny chciał zebrać ludzi i wytępić lub przepędzić robactwo, ale Joanna się temu oparła. Kazała przygotować w pobliżu dwa alkiery nowej plantacji sama zaś zajęła się starą plantacją, na której buszowała młoda szarańcza. Poszła tam, wdrapała się na zwalony pień drzewa, zrobiła dużym palcem, podobnie jak Jezuci, trzy znaki krzyża świętego na czole, ustach i piersi, spojrzęła na szarańczę i powiedziała:

— Bichinhos, ani wy, ani my nie znaleźliśmy się tu bez woli Boga. Ano, robaczki, wszyscy chcemy żyć, a do tego potrzebne jest jedzenie. Plantacja, którą jecie jest moja, ale daruję ją wam. Wszelako pod warunkiem i zaklinam was w imię Ojca, Syna i Ducha Świętego byście w zamian uszanowały plantację, którą kazałam założyć w pobliżu.

Powiedziawszy to odmówiła jeszcze krótką modlitwę, odwróciła się, rzuciła poza siebie listek, czy gałązkę i nie oglądając się wróciła do domu. Mężowi poleciła, żeby nie zaglądał nawet na starą plantację, a on jak zwykle zastosował się do jej woli.

Tymczasem młoda szarańcza gospodarowała na podarowanym sobie kawałku ziemi. Żarła i rosła, a gdy doszła do pnia, na którym zaklinała ją Joanna, poczuła chęć do lotu. Pewnego pięknego dnia, gdy przygrzało słońce rozwinęła skrzydełka i odleciała, pozostawiając jeszcze wiele nietkniętej kukurydzy. Jednocześnie nowa plantacja Joanny rozwinęła się pięknie. Kukurydza wyrosła bujnie, przekwitła i zawiązała się w palki.

Wtedy to właśnie ktoś zawiadomił Joannę, że bydło weszło na jej dawną plantację i robi szkodę. Odparta na to, że ta plantacja nie należy do niej i nie ją nie obchodzi co się tam dzieje. Mężowi nakazała po raz drugi, żeby nie ważył się tam chodzić, ani zrywać kukurydzy. Skorzystaliby z tego biedni sąsiedzi. Przepędzili bydło i zebrali jeszcze trzydzieści kargierów kukurydzy w palkach.

I tak się stało, że zarówno szarańcza, jak i dona Joanna dotrzymali sobie wzajemnie słowa.

(Dokończenie nastąpi)

TRAGEDIA W ITABERAÍ

Zaczął się od świń. Przelazły przez niski płotek i wpadały do ogrodu Martina Ludwiga, pyskając po wyplegnowanych grządkach z pomidorami i ogórkami.

Martin Ludwig, doprowadzony do ostateczności, odgrażał się nieraz sąsiadowi:

— Słuchajcie, Mazur, nie puszczajcie swoich świń do mojego ogrodu, bo jak stracę cierpliwość to którą zabiję.

— No, no, spokojnie — odpowiadał Mazur, — a wasze kaczki i kury to nie wchodzi mi w szkodę?

Pomiędzy Ludwigiem, a Mazurem nigdy nie było zgody. W czasie wojny Ludwig służył w armii hitlerowskiej, jemu to i jemu podobnym zawdzięczał Mazur tułaczkę po świecie i rany, które odniósł w Afryce i w czasie inwazji kontynentu. Niechęć przerodziła się u tych ludzi powoli w nienawiść, a wojna o świnię jeszcze ją pogłębiła.

Wreszcie 8 marca 1962 r. nastąpiło to co musiało nastąpić, jak w tragedii greckiej. Rano Mazur, który obrządział właśnie krowy, usłyszał strzał, a po nim żałobny kwik świń. Rzucił robotę, przesadził w jednej chwili płotek i znalazł się w ogrodzie sąsiada.

Świnia wierzgała już nogami, jedna z najładniejszych świń Mazura, a w dodatku prośna maciora.

— Ach, to i ty tutaj! — zawołał Ludwig.

Był cały czerwony z gniewu. Nie namyślając się wygarnął z dubeltówki do Polaka. Mazur miał jeszcze tyle przytomności umysłu, że dłonią zakrył sobie oczy. Ładunek grubego śrutu poranił mu twarz, szyję i rękę. Instynktownie wyjął rewolwer i strzelił do Niemca.

Kuła trafiła Ludwiga prosto w serce.

Zabójca zaprzągnął szybko konie i pojechał do Goianii do lekarza. Krwawił mocno, miał wybitych kilka zębów, przestrelony język i policzki. Z Itaberaí do Goianii niedaleko, ale szybciej, niż tam dojechał Mazur wiedziała już o całym wydarzeniu policja. Aresztowano go, gdy po opatunku wychodził ze szpitala. Przesiedział w więzieniu do dnia rozprawy, która odbyła się 6 czerwca r. 1962. Sąd dopatrzył się w czynie Stefana Mazura jedynie obrony koniecznej i unie-

winnił go. Ale synowie Martina Ludwiga zapatrywali się na tę sprawę odmiennie. Poprząsili Mazurowi zemstę.

Były to dwa zdrowe byczki ci młodzi Ludwigowie, Walter i Richard. Nie, nie myśleli puścić płazem śmierci ojca.

17 sierpnia tegoż samego r. 1962 zaczęli się w krzakach za osadą i gdy Mazur, który wybrał się na rowerze do miasta, pokazał się na zakręcie, wzięli go na muszkę.

Marianna Mazurowa usłyszała strzały (Niemcy urządzili zasadzkę niedaleko domu Mazurów) i pełna niepokoju pobie-

OBIEKTYWEM PO BRAZYLII

Tego jeszcze nie było. Prefekt miasta Vitória, stolicy stanu Espírito Santo, przyszedł pewnego razu do swego gabinetu i oświadczył, iż rozpoczyna głodówkę na znak protestu, gdyż rada miejska nie zaaprobowała opracowanych przez niego przepisów podatkowych. Dodał przy tym, iż będzie kontynuował strajk do czasu zatwierdzenia tych przepisów przez radę.

Prefekt Borges Marques nie przyjął przyjaciół, którzy chcieli go odwiedzić od jego planów. Rozpoczęcie przez prefekta strajku głodowego wywołało panikę wśród radnych.

* * *

Poznali się w czasie Igrzysk Panamerykańskich na wiosnę br. Ona, Neide Marchena, ma lat 20 i była telefonistką w Miasteczku Uniwersyteckim w czasie Igrzysk. On, Michael Hiltner, lat 22, student, członek ekipy rowerowej Stanów Zjednoczonych, w osiem dni po poznaniu Neide oświadczył się o jej rękę i został przyjęty zarówno przez dziewczynę jak i jej rodziców. Młodzi postanowili się pobrać i wyjechać do Stanów Zjednoczonych. Niestety, od kwietnia do dnia dzisiejszego nie udało im się uzyskać dokumentów potrzebnych do zawarcia związku małżeńskiego.

Od wielu dni urzędnicy powiadają: "Dokumenty będą gotowe jutro. To nie jest nasza wina." Neide już raz nawymyślała urzędnikom, ale Michael nie wyszedł jeszcze ani razu

gła zobaczyć co się stało. Nie zdążyła dobiec do leżącego w pyłe drogi męża. Ludwigowie zastrzelili ją również.

Sprawa narobiła niemało wrzawy w Itaberaí. Zabójców aresztowano, ale na wniosek prokuratora sędzia z Itaberaí zwolnił ich wkrótce z więzienia. Do dziś dnia, a minęło już od zabójstwa przeszło rok, młodzi Ludwigowie chodzą wolno, o sprawie sądowej nic nie słychać. Adwokat zamordowanych robił co mógł, pokłócił się nawet z sędzią i mało brakowało, jak wyznaże, aby nie doszło do nowej tragedii, nie jednak dotychczas nie wskórał. Prowincjonalna Temida w Brazylii ma nie tylko zawiązane oczy lecz także ręce i nogi.

(as)

"z nerw". Stwierdził tylko, iż wydaje mu się, że w jego kraju sprawa ta byłaby rozstrzygnięta szybciej.

* * *

Przed niedawnym czasem wróciła do Londynu grupa studentów uniwersytetów w Oxford i Cambridge, która spędziła rok w puszczech Mato Grosso w poszukiwaniu rzadkich okazów roślin. Jeden z członków zespołu, P. G. Rivieri, opowiedział, że udało mu się zebrać wiarygodne informacje dotyczące losów pułk. Percy Fawcetta, który 38 lat temu zaginął w lasach Mato Grosso. Rivieri twierdzi, że Fawcetta zamordowali Indianie zamieszkali w górnym biegu rzeki Xingu.

Zdaniem członków ekspedycji Indianie od czasów Fawcetta znacznie się ustatkowali! "Nie mieliśmy z nimi żadnych kolizji, chociaż pierwszy biały, który ich odwiedził w roku 1942, dziennikarz angielski Robert Winton, został przez nich zamordowany. Zabójca Wintona był naszym przewodnikiem i traktował nas zawsze po przyjacielsku".

REPORTER

ŻYCZENIA ŚWIĄTECZNE

Automecânica ITPOL Ltda. — Rua Oscar Freire, 1965, tel.: 80-1390 składa serdeczne życzenia Wesołych Świąt Bożego Narodzenia i Szczęśliwego Nowego Roku wszystkim swym klientom i rodakom.

Klinika Oczna, Nosa, Uszu i Gardła, D-ra Wolfa Ursztajna, av. São João, 755, 1-sze p. cj. 11, obok kina Metro — Tel.: 34-1909 składa serdeczne życzenia świąteczne i Szczęśliwego Nowego Roku swym szanownym klientom, przyjaciółom i rodakom.

Imobiliária DENIS-STANLEY i Stanisław Ossowiecki życzą Przyjaciółom i Klientom Wesołych Świąt i Szczęśliwego Nowego Roku.

Najlepsze życzenia Wesołych Świąt i Szczęśliwego Nowego Roku składają swym przyjaciółom i rodakom Feliks Piotrowski z małżonką.

Joalheria Lincoln Ltda. Jacka Krakowiaka, av. Rangel Pestana, 1715, tel.: 92-4144 składa najlepsze życzenia Wesołych Świąt i Szczęśliwego Nowego Roku swym przyjaciółom i rodakom.



Białowieski Park Narodowy. Na zdjęciu: w rezerwacie przyrody.



URODZIŁAM SIĘ WCZORAJ

Przez długi czas nie spieszyłam się z przyjęciem obywatelstwa tego kraju, ale gdy pewnego dnia zapragnęłam wyfrunąć wreszcie w świat, powstała kwestia przedstawienia władzom odpowiednich dokumentów; posiada je przecież niejeden szanujący się buldog czy koń wyścigowy. Wyłoniła się wtedy sprawa naturalizacji. Przeprowadzenie jej powierzyłam pierwszemu "despachante", jaki się nadarzył. I to był błąd. Już sama tusza senhora Mozarta Pereiry powinna była podsunąć myśl, że facet musi być długodystansowy i, że sprawa pójdzie raczej w tempie zwolnionym. I rzeczywiście. Cały proces już od samego początku ruszył, jak krew z nosa. Kropelkami.

Jak wiadomo, czas to pieniądz, toteż pewnego dnia, zniecierpliwiona zrezygnowałam z ambicji przynależnościowych, by kontynuować byt jako zbuntowana obywatelka świata, w rzeczywistości — szara "beprzymornaja".

A jednak, gdy po paroletnim milczeniu znany mi zaspany głos w słuchawce oznajmił, że wszystko pomyślnie się ułożyło i, że dnia tego a tego, o godzinie tej a tej wykluje się ponownie na świat, tym razem, jako "brasileira do coração", poczułam dziwne strzyki wedle umęczonych serca: obywatelstwo, które miano mi nadać byłoby piątym z rzędu, za to pierwszym w życiu wybranym przeze mnie z własnej i nie przymuszonej woli...

Będę Brazylianką! Wprawdzie ze skazą, bo z przypiętym sztylczkiem "naturalizowanej". Coś, jakby niekompletny twór, półdziewica narodowościowa, której tubylczy kodeks obywatelski — niby mściwy mąż, któremu nie dano zasmakować nektaru "ius primae noctis" — przy nadarzającej się sposobności wypchni nadskubaną przeszłość. Bo, że dumny "quatrocentão" sztucznie wylęgniętego Brazylijczyka uzna za równego sobie, to — między nami — samba przyszłości.

Jak by nie było, obywatelstwo brazylijskie przedstawia się wyraźniej, niż niejasna treść pieczętki "obywatela wolnego terytorium", jaką władze AMGOT'u (Anglo-American Government) wyciskały w dowodzie osobistym Triesteńczykom, w okresie gdy miastem tym kupczono i jeszcze nie wiadomo było komu i w jakiej części przekazać w udziale.

* * *

Dni poprzedzające nowe narodziny spędziłam poważna i skupiona, jak zwykle gdy mam postawić krok naprzód a nie jestem zbyt pewna czy nie okaże się krokiem wstecz. Zrobiłam długi rachunek sumienia, rozpatrzyłam wszelkie za i przeciw, zrewidowałam uczciwie dotychczasowy stosunek do tego kraju i skruszona doszłam do wniosku, że w ocenie ziemi, która mnie "przygarnęła" (dotąd zdawało mi się, że ziemia przysparza dopiero... po śmierci!) byłam nieraz zbyt surowa i nietolerancyjna. W takich wypadkach powinnam była samą siebie zapytać: pocóż tu przyjechałaś? Wołał cię kto? I po co? Uczyć Brazylijczyków? Kiedy to ja, grygna przybłąkana, mogłabym jeszcze niejedno wartościowe i pozytywne od nich przejąć, niejedno szlachetne podpatrzeć.

Raz! mnie analfabetyzm, ignorancja znacznej części narodu? Tak, ale nie wolno zapominać, że kiedy pan Cabral odkrył tę część kontynentu zamieszkałego przez kilkanaście plemion indiańskich, Kraków — dla przykładu — posiadał już swój poważny uniwersytet,

ufundowany przez... kobietę, inteligentną i jak na wymagania swej epoki, oświeconą, bo ponoć biegle władającą łaciną — królową Jadwigę.

Nie mogą pochwalić się wynalezieniem nowej formy prochu? Paciència! Młody profesor Lattes nie próżnuje...

Nie mogą wykazać się choćby jedną jedyną nagrodą Nobla (jak np. Chile?) I na to wkrótce przyjdzie czas. Jeżeli świat już zwrócił uwagę na kochanego Carlosa Drummonda de Andrade to już jest nadzieja. A zresztą, czy wyróżnienie poszczególnego mózgu świadczy o genialności całego narodu? Przypomnijmy sobie, że Niemcy z ich rekordową liczbą nagród Nobla, w okresie lat trzydziestych liczyli ponad siedemdziesiąt milionów zakutych łbów.

* * *

Nie pamiętam czy mi ktoś kiedyś nabajał, czy sama sobie wymaginałam, że akt nadania obywatelstwa poprzedzony tywa krótkim egzaminem z historii, literatury i geografii Brazylii. Myśląc logicznie, tak powinno być. Postanowiłam więc odchrząknąć swą mocno zapuszczoną erudycję. Sicher ist sicher. Wyczytałam się na pamięć brazylijskiego hymnu narodowego, kilkunastu stron historii, przypomniałam ważniejsze dopływy Amazońki, kilka nazwisk z antologii pisarzy i poetów (wraz z życiorysami), ważniejsze dane o eksporcie kawy, kakao i bawełny oraz... dolarów, które ostatnio strumieniami płyną za Atlantyk i Pacyfik.

Przed wszystkim należało odkurzyć własne posągi. A nuż egzaminujący okaże się romantykiem, wielbicielem historii i muzyki Polski. Nazwisko moje skojarzy z... Igorem Strawińskim! (Już mi się zdarzyło kilka razy, a w Londynie pewna lady zwracała się do mnie per Mrs. Paderewski). W wyniku — Chopin sam wyskoczy. Bonitão, simpático mas... tuberculoso, coitado! (Przystojny, miły, ale... suchotnik, biedaczysko!)

Następnie mogła zapytać o Marię Curie-Skłodowską, czy czasem nie moja krewna i co właściwie wynalazła? Lampę kwarcową? Nie, odpowiedź — radio.

A ten, który napisał Quo Vadis, znalazłam go osobicie? Niestety nie — ale za to Jana Kiepura. Wielki głos — powiedzą — jak naszego Vicente Celestino. I taki sam convencido — (zarozumiały).

Całą niedzielę poświęciłam pogłębieniu wiadomości o naszych i tutejszych luminarzach oraz przygotowaniu się do wszelkich możliwych skojarzeń i zasadzek. Od nazwisk i faktów kręciło się w mojej umęczonej głowie. Chyba do maturo tak się nie obkułam.

* * *

Nadeszła w końcu wilia "narodzin". Po-dekscytowana dałam się ponieść wyobraźni, rozdmuchanej jeszcze przez jakieś nieaktualne już zdjęcie z podobnej uroczystości z Polą Negri w roli głównej i... życiowej. Oto na tle gwiazdzisto-pasiastych sztandarów i koszów róż stoi rząd podniośle uśmiechniętych kongresmanów z gołymi łysinami w lewych dłoniach kapeluszy, prawe dłonie na lewych piersiach, dumna łaza w oku wpatrzonym w kandydatkę równą im, w owym wypadku — Apolonie Chałupiec. Ta, na czarno, jedyny klejnot — klips brylantowy u dekolitu, składa przysięgę na Konstytucję, czy na Biblię...

No — pomyślałam sobie — jeżeli wyrachowane jankesy tak potrafią się rozkleić, to jak dopiero w podobnej sytuacji reagują latynice z czarną kawą w żylach!

Tej nocy długo nie mogłam usnąć...

* * *

... na tle barw słońca, nieba i palm — długi stół przybrany kwiatami, zwanymi tu "copo de leite" (szklanka mleka) coś jakby kuzynka naszej lili. Spoza białych kielichów wycierają twarze Komisji Egzaminacyjnej. Twarze znane mi, tylekroć widziane. Ale gdzie? No, gdzie? Męczę się. Pocieram czoło. Ach, prawda, już wiem...

Pierwszy zwraca się do mnie Carlos Lacerda. "Oh — powiada — polonésa!" Zaczynam drzeć. Erudyta, wykształcony, glob-trotter, dziennikarz, poliglota. Historię i geografii Europy i trojga Ameryk zna, jak własne grzeszki młodzieńcze.

... a więc, prosimy przypomnieć pewne wspólne punkty w dziejach naszych wielkich narodów; może podobieństwo pokrewnych duchem postaci...

Wykręcę sobie palce, jak uczennica. Wtem błysk w mózgu i wołam:

— Oczywiście! Mam takie punkty wspólnoty historycznej. Chociażby okres zwany herezją.

Ostatnie słowo wymawiam z polska. Już mam się poprawić, gdy widzę wycelowany w moją stronę palec Jania Quadros.

— Nobre candidata! Queira expressar-se sem mácula. Caso contrário — posso punila, puni-la, puni-la!

Kulę się, jak pod razami bicia. Z odsieczą przychodzi Adhemar de Barros.

— Uai, gente, deixem a néga falá. Continue, néga, ovuiu?

Wyprostowuję się i już mniej zestrachana ciągnę dalej.

... i tu i tam (o mojej biednej Polsce, którą właśnie zdradzam, mówię już "tam") pannał okres inwazji — tu holenderskiej, tam — szwedzkiej, zwany Potopem. Ale nie udał się. Szkoda. Tu — caboclo, tam — Poleszuk, wiedzieliby dzisiaj co to klozet i telefon.

O, raju, co ja wygaduję — klepię się czym prędzej po ustach. Czuję wlepiony we mnie diaboliczny wzrok Lacerdy. W zapale fechtunku oratorskiego zdradziłam niechcący skryte myśli. Rozglądam się przerażona: mały, sympatyczny Monsenhor mruży nerwowo jasne oczka i coraz to obciąga rękawy sutanny... Porfirio aż ręce złożył: Nossa Senhora Aparecida! Za to Janio Quadros z trudem opanowuje uśmiech spod zagajnika wąsów. Jeden Adhemar parska szczerym końskim śmiechem. "Ależ wylazł z ciebie protestant — zdaje się mówić jego wzrok starego wisusa.

Sytuacja staje się swędząca. Co tchu zabieram się do naprawienia gaffy...

— Tak, caboclo i Poleszuk korzystaliby dziś z pewnych udogodnień życia, ale za jaką cenę! Więc już lepsza *choça* czy sławjka, niż zaprzędanie duszy herezji, sprzeniewierzenie się szlachetnym ideałom, jakie przysięgali wspaniałym postaciom, tu — padre Vieira, tam — księdzu Skardze.

I już nikim i niczym nieskrępowana rozwijam kwiecisty temat o roli owych dwóch bliźniaczych dusz, talentów i temperamentów złotoustych kaznodziejów.

Następuje ogólne odprężenie. Wszyscy uśmiechają się do mnie przyjaźnie. Monsenhor promienieje, jest uraczony duchowo. Na deser podaje jeszcze owego skromnego księ-

« B U K I »

(Fragmenty z nowej powieści)

Jakiegoż to pióra potrzeba, aby cię opisać BRZOZO POLSKA?

Jakiż to poeta, zdolny jest opiewać twoje piękno wierzbo płacząca nad strumieniem?

Coby dał tułacz, przemierzający szlaki świata, aby móc iść drogą pomiędzy polami umajonymi "zbożem rozmaitym", klęknąć przed przydrożną kapliczką i hymnem wdzięczności dziękować Temu, który stworzył tę ziemię cudowną.

Mały i bezradny jest człowiek, który staje olśniony promieniami słońca, spływającymi na góry i lasy, łany i rzeki, wieże kościołów, strzechy słomiane...

Tylko mistrz nad mistrze, potrafi cię przytulić do siebie wierszem, i oddać bicie Twojego serca.

Tylko mistrz nad mistrze, wsłuchał się w powiew wiatru pomiędzy konarami drzew, w wieczorny świergot ptaków, w tony pastuszej fujarki i przekazał je potomności — melodią.

Biedny, kto może nieudolnie powiedzieć, że Cię widzi BRZOZO bielejąca wśród sosen, że Cię słyszy WIERZBO szumiąca nad wodą.

Ze WAS nie zapomni do końca życia. Ze WAS kocha miłością wierną i niezachwianą.

Te oto słowa, kilkanaście lat później, zapisał w swoim pamiętniku, Szymek Perkowski.

Teraz szedł pogodny, drogą ku leśniczówce.

Miał wrażenie, że las go wita — uśmiechem, że wie, że mu idzie na pomoc.

Nie syczać było rzeźnia zamarłych tartaków. Zamieniły się na składnice narzędzi i nasion. Z oddali dochodził jęczyń odgłos siekier: robotnicy oczyszczali poręby z pieńków.

Ze szkółek jechały wozy z sadzonkami. "Buki" podnosiły się z upadku.

Wieś polska, w przywiązaniu do ziemi, zacierała granicę własności. Na pomoc Szymkowi ruszyła cała okolica. Zdumiał

się któregoś ranka, zobaczywszy na podwórzu szeregi wozów: chłopci okoliczni bez wezwania, z własnej woli, przyjechali pomagać w oczyszczaniu lasów.

Kiedy ich zapytał jakiej żądają zapłaty, odpowiedzieli:

— Zapłoci nom pon porucnik jak z tych zagojników piękny los wyrosnie.

— Chyba to robią dla Stefci — myślał — przecież mnie nie znają...

Klekał do wieczornej modlitwy ze ściśniętym gardłem.

Wacek Penott, po "inspekcji" jak żartobliwie nazwał swoją wizytę, powiedział do niego:

— Byłem niedawno w Gdyni. Teraz jestem tutaj i powiadam ci Szymku, bracie kochany, że będziemy mieli czego bronić.

Nic nie zapowiadało takiej potrzeby. Jeszcze wiele dni pracowitych mieli przed sobą.

Boże Narodzenie, spędzali Penottowie w Bukach. Oczekiwał ich tutaj Wacusz przebywający stale w Szczerkowie, gdzie uczęszczał do gimnazjum im. Władysława Reymonta.

Na wigilie i drugi dzień Świąt, wszyscy jechali do Krężoła.

W tym dniu, — św. Jana Ewangelisty, — przypadały imieniny pana Zarębskiego, które obchodzono bardzo uroczysto. Zjeżdżała się na nie cała rodzina.

Z Zakopanego zjawia się Anielka, która zarządzała niewielkim pensjonatem i od jego nazwy, została przezwaną "Stokrotką". Urszulanki, Tereska i Hela, przybywały z dalekiego Poznania.

Brama wjazdowa w Krężołach, którą nazywano "wrotami do świata i ze świata wiodącymi", otwierała się raz za razem.

Pierwszy dzień Świąt Bożego Narodzenia, był troską Stefci.

Tego dnia, wieczorem, dwór w Bukach wypełniał się nie tylko gośćmi.

Dok. na str. 27

— Parabéns, parabéns — woła ku gaudium zebranych — que cultura, que simpatia... O Brasil ganha uma belíssima pessoa, uma belíssima pessoa...

* * *

Obudziłam się wyczerpana, oblana potem, ale szczęśliwa i jakże dumna!

Z trudem doczekałam się godziny, na którą naznaczona była uroczystość.

Pomimo słońca i euforii ubrałam się na czarno. Jedyna ozdoba — klips brylantowy (kupiony na feirze, ale doskonale imitujący prawdziwy klejnot).

Idąc szerokimi schodami trybunału przy Avenida Liberdade, przypominałam sobie słowa Hymnu: Em teu seio, ó Liberdadeeee...

Nucąc drżącymi ustami dotarłam do długiego korytarza i usiadłam na jedynej ławce, jaka tam się znajdowała. Wnet wypełniła się pozostałymi kandydatkami.

Było nas czworo. Trzech mężczyzn i ja. Pierwszy zjawiał się skośnooki i żółtolicy. Był to elegancki, smukły jegomość o enigmatycznym uśmiechu i długich, wąskich dłoniach. Jeden z tych nowoczesnych wschodnich mędrców, którzy w porę mądrze zwiiali z workiem złota i liczną a doskonale zorganizowaną rodziną: każde dziecko na kolanach swojej nianki.

Drugi z kolei, śniady brunet o greckim nosie, przedstawił się jako przybysz z Egiptu. Coś mi na takiego nie wyglądał: nie chodził profilem, za to miękko w kolanach, jakby kucając z lekka za każdym krokiem. W toku rozmowy okazał się Ormianinem urodzonym w Konstantynopolu.

Trzeci gość z rzędu, najmniej ciekawy, był mężczyzną w sile wieku, o dość niechlujnym wyglądzie i obłej minie hipercwaniaka. Od razu można było przewidzieć, że za parę lat przedzierzgnie się w eleganta, obwożąc go się z cygarem w ustach, najnowszym Cadillacem po własnym lotem.

Wyłonił się ciekawy dialog, z którego wywnioskowałam, jak pozory mogą mylić.

— Skąd pan? — zagadnęłam satyra z Łazienek.

— Miskolc.

— Aa, Magyar!

Zaprzeczy ruchem głowy.

— Rumener.

Zwróciłam się do skośnookiego.

— Pan z jakiejś części Wschodu?

— Chąk - Kąk, Chąk-Kąk — odpowiedział, kiwając miarowo głową, jak porcelanowy mandaryn na wystawie u Szelechowa.

— Chinesee, than...

— No, no — zaprzeczył żywo — Corean.

— Masz ci los — powiedziała do siebie i postanowiłam nie pytać dalej. Ale śniady brunet sam się sprowokował.

— Mamma mia — zniecierpliwiał się w końcu, klepnąwszy się po kolanie.

— Pazienna, giovinotto, uspokoiłam go — jedni rodzą się szybciej, drudzy wolniej.

— Zapewne akuszerka o nas zapomniła. Cha, cha, cha — zarżał z kalabryjska.

Ale oto i ona, a właściwie on: młody urzędnik, jakiś nabzdyczony. Trzyma oburącz otwartą maszynę do pisania z przygotowanym arkuszem w wałku. Podbródkiem wskazuje drogę przed siebie. Idziemy za nim długi korytarzem kończącym się okrągłą salką. Ani śladu flag, kwiatów, orkiestry. Goło. Bardziej niż skromnie. Rychtyk kaplica Armii Zbawienia.

Siadamy wokół od tygodnia nieodkurzonego stołu, na którym młodzian stawia maszynę. Rozdaje nam po egzemplarzu Konstytucji i każe przepisać urywek. Już staje koło mnie. Krótki gruby palec o lakierowanym paznokciu wskazuje paragraf 140. Mowa tam o sędziach, ale jestem w takim stanie ducha, że nie rozumiem o co chodzi. Mimo to, przepisuję pierwsza. Drugi — Włoch. Skośnooki nie przepisuje a przerysowuje litery. Najdłużej mozioli się satyr. Sądzi kulfony, jak "batata doce". "Jestem przyzwyczajony pisać tylko na maszynie" — tłumaczy się głuپیo.

* * *

— Już —

Apatycznemu orzeczeniu zawtórowało szurgnięcie krzesłem. Urzędnik wstał, kazał jeszcze przeczytać obietnicę, że będziemy grzeczni, jako obywatele tego wielkiego kraju, po czym każdemu z osobna podał rękę, mówiąc: "do widzenia". Mnie powiedział jeszcze "felicidades". Chociaż brzmiało to bezbarwnie i konwencjonalnie dodał mi odwagi by zapytać:

— Chciałabym wiedzieć dlaczego kazał pan przepisać paragraf 140?

Uśmiechnął się ni kwaśno ni słodko.

— A jakbym mógł sprawdzić czy umie pani czytać i pisać?

* * *

Wracałam do domu, mała, zmięta, nijaka. Tylko serce zranione zawodziło cicho w tupi-guarani...

Mira Carla Sławińska

żulka z Mato Grosso, który pierwszy w świecie skonstruował prototyp maszyny do pisania z... drzewa, stając się tym samym inspiracją dla przyszłych udoskonaleń.

— Gdyby nie on — powiadam — taki, dla przykładu, pan Olivetti — wrzucam z pogardą prawym ramieniem — taki pan Olivetti siałby dzisiaj kukurydzę w Batatais, jako wymizerowany imigrant włoski.

Przechodzę z kolei do świeckich prominentów tego kraju.

— Ruy Barbosa. Wybitny prawnik, publicysta, orator. Wielki przyjaciel Polaków i Żydów; gdyby nie jego potężna interwencja, biedny Dreyfuss żywcem zgniłby na Wyspie Diabelskiej.

— A Santos Dumont, proszę ja przewielebnej Komisji, jego geniusz przypiął skrzydła ludzkości. Bez niego po dziś dzień jeździłoby się to koleją, to statkiem od Krasnojarska po Cincinnati!

Wracam do dziedziny sztuki.

... Aleijadinho! Mój Boże, toć Michał Anioł przy nim skromny majster Klepka!

Widać przeholowałam w apoteozowaniu nowej ojczyzny, bo zbliża się ku mnie Lacerda i głosem brzuchomówcy szepcze: chega... chega... A potem chwytam mnie zwyczajem brazylijskim w ramiona i serdecznie klepie po plecach.

PO DESZCZU

Mieszkańców chaty widocznie dławiała ta sama zmora co i jego — lęk przed dniem następnym. Słyszał w ciemności pomrukiwania śpiących, ciężkie stękania, rozpaczliwe wzdychania. Pomijając długotrwałą posuchę, ci ludzie nie mieli łatwego życia. Nie chciało się wierzyć, aby ziemia, którą uprawiali, mogła wydać coś z siebie. Chyba kolczaste krzaki i ostre kamienie, jakie wszędzie się spotykało. Żyli tu jedynie przez upór i na przekór nieszczęściom, jakie jeszcze mogły spaść na nich.

Clodoaldo niemal z podziwem przypominał sobie spokojną lecz upartą twarz **kabokla**. Musiała wydać go na świat właśnie ta ziemia, jeśli trzymała się jej tak kurczowo, za nic nie chcąc opuścić. Jeśli zaś chodzi o Clodoalda, to już nazajutrz rano ruszy dalek. Nie pozostanie tu za żadne skarby świata. Jeżeli odważył się opuścić **engenha**, to nie ma najmniejszego sensu zatrzymywać się gdzieś po drodze. Chyba tylko tyle ile trzeba na wypoczynek i pożywienie się u dobrych ludzi. Musiał iść bez przerwy dalej — dokąd, teraz dopiero po raz pierwszy zastanowił się nad tym. Pożałował na moment ucieczki z **engenha**. Gdyby nie głupie kłamstwo siedziałyby sobie na miejscu i popędzał woły w kieracie. Cóż go mogło obchodzić, że Tonga miał porachunki z **patronem**? Wielka rzecz, gdyby **cangaceiro** poderznął gardło **Carvalho** **Seu doutor** nie byłby pierwszy ani ostatni. Natomiast on, Clodoaldo, nie potrzebowałby się tułać po **caatindze**.

— Tam do licha! — przemknęło mu przez ocieżatą od bezsenności głowę. — Mam takie **abacaxi**, o jakim nigdy nie marzyłem. Ale niech co chce będzie, nie mam ochoty zetknąć się z Tongą. Idę dalej i po drodze będę się przepytawać o **Fortalezę**. Daleko to, ale jakoś się dopcham.

Z tym postanowieniem starał się usnąć. Marne jednak było to spanie. Co chwila budził się, nadsłuchiwał i znowu zapadał w gorączkowy i pełen majaków sen. Chwilami widział nad sobą ostrą **lambedeirę**, z której kapała gęstymi kroplami krew. Każda kropla zamieniała się na duże, przenikliwe oczy. Były to oczy **Tongi**. Budził się i znowu zasypiał.

W głębi nocy zbudziło go wreszcie gwałtowne potrząsanie za ramię. W uszach szumiało i huczało, jakby wodospad się przelewał. Tarł oczy długo i leniwie. Zdawało mu się, że cały dom trzęsie się i kołysze, jak łódka porwana gwałtownym prądem.

— Hej, chłopcze, wstawaj migiem!

Zastanowiło go brzmienie głosu **kabokla**. Odczuł w nim ton radosny i ledwie uchwytny uniesienie. Kiedy zbierał rozproszone myśli i skupiał uwagę, dobiegły go ze dworu wesole okrzyki chłopaków. Nawet **Gabriela** popiskiwała cienkim głosem.

— Co się dzieje?

— Deszcz pada, święto narodowe, a ty śpisz!...

W głosie **kabokla** czuć było wymówkę. Teraz dopiero Clodoaldo zorientował się skąd pochodzi szum — lało jak z cebra. Przez liczne dziury w dachu i ścianach woda wdzierała się do lepianki, ciurkała wesoło niewidzialnymi w ciemności sznureczkami, pluskała w kałużach na podłodze. Clodoaldo namacał stopami przyjemną, chłodną wilgoć.

Wszyscy domownicy byli na nogach — starzy we drzwiach, młodzi na dworze, pławiąc się w potokach ulewy. Jednych i drugich rozsadzała radość. Serca pęczniały nadzieją. Oto stawał się długo oczekiwany cud — zbawczy, błogosławiony deszcz obudził wszystko, przywoła do życia. Pola zazielenię się zbożem, ptactwo napełni szczebiotem dolinę, ludzie będą chodzili syści i zadowoleni.

Lało chyba ze dwie godziny, później deszcz zwolnił, padał oszczędnie i ostrożnie. Grzmoty i błyskawice znikły za horyzontem. Zza postrzępionych chmur wyrzały jasno skrzące się gwiazdy. Od **caatingi** wionęło świeżością, wiatr zdawał się nieść uzdrawiające zapachy. Chciało się wciągać to wonne powietrze do płuc jak najgłębiej, a im więcej się je wdychało, tym więcej zdawało się pachnieć.

— Patrzenie — powiedział **kaboklo**, — przecie to powietrze chorego może postawić na nogi!...

Wszystkim powróciła energia. Przy skąpym świetle nafotowej lampki kobiecina wymiatała na dwór wodę z lepianki a **kaboklo** chodził od drzwi do okna, od okna do drzwi, wyglądał na dwór, badał niebo i mruczał dawno nie śpiewaną śpiewkę, która przypominała młodość, pierwszą miłość, pocałunek nieśmiałej dziewczyny i... "**noite de luar no sertão**..." To go tak rozmarzyło, że powiedział:

— Stara, daj wiołę i chodź, usiądziemy na dworze pod ścianą.

— A tobie co? Zwariowałaś na stare lata? Bierz się lepiej do roboty, bo mieszkanie wygląda jak bajoro. Przekop rowki, to woda szybciej spłynie.

Z głębi chłodnej nocy płynęły raz bliższe, raz dalsze wystrzały.

— Wiwatują ludzie z uciechy — wyjaśnił **kaboklo**. — Ciesz się deszczem, jak dzieci **rapadurą**. Do rana już nikt nie usnie.

Reszta nocy upłynęła na gadaniu.

Rano wszyscy znaleźli się w polu z motykami w rękę. Innego środka do spulchniania ziemi nie mieli. A w końcu brakowało przecież siły pociągowej. Woły padły z posuchy i głodu, osy — jeśli je ktoś miał — zostały sprzedane za żywność lub lekarstwa.

Mimo ulewnego deszczu ziemia była w głębi sucha i twar-da jak skała. Pod uderzeniami motyk grudy sypały się jak kamienie. Wierzchnia mokra, warstwa wysychała w mgnieniu oka, kłęby pary jak strzępy mgieł ulatniały się, unosząc z sobą ostatnią nadzieję.

Clodoaldo ze ściśniętym sercem patrzył na **kabokli**. Nad-rabiali miną, aby rozprószyć smutek wciskający się do serc. Planowali głośno i z entuzjazmem: tu będzie kukurydza, tam fasola, gdzieindziej **aiپی**, tam znowu posadzi się bawełnę. Wszyscy jednak byli głęboko przekonani, że jest to czeze gadanie. Jak tu w takiej ziemi ziarno spęcznieje i puści kie-łek, jeśli parzy ona w zrogowaciałą podszwę stóp? Trzeba być nieprzytomnym, lub na prawdę porządnie stukniętym, by z tą pracą łączyć jakąś nadzieję. Jedynie ponowny i długotrwały deszcz mógł uratować sytuację.

— Hej, chłopaki, ruszajcie się żwawiej — popędzał **ka-boklo**.

Sam jednak ociągał się coraz bardziej. To, co robili, było równie niemądre jak noszenie wody przetakiem. Jedynie deszcz... Deszcz!...

Nowa utucha wstąpiła mu w serce, gdy nadszła z dała chmura pełna szumu, jak wichru zwiastującego burzę. Ledwie się jej przyjrzał ręce mu opadły jak martwe. Niebo skryło się za mgłą, a dolinę wypełnił głośny szum trzepoczących skrzydeł miliona ptaków.

— Co to? — wykrzyknął Clodoaldo.

— To **avoantes**, — gołębie przelotne — sapnął głucho **ka-boklo**, odrzucając motykę. — Co słońce dotychczas nie spali-ło, to dokończy to przekłete ptactwo. Zatrzymają się tu z kilka dni...

W szum skrzydeł i ptasie piski w mieszały się teraz ludzkie wrzaski. Chłopi wylegli z kijami, chcąc przepędzić pierzastą hałastrę. Próżny to był wysiłek. Instykt silniejszy niż strach kazał ptactwu zatrzymać się w dolinie na czas złożenia jaj.

Ptactwo niechętnie usuwało się spod nóg ludzkich, od-skakiwało o parę kroków, biło skrzydłami w twarze, po rękach, dookoła słycać było szum, pisk, wrzask, uderzenia kijów. Z roztrzaskiwanych główek przyskał mózg, połamane skrzydła, łapy — jedna lepka maź mięsa i, szybko gęstniejącej w upale krwi.

Clodoaldo nigdy nie był świadkiem podobnie bezsensownego zniszczenia. Nawet pożar **caatingi** nie był taki straszny jak to, co widział. Zbierało mu się na wymioty, żołądek miał pusty, zdawało mu się że wyrzyga własne wnętrzności. Kiedy na obiad żona **kabokla** zastawiła stół gorą pieczonego i gotowanego mięsa z nieszczęsnych ptaków, odsunął od siebie ta-lez z uczuciem obrzydzenia.

— Jedz, głupcze — ofuknął go **kaboklo**, — bo jutro i te-go może nie być.

— Dość mam wszystkiego, idę już.

Oboje **kabokle** spojrzeli po sobie, jak by mieli przed sobą wariata. Tyle żarcia — starczy tego na wiele dni — a ten chce iść na głód i poniewierkę! Ani chybi w głowie mu się coś zlużowało. A szkoda, bo poczciwość patrzy mu z gęby i do pomocy chętny. Gdyby nadszedł wreszcie uczciwy deszcz, przydałby się do pracy.

— Ha! — rzekł wreszcie stary. — Twoja wola, nie za-trzymuję.

— Weź na drogę przynajmniej ze dwa gołąbki. Upiekłam je na ich własnym tłuszczu, krusze są jak cukrowe **biscoitos**.

— Zaczekaj, dziś wieczorem zapowiada się **festa** w osadzie — powiedziała **Gabriela**. — Może trafi ci się jaka okazja, więc pojedziesz. Na co masz zrywać nogi?...

Była to słuszna uwaga i Clodoaldo uznał za właściwe skorzystać z niej. Chodziło mu nie tyle o jakiś wehikuł ile o towarzysza drogi. Żaden z synów **kabokla** nie dał się namówić na wędrowkę — los ich był związany z losem chaty, w której przyszli na świat. Poza doliną nigdzie więcej nie bywali. Mogli jeszcze ryzykować ale w towarzystwie **cangaceirów**. Gdyby Tonga zjawił się jeszcze raz, gotowi byli przyłączyć się do niego, nawet wbrew jego woli.

— A może jeszcze nadejdzie — rzekła **Gabriela**. — Jest tam w jego bandzie miły **cangaceiro**. Chciałabym ujrzeć go jeszcze raz...

Było to marzenie, jakie żywiła każda niemal dziewczyna w **sertonie**, gdy dojadła jej do żywego nuda domowa. **Canga-ceiro**, zwłaszcza młody i przystojny to ideał, którego pożąda się w gorące, parne noce.

— Jeśli dojdzie go wiadomość o dzisiejszej **fecie**, to kto wie, czy nie ujrzymy bandy wieczorem. Tonga nie wzgardzi uroczystością, choćby ze względu na własnych towarzyszy.

— A co to za **festa**?

Clodoaldo czuł się zaniepokojony zbyt częstą wzmianką o **Tondze**. Uspokoił się nieco, gdy wyjaśniono, że to nie **festa**,

NOC BOŻEGO NARODZENIA NA RZECIE

LYGIA FAGUNDES TELLES

Łódź przebijała noc. Była to noc mroźna i czarna. I woda rzeki także była czarna, jak atrament, płynący uparcie pomiędzy drzewami.

Było Święto Bożego Narodzenia. Nie chcę ani nie muszę wspominać tutaj z jakiego to powodu znajdowałam się w owej łodzi. Wiem jedynie, że wokoło wszystko było ciszą i ciemnością. I, że mimo to, czułam się wprost świetnie w tej samotności.

W niewygodnej łodzi — zaledwie czworo podróżnych. Migocząca latarnia oświetlała starca, kobietę z dzieckiem i mnie.

Starzec, pijak o niechlujnym wyglądzie ułożył się wzdłuż łodzi, rzucił kilka łagodnych słów w stronę niewidzialnego sąsiada i usnął głębokim snem. Kobieta siedziała pomiędzy nami, trzymając w ramionach tobołek z bielizną, w którym

Dok. ze str. 24

ale coś w rodzaju zebrania czy wiecu na placu przed kaplicą. Jakiś gość miał przemawiać, z tej okazji będzie sporo ludzi. Wiec pomyślany został w ostatniej chwili, wątpliwe czy wieść o nim zdołała przeniknąć w caatingę.

Kwadratowy placik zaroził się wieczorem od miejscowej ludności. Płonęło duże ognisko, stanowiące atrakcję dla wynędzniałej dziatwy, ruszającej się leniwie, bez zycia. Toczył ją głód i choroby wszelkiego rodzaju. Pod rachityczną palmą o postrzępionej, jakby wyskubanej i sterczącej na półmiewisko koronie, znalazła się skrzynka po nafcie. Wygramolił się na nią starszy wiekiem człowiek i rozglądał po tłuście dłuższy czas. Wzrok miał biedny, patrzył więcej ponad głowy, niż na twarze, szukał czegoś w ciemności, gdzie nie docierał blask ogniska. Kilkakrotnie poruszył bezzębnymi ustami, przeczesał krzywymi jak szpony palcami kłaki zwierzchniej, bielejącej brody i krzyknął nagle ochryplym głosem:

— Ludzie, nieszczęście idzie!...

Tum gapił się na niego, ten i ów trącał kogoś łokciem, szczyrzył czarne i spróchniałe zęby, mruzczał:

— W głowie mu się pomieszało...

— Nieszczęście idzie, bo syn mój umarł i żona dogorywa.

Clodoaldo przeciskał się między ludźmi, deptał po bosych stopach, potykał na kamieniach, zalegających plac i nadstawał pilnie uszu. Ludzie szemrali, ale byli to raczej martwy tium, zniechęcony, apatyczny, beznadziejny.

— Śmierć idzie do nas!... — zapiał głośniejszą mową. —

Widzę ją, czarna jest, postrzępione na niej łachmany, szczyrzy zębiska...

W kilku susach Clodoaldo znalazł się koło Gabrieli. Spojrzała na niego zaniepokojona. Był błydy na twarzy, usta mu drżały, kiedy pytał:

— Dokąd wiedzie droga za kaplicą?

— Do Maranduby.

— Osada?

— Miasteczko.

— Daleko to?

— Ze dwadzieścia kilometrów. Chcesz tam iść?

— A jakże. Tu bżika można dostać. Ten stary sprowadzi na was jakie nieszczęście. Z oczu patrzy mu źle, rzuci się jeszcze na kogo i... brr...

— Masz *condução*?

— Nie i nie będę szukał. Im wcześniej pójdę tym lepiej.

Até a outra vista!

Skręcił za kaplicę i puścił się ledwie widoczną w ciemności drogą. Szedł pospiesznie, jakby w obawie, że nieszczęście przepowiadane przez starca może się właśnie przyczepić do niego.

JAN KRAWCZYK

Esporte Universal Ltda.

ARTIGOS PARA TODOS OS ESPORTES
E UNIFORMES PARA COLÉGIOS

Rua Líbero Badaró, 356 — TEL.: 37-5660

Caixa Postal, 4413 SÃO PAULO

spowite było niemowlę. Była to kobieta jeszcze młoda o bardzo bladej twarzy. Długa, ciemna narzutka, okrywająca i głowę, nadawała jej wygląd biblijnej postaci.

Miałam zamiar powiedzieć jej to, jeszcze w chwili gdy wsiadałam do łodzi. Tymczasem — byliśmy już niemal u kresu podróży — nie nadarzyła się jakaś sposobność, by odezwać się do niej choć słowem. Po prostu nie szła w parze z tą prostą, bez jakiegokolwiek kunsztu sporządzoną łodzią — próżność konwencjonalnej rozmowy. Byliśmy samotni. Gorzko samotni. Ale przynajmniej dobrze było nic nie robić, nic nie mówić, ot, zaledwie przyglądać się brózdzie, którą łódź ryła w wodzie.

Pochyliłam się nad drewnianą, zmurszałą burtą. Zapaliłam papierosa. Oto było nas czworo, cichych, jak umarli — w starej łodzi umarłych, sunącej w ciemności. Tym nie mniej jednak byliśmy żywi. I była noc Bożego Narodzenia.

Pudełko zapalek wyslizgnęło mi się z rąk i omal nie wpadło do rzeki. Przykucnęłam, by je schwycić i w tym momencie przysnęło mi w twarz parę kropli wody. Przechyliłam się i czubki palców umoczyłam w wodzie.

— Ależ lodowata! — powiedziałam, wycierając rękę.

— Rano jest gorąca.

Odwróciłam się. Kobieta kołysała dziecko okryte szalem. I przyglądała mi się jakoś serdecznie. Usiadłam obok niej na ławce. Wtedy zauważyłam, że miała piękne, jasne oczy, niezwykle lśniące. I, że jej biedny i znoszony ubiór nadawał jej dziwną dostojność.

— Powiada pani, że ta rzeka rano jest gorąca?

— Gorąca i zielona — odpowiedziała z uśmiechem — tak zielona, że gdy pierwszy raz wypralam w niej sztukę bielizny, miałam wrażenie, że bielizna zazielenienie.

— Przyznam, że trudno to sobie wyobrazić.

— Pani pierwszy raz w tych stronach? — zapytała.

Pochyliłam głowę onieśmiewiona. I na jej pytanie odpowiedziałam innym pytaniem.

— Ale pani mieszka tu blisko?

— W Lucernie. Już tyle razy jeździłam tą łodzią, ale nie przypuszczałam, że właśnie dziś...

Dziecko poruszyło się, poplakując. Kobieta ułożyła je wygodniej wśród łasek. Główkę przykryła szalem. Jej podniecone ręce odcinały się od ciemnego szala, ale twarz była spokojna.

— To pani syn?

— Tak. Jest chory. Wiozę go do specjalisty. Lekarz z Lucerny uważał, że jeszcze dziś powinnam poradzić się specjalisty. Wczoraj czuł się dobrze, ale nagle mu się pogorszyło. Gorączka, tylko gorączka...

Umilkła i podniosła energicznie głowę. Zaciśnęła wargi. Jej postawę można było określić, jako wyniosłą, gdyby nie spojrzenie przepojone najpokorniejszą słodyczą.

— Ale Bóg mnie nie opuści.

— Tylko tego pani ma?

— Tylko. Pierwszy umarł zeszłego roku. Wszedł na muręk, bawił się w czarodzieja. Nagle dał znać: pofrunę. I skoczył przed siebie. Spadek nie był wielki, mur nie był wysoki, ale zleciał tak nieszczęśliwie... Miał niewiele ponad cztery latka.

Zdusiłam papieros obcasem. Poruszyłam się. Należało kierować rozmowę na obecnego tu synka, chociaż chorego, ale żywego.

— A ten ile ma?

— Skończył roczek.

Zrobiła przerwę. Przechyliwszy głowę na ramię, ciągnęła dalej łagodnym tonem.

— Taki był z niego dobry chłopczyk. Miał prawdziwą manię robienia sztuczek. Jasne, że z tego nigdy nic nie wychodziło, ale było zabawne... Ostatnia jego sztuczka udała się całkowicie. "Pofrunę" — powiedział, otwierając ramionka. I pofrunął.

Podniosłam się. Tak bardzo pragnęłam tego wieczoru być sama, zupełnie sama, bez wspomnień, bez uczucia litości. Bez wspomnień i bez litości. I oto więzy, owe ludzkie więzy groziły omotaniem mnie. Wymigałabym się im, to pewne, ale teraz brakło mi sił żeby uwolnić się od nich.

— Czeka na panią mąż?

— Mąż mnie porzucił. Niech pani sobie wyobrazi...

przerwała zdanie i uśmiechnęła się smutnie — żyliśmy bardzo dobrze razem, wie pani? Ale pewnego dnia spotkał swoją pierwszą sympatię. W swoim czasie nie pobrali się przez jakieś nieporozumienie przez pewną intrygę... Potem stracili siebie z oczu. A teraz po tylu latach spotkali się znowu. Wystarczyło jedno zwykłe spotkanie i wszystko powróciło.

Wszystko. Od sześciu miesięcy żyją razem. Ja mieszkam z matką, na wzgórzu, w domku, który wynajęliśmy obok szkoły, gdzie ucze.

Wbiłam wzrok w czarne chmury, które sunęły z biegiem rzeki. Potem spojrzałam na nią. Niezwykły był ten sposób opowiadania o ništěściach, które ją kolejno nawiedzały. A przy tym ten wyraz taki pogodny, opanowany... Jakby to, co się stało, w ogóle jej nie dotknęło. A przecież spadły na nią ciosy, twarde ciosy. Jakby nie dość było biedy wyzieraającej z lat, straty syna, męża, to jeszcze unosił się cień nad wątlým życiem, które trzymała w ramionach. A tymczasem nie zdradzała żadnego buntu. Ufna. Nienaruszalna.

I nie była to apatia. Nie mogły do stworzenia apatycznego należeć te dzielne ręce, te żywe oczy. A więc — nieświadomość? Jakaś niepojęta irytacja zmusiła mnie do uśmiechu.

- Pani jest pogodzona z losem?
- Jestem pełna wiary. Bóg mnie nigdy nie opuścił.
- Bóg — powtórzyłam bezmyślnie.

Teraz zrozumiałam. W tym był sekret owego tajemnego światła, które zdawało się promieniować z jej oczu. Tajemnica owego zaufania. Owego spokoju. To była wiara, o której mówią, że góry przenosi...

— Pani nie wierzy w Boga? — zapytała.

— Wierzę — szepnęłam. Ale na słaby dźwięk mojego potwierdzenia, sama nie wiem dlaczego — zmieszalam się.

Kobieta zmieniła pozycję dziecka, przekładając je z prawego ramienia na lewe. I zaczęła głosem gorącym, namiętym.

— Było to zaraz po śmierci mojego synka. Obudziłam się pewnej nocy tak zrozpaczona, ale tak zrozpaczona, że wyszłam na ulicę boso i płacząc, jak szalona, taka była moja rozpacz... Usiadłam na ławce w parku dokąd zwykłam była prowadzić go co rano. I poprosiłam — jego, który tak bardzo lubił magiczne sztuczki, żeby mi się ukazał przynajmniej jeden, jedyny raz...

Nie wiem, jak to się stało, że usnęłam na ławce. We śnie objawił mi się Bóg, a raczej poczułam Jego świetlną dłoń opartą na mojej. I wtedy ujrzałam mojego synka bawiącego się z Dzieciątkiem Jezus w rajskim ogrodzie. Gdy tylko mnie zobaczył, podbiegł do mnie i zaczął mnie całować, całować... Tak był ucieszony, że i ja obudziłam się roześmiana, czując na sobie promień słońca.

Zamilkła. Nie wiedząc co powiedzieć, zwróciłam się instynktownie ku jej maleństwu i uniosłam rękę szala, który

przykrywał mu główkę, ale czym prędzej go opuściłam. Znieruchomiła wbiłam wzrok w podłogę. Mały nie żył.

Splotłam dionie, by opanować drżenie, które mną wstrząsało. Nie żył. A matka w dalszym ciągu kołysała go, przyciskając do piersi. Ale przecież on już nie żył.

Podniosłam się i oparłam o burtę, wpatrzywszy się w niezbadaną czerń rzeki. Oddychałam z bólem. Miałam wrażenie, że po szyję tkwię w wodzie.

Kobieta za mną poruszyła się.

— Już dojeżdżamy — zawołała.

— Dojeżdżamy — powtórzyłam głucho.

Chwyciłam za teczkę. Najważniejsze było teraz wyjść, czym prędzej, zniknąć, zanim ona mogłaby spostrzec. Cios byłby zbyt ciężki, nie zniosłaby go. A już w żaden sposób nie chciałam być obecna przy tej scenie.

Łódź zwołniła bieg, zakręcając szeroko przed zakotwiczeniem. Zjawił się konduktor i zaczął potrząsać starym.

— Ee, już jesteśmy na miejscu.

Zbliżyłam się do młodej kobiety opuściwszy głowę.

— Myślę, że będzie lepiej, jeżeli pożegnamy się tutaj...

— zaczęłam zmieszana, wyciągając ku niej rękę.

Zdawała się nie dostrzegać mojego gestu. Wstała i rozejrzała się za torbą. Pomogłam jej. Ale ona zamiast wziąć torbę, którą jej podałam — zanim mogłam w tym przeszkodzić — zsunęła szal z główki dziecka.

— Śpioszek się obudził! I wygląda na to, że gorączka mu przeszła...

— Obudził się?!

Uśmiech jej wyrażał niewypowiedziany zachwyt.

— Niech pani patrzy...

Nachyliłam się. Dziecko otworzyło oczy — te same oczy, tak niedawno przymknięte w śnie, który wydał mi się wiecznym. I — ziewnęło znużone.

Gorący płomień ogarnął mi serce. Chciałam mówić ale moje popękane wargi z trudem zdobyły się na uśmiech.

— A więc, wesolych świąt — powiedziała przewieszając torbę przez ramię.

Przyjrzałam jej się po raz ostatni. Jej twarz promieniała. Ucisnęłam jej krzepką dłoń. I odprowadziłam ją wzrokiem, aż znikła w ciemności nocy.

Z łodzi wysiadam ostatnia. Wychodząc, odwróciłam się jeszcze raz, by spojrzeć na rzekę. I wtedy mogłam wyobrazić sobie, jaka byłaby wczesnym rankiem: zielona i gorąca. Zielona i gorąca.

Tłum. MIRA CARLA

“BRASTRAF” INDÚSTRIA DE TREFILAÇÃO S. A.

Trefilação de:

Tubos de aço com ou sem costura.

Barras cheias redondas e com todos os perfis.

Arame de aço.

Rua Ibitirama, 1.800
V. Prudente
Enderêço telegráfico
“BRASTRAF”

Enderêço para correspondência
Rua 7 de Abril, 252 — 10.º

Fones: 63-3100
63-3109

SÃO PAULO



W STARYM KRAJU — W STARYM KRAJU — W STARYM KRAJU — W STARYM KRAJU

W krakowskiej "Jamię Michalikowej"

Ulica Floriańska w Krakowie — to jedna z najbardziej ożywionych ulic starego śródmieścia w grodzie podwawelskim. Tędy prowadzi szlak niemal wszystkich przybywających do Krakowa wycieczek, które z Rynku — przez Bramę Floriańską — dążą do Barbakanu. Tu przy Floriańskiej zwiedzamy "Dom Matejki", gdzie żył i tworzył wielki polski malarz. I tu wreszcie popołudniami i wieczorami zbierają się tłumnie krakowianie, turyści krajowi oraz goście zagraniczni. W "Jamię Michalikowej" trzy razy na tydzień daje przedstawienie kabaret cietej satyry politycznej, prowadzony na wzór dawnego "Zielonego Balonika". Cóż to jednak za "Jama" i kim był pan Michalik, że aż do dziś nazwisko jego tak dobrze jest znane w Krakowie?

Cofnijmy się do 1895 r., kiedy to do Krakowa przytył pewien młody człowiek, syn ziemiańskiej rodziny, który z woli ojca miał terminować w rzemiośle cukierniczym, co na owe czasy w sferach ziemiankich było rzeczą na ogół niespotykaną. Jan Apolinary Michalik, gdyż tak się nazywał ów młodzieniec, miał przez rodziców nałożoną pokutę, za dwoje, którymi hojnie darzyła go galicyjska szkoła. Zamiast więc do terminu u szewca, czym wówczas grożono nieukom, poszedł Jaś do terminu u cukiernika ale tak w swym nowym fachu zasmakował, że w niespełna trzy lata zrobił dyplom mistrzowski i przy ul. Floriańskiej 45 otworzył niemałą cukiernię, którą nazwał pierwotnie "Cukiernią Lwowską". Punkt, jak się okazało, obrany był dobrze, w sąsiedztwie teatru oraz Szkoły Sztuk Pięknych, to też lokal zapelniał się wkrótce dziwnymi postaciami. Panowie z brodami i młódz golona, dostojna czerń tużurków i zaplamione farbami kurtki, ludzie o głośnych już wtedy w teatrze i literaturze nazwiskach, a obok nich pełni fantazji i zadziorności młodzie obrali nową kawiarnię na miejsce codziennych spotkań, sporów i dyskusji... Wkrótce lokal, któremu dano nazwę "Jamy" zasłynął jako główna kwatery krakowskiej cyganerii, którą też pan Jan Apolinary Michalik darzył serdeczną sympatią. Lokal nie przynosił co prawda większych zysków; malarze, literaci i artyści pijali chętnie poncz i alasz, lecz nie zawsze mieli czym płacić. Przynosili więc ze sobą farby, pędzle i palety i wprost na ścianach cukierni malowali obrazy o treści bynajmniej nie świętej; inni przynosili z pracowni gotowe płótna i "dla wyrównania rachunku" wręczali panu Michalikowi, który dziękował z uśmiechem, dodawał szkło i ramy i wieszal jeden przy drugim. W ten sposób z biegiem lat — powstała przy ulicy Floriańskiej jedyna w swoim rodzaju galeria sztuki satyrycznej, która z uwagi na różne sportretowane tam ówczesne bardzo wysoko postawione osobistości, stała się nielada atrakcją dla Krakowian. Nie tylko zresztą dla nich. W początku bieżącego stulecia do częstych bywalców "Jamy" należeli Henryk Sienkiewicz i Stefan Żeromski. Odwiedzają ją Strug, Wyspiański, Kasprówicz i Sieroszewski i wreszcie zjawia się ojciec satyry polskiej, lekarz i poeta w jednej osobie Tadeusz Boy, Żeleński.

Właściciel cukierni zaciera ręce: lokal jest co wieczór pełny, a ściany zniknęły pod malowidłami, których treść mogłaby wypełnić całą książkę. I wtedy właśnie — w 1905 r. — trójka twórców Boy Żeleński, profesor Krakowskiej Akademii Sztuk Pięknych Karol

Frycz i kompozytor Noskowski rzucają myśl uruchomienia we wnętrzu cukierni kabaretu. Dają mu nazwę "Zielony Balonik" i w dniu premiery każdy z zaproszonych gości otrzymuje przy wejściu zielony balonik na długiej nitce.

Przez szereg lat, aż do wybuchu I wojny światowej "Zielony Balonik" promieniuje swą świetną satyrą na cały kraj, a jego twórcy muszą staczać nieustanne boje z austriacką cenzurą. Najbardziej panów z cenzury irytuje szopka. Występują w niej bowiem oprócz osób cywilnych również kukły, ubrane w austriackie mundury. W okresie międzywojennym kabaret nie wznawiał działalności. Sam Michalik zmarł w 1928 r. Lokal przeszedł w inne ręce i mocno podupadł i dopiero stosunkowo niedawno po bardzo starannie przeprowadzonej renowacji (nawiasem powiedziawszy pod nadzorem artystycznym prof. Frycza) został na nowo oddany do użytku. Wnętrze wygląda jak dawniej. Półmrok, atmosfera fin de siècle'u, antyczne meble, czerwone pluszowe otomany, krzesła o dziwnie wysokich oparciach, laska zatknęta w ścianie — dawne godło konferansjera kabaretu, a dookoła odkurzone i odrestaurowane obrazy wielkich mistrzów satyry i pędzla.

Oto słynny "Kabaret" Sichulskiego. Można na nim rozpoznać zespół dawnego "Zielonego Balonika" i osobistości dawnego Krakowa, jak w pijanym korowodzie, szubują nad Rynkiem ku księżycowi, gdzie z kuflem w ręce czeka na nich pan Twardowski. Oto "Sąd Ostateczny" tegoż malarza, obraz, który w swoim czasie tyle narobił szumu w Krakowie. Rzecz w tym, iż Sichulski przedstawił na swym malowidle wielu krakowskich notabli w stroju adamowym, Zauważył to pewnego dnia generał austriacki, który z żoną i dwiema córkami wstąpił do "Jamy" na kawę. Pani generałowa zadrzała z oburzenia, córeczki zerkały spoza paluszków ciekawie na obraz, a pan generał wezwawszy właściciela dał mu do wyboru: albo Sichulski przyodzienie nagsów, albo zabierze swój "gorszący publiczność" obraz. No i Sichulski domalował spodnie, tużurki, peleryny etc. ale uczynił to w taki sposób, że jeszcze bardziej ośmieszył skarykaturowane postacie...

Zwraca uwagę obraz, w który wkomponowane są dwie wełniane rękawice i autentyczny sznur. Prowadzi na nim białego niedźwiedzia doktor Zentgeler, znany w swoim czasie z tego, iż rzekomo miał wiele podróżować po świecie, a nawet wziąć udział w wyprawie Cooka do Bieguna Północnego, co właśnie malarz na obrazie postanowił wykić.

Nad portalem wisi "Brama Floriańska", ale skrzywiona na podobieństwo wieży w Pizie. Jest to dzieło malarza Szczyglińskiego, który w ten sposób przedstawił gości wychodzących z "Jamy" po dobrze spędzonym wieczorze. Wszystko kręci im się w oczach, nawet "Brama Floriańska".

Niestety, wiele cennych malowideł z okresu "Zielonego Balonika" zniknęło z "Jamy" w latach okupacji. M. in. zginęła słynna "szafka ze szkieletami" które z drutu i wosku sporządził dr Kurek. Szkieletom dano twarze żyjących ówczesnie sławnych malarzy, a cała szafka nosiła napis "Muzeum Narodowe — Oddział malarstwa polskiego". Pierwszego wieczoru, kiedy wystawiono ową szafkę "Zielony Balonik" zaprosił na przedstawienie dy-

rektora Muzeum Feliksa Kopere. Na scenkę wyszedł Boy Żeleński i demonstrując szkielety wygłosił "mowę żałobną" o takich ludziach co to malowali, malowali, aż pomarli z głodu, bo muzeum nie kupiło od nich ani jednego obrazu. Słowom tym towarzyszył potężny trzask: to Boy, wydobywszy z zanzardza wielką kość cisnął ją w stolik Feliksa Koperę, który skonfundowany chyłkiem opuścił lokal.

Dok na str. 28

"BUKI"

Dok. ze str. 23

Po kolacji zjawiała się w wielkim salonie cała służba majątku.

Przedfilowawszy przed rzęsiście oświetloną choinką — gdzie Stefica wraz z Szymkiem wręczali podarki — wszyscy udawali się na galerię otaczającą salon. Szymek przy pomocy stelmacha, zmałstrował scenę teatralną, Stefica uszyła piękną kurtynę. W pierwszy dzień świąt, "teatr" w Bukach, dawał swoje jedyne przedstawienie.

Kiedy w jednym roku, zjawił się na nim "prawdziwy" dyrektor teatru z Warszawy, nie mógł się nadziwić oryginalnym pomysłem i znakomitej grze wykonawców.

Wacek Penott spełniał w tym teatrze bardzo ważną funkcję: wymontował ze swojego "Fiata" boczny reflektor i z galerii, w odpowiednim momencie rzucał snopy różnokolorowego światła na scenę.

— Pon major, to jok carodziej!... — szeptały stojące obok niego na galerii dziewczuchy.

Duszą teatru był Szymek. Przerabiał i skracał sztuki, sam napisał kilka jednoaktówek, rozsyłał zawczasu sąsiadom role, molestował Izę o wypożyczenie w Warszawie kostiumów.

Ilustracja muzyczna była dziełem Stefici. Wykonywali ją na cztery ręce razem z mademoiselle Champière.

Raz porwali się nawet na odtworzenie kilku scen ze "Straszego Dworu".

Wtedy to — wyjątkowo — ukazał się na scenie Wacek Penott, posiadający piękny tenor.

W przerwie arii "Z kurantem", kiedy zegar zaczął wybić północ, a nastrój "Straszego Dworu" ogarnął widzów, na galerii rozległ się przeraźliwy pisk:

— Laboga!!! Stoch mnie scypie!...

W ciszy, jaka zapadła na chwilę, dał się słyszeć głos starego Mateusza:

— Jędręk psiajucho, a odcep się od Magdy bo zdejmę pasa!...

Pomimo zmiany swoich przekonania, pani Natalia Żarebska kazała Andrzejowi długo wietrzyć salon po przedstawieniu.

— Nasi widzowie są nerwowi... — przytykała do nosa chusteczkę, skropioną obficie perfumami.

Księżyc, lśnił fioletem, gromadka chłopców — ze świecą gwiazdą — śpiewała kolędy przed dworem. Światło jasno oświetlonych okien skrzyło się na śniegu.

Pani Natalia rozejrzała się po salonie. Pod choinką stali Szymek ze Steficią.

— Ślicznie dziś grałaś...

Objął Steficię i pocałował ją.

— Są, szczęśliwi... — wyszeptała pani Natalia. — Nareszcie!...

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

Cała Polska poruszona została do głębi żałobstwem prezydenta Johna Kennedy'ego. Z miast, miasteczek, a nawet ze wsi napływały do Ambasady Amerykańskiej w Warszawie listy i depesze. Do księgi kondolencyjnej, wyłożonej w ambasadzie, wpisały się tysiące osób. Wiele osób przyniosło kwiaty. W dniu pogrzebu na znak żałoby na gmachach urzędowych w Polsce opuszczono flagi do połowy masztu. Do połowy masztu opuścili również flagi okręty wojenne. Radio i telewizja, lokale widowiskowe i rozrywkowe, zmieniły bądź odwołały w tym dniu swoje programy. Telewizja polska transmitowała przebieg uroczystości pogrzebowych z Waszyngtonu, a następnie nadała specjalny program filmowy związany z tragiczną śmiercią prezydenta Kennedy'ego.

Wobec tej śmierci wszystko inne odeszło w Kraju na plan dalszy.

Listopad, zgodnie z tradycją, był chłodny i deszczowy. Dnia 10 listopada wypadł pierwszy śnieg, ale zaraz stopniał.

Prace w polu zostały już zakończone. Pociągająca wiadomość: dzięki sprzyjającym warunkom atmosferycznym we wrześniu i w październiku zbiory buraków okazały się w tym roku wyższe, niż w roku ubiegłym.

Trudności aprowizacyjne nieco się zmniejszą.

W sklepach pojawił się większy, niż dotychczas asortyment towarów przemysłowych.

Z wiadomości o charakterze kulturalnym należy odnotować dwie:

powrócił do Kraju znany pisarz Teodor Parnicki, autor "Aecjusza — ostatniego Rzymianina", "Końca zgody narodów", "Srebrnych orłów", "Tylko Beatrycze" itp., który od roku 1939 mieszkał za granicą.

przebywał w Polsce wraz z żoną pisarz amerykański John Steinbeck.

Oto co powiedział Steinbeck, mówiąc o swoich wrażeniach z Polski:

"Jestem bardzo zadolowany, że poznałem wasz kraj, tak jak to było możliwe w ciągu krótkiego, bo 10-dniowego pobytu. Szczególnie podobały mi się Mazury. Jestem pełen podziwu dla odbudowy Warszawy. Rozmawiałem z polskimi studentami — zadawałem inteligentne, ciekawe pytania. Zauważyłem, że mają ogromny respekt dla swych profesorów. Z początku rozmowa nasza nieco kulą, ale kiedy się przekonali, że jestem złym nauczycielem, rozwinęła się wspaniała dyskusja. Co do studentek? Nie wiem jak się uczą, ale muszę przyznać, że są bardzo ładne..."

(as)

PRZEGLĄD POLSKI INFORMUJE:

Rozwój telewizji i radia w Polsce. Telewizorów zarejestrowanych jest obecnie w kraju ok. 1 miliona i 200 tys., a radioodbiorników ponad 5 milionów 600 tys. W r. 1964 uruchomiona zostanie stacja telewizyjna w Szczecinie. W tym czasie ok. 80 proc. powierzchni kraju objętych będzie zasięgiem telewizji. Telewizja w Polsce pracuje w poszczególnych ośrodkach tylko na jednym kanale. Nawet w Warszawie dopiero w przyszłym roku uruchomiony zostanie drugi kanał, ale... nie znaczy to wcale, że nadawane będą równoległe dwa różne programy. Na drugi program Warszawiacy będą jeszcze musieli poczekać.

O jeden rok więcej nauki. Uczniowie polscy, którzy w czerwcu r. 1965 ukończą VII klasę szkoły podstawowej, nie przerwą nauki. Kurs szkoły podstawowej został bowiem zwiększony o jeden rok. Uczniowie będą się nadal uczyć w VIII klasie nowej, zreformowanej szkoły podstawowej bądź też zostaną skierowani do dziennych szkół zawodowych, jeżeli zechcą dalej kształcić się zawodowo.

Warszawa liczy ponad 1,2 mln. mieszkańców. Na dzień 30 września br. liczba mieszkańców Warszawy przekroczyła 1.213.000. Nadal w stolicy przeważają kobiety. Jest ich o przeszło 88 tys. więcej, niż mężczyzn.

W "JAMIE MICHALIKOWEJ"

Dok. ze str. 27

Tradycje "Zielonego Balonika" podjęła od niedawna spółka zdolnych i ambitnych satyryków krakowskich Tadeusz Kwiatkowski, Jacek Stwora i Bruno Miecugow.

Napisali "A to ci wesele", w którym sparodiowali Wyspiańskiego. Utwór swój tak mocną i ostrą zaprawili satyrą, że choć minęło już chyba 70 przedstawień, niełatwo zdobyć stolik w "Jamie"... Ale i po południu — bez kabaretu — warto, będąc w Krakowie, odwiedzić ten lokal, jedyne w swoim rodzaju muzeum cyganerii krakowskiej z zeszłego stulecia.

LEOPOLD MARSCHAK

Dostawy zboża kanadyjskiego. Podpisana została ostatnio trzyletnia umowa na dostawę do Polski corocznie ok. 400 tys. ton pszenicy kanadyjskiej. Umowa przewiduje dostawy na warunkach trzyletniego kredytu.

Sprzedaż na raty w Polsce. Sprzedaż ratalna rozwija się na całym świecie i wraz ze zwiększeniem ilości towarów przemysłowych także i w Polsce. W ub. roku ponad 1 milion 100 tys. osób skorzystało ze sprzedaży ratalnej. Kupili oni łącznie towary wartości ponad 6 miliardów złotych, czyli pięć razy więcej niż cztery lata temu, kiedy wprowadzono na szerszą skalę sprzedaż ratalną. Oto kilka interesujących danych. W chwili obecnej sprzedaje się na raty ponad 65 proc. ogólnej ilości telewizorów i 20 proc. odbiorników radiowych. Duży jest także udział mebli, sprzętu motoryzowanego i artykułów gospodarstwa domowego. Wzrasta nie tylko ilość osób kupujących na raty i wartość sprzedanych towarów, ale także sumy pojedynczych transakcji. Na jednego uczestnika obrotu ratalnego przypada obecnie blisko 6 tys. złotych kredytu, podczas gdy cztery lata temu suma ta nie przekraczała 3,7 tys. zł. Wśród towarów zakupionych na raty największym popytem cieszyły się w ub. roku radia i telewizory, których sprzedano za ponad 1 miliard 800 mln złotych. Na drugim miejscu uplasowały się meble (1 miliard 300 mln zł), na trzecim — samochody i sprzęt motoryzacyjny (ponad 1 miliard złotych), na czwartym — odzież (834 mln zł).

Z OSTATNIEJ CHWILI

Jak się dowiadujemy w dniach od 25 do 26 stycznia 1964 r. odbędzie się w Kurytybie II Forum Stowarzyszeń Polskich.

Tematem FORUM będzie sprawa powołania Fundacji Kulturalnej Polsko-Brazylijskiej oraz omówienie ankiety społeczno-ekonomicznej - politycznej.

Buduje się na Śląsku, w rybnickim okręgu węglowym nowe kopalnie, o których starym, doświadczonym górnikiem nawet się nie śniło. Przed paroma laty zbudowano pierwszą z nich — kopalnię "Szczygłowice". Wywołała wiele dyskusji i na dobrą sprawę dyskusje te trwają dalej, a tymczasem urosła już na pustym i płaskim jak stół terenie w Jastrzębiu Zdroju druga najnowocześniejsza spośród 83 polskich kopalni węgla. Gdyby nie strzelista wieża szybu wyciągowego, nikt kto przejeżdża zosą nie domyśliłby się nawet, że tutaj jest właśnie kopalnia.

Budynki z kolorowymi tynkami przypominają raczej pawilony wystawowe. Tymczasem pokryty pomarańczowym tynkiem olbrzymi budynek mieści łaźnię, szatnię, lampiarnię. Pod olbrzymią kopułą stalowo-szklaną mieści się cechownia, miejsce zebrania załogi, biura różnych oddziałów wydobywczych. Rozwiązanie przez projektantów budynku cechowni wywołało początkowo mnóstwo kontrowersji. Starzy górnicy, fachowcy budowlani i projektanci przywykli do budynków o kształtach prostokątnych. Nowa cechownia w "Jastrzębi" ma podstawę okrągłą, przykryta jest kopułą o rozpiętości 27 metrów i wadze 180 ton. Kopułę montowano w całości na ziemi, a następnie podnoszono w górę na specjalne słupy, na których jest wsparta.

Autorami tego śmiałego projektu — bardzo zresztą udanego — rozwiązującego bez zastrzeżeń funkcjonalność kopalni, organizację pracy i wykorzystanie terenu są: generalny projektant mgr inż. Roman Roessler i mgr inż. Czesław Hebenstreit z Gliwickiego Biura Projektów Nowych Kopalni.

Kopalnia "Jastrzębia" zrodziła się w terenie dziewiczym, bez żadnych tradycji przemysłowych. Budowali ją nie tylko starzy fachowcy ze Śląska, ale i młodzi z Krakowa, Wrocławia, Kielc i innych rejonów Polski — w sumie 5 tys. osób. Niektórzy pozostali tu już na stałe wydobywając węgiel, inni przenieśli się parę kilometrów dalej budując nową, bliższą kopalnię.

W tym do niedawna dziewiczym terenie powstaje jeden z największych, tzw. Rybnicki Okręg Węglowy. Zasluguje on na szczególną uwagę. Na terenach tych występuje bowiem węgiel koksujący, niezbędny gospodarce polskiej, głównie zaś hutnictwu. Znaczne ilości tego węgla Polska importuje jeszcze z zagranicy, głównie z NRF, płacąc dewizami. Za kilka już lat, kiedy kopalnia "Jastrzębia" i "Szczygłowice" osiągną pełną zdolność wydobywczą, kiedy do grona ich dołączy jeszcze sześć dalszych nowobudowanych kopalni — zaspokojone zostanie nie tylko własne zapotrzebowanie, ale będzie też można eksportować znaczne nadwyżki tego tak bardzo poszukiwanego na rynkach światowych węgla.

Na równi z eksploatacją węgla koksującego eksploatuje się tu również gaz, metan. Specjalne urządzenia wysysają z pokładów węglowych olbrzymie ilości metanu, który odprowadzany gazociągami do zakładów przetwarzany jest na gaz służący różnym celom. Jest to oprócz węgla drugie bogactwo Rybnickiego Okręgu Węglowego.

KAROL STRUG

LIST ZE ŚLĄSKA



NA NASZYM PODWÓRKU—NA NASZYM PODWÓRKU

PRZEGLĄD WAŻNIEJSZYCH WYDARZEŃ

Rio de Janeiro

Jak się dowiadujemy prowadzone od dłuższego czasu pertraktacje w sprawie wybudowania przez Polskie Zakłady Budowy Obiektów Przemysłowych siłowni termo-elektrycznej o mocy 200 megawatów w stanie Rio Grande do Sul nie zostały dotychczas zakończone. Strona brazylijska wysunęła niedawno propozycję wybudowania nie jednej, lecz dwóch siłowni, każda o mocy 100 megawatów.

W listopadzie bawił w Rio przejazdem znakomity pisarz polski, Arkady Fiedler. Pisarz wyjechał na trzy miesiące do Gujany Brytyjskiej. W powrotnej drodze Fiedler ma zamiar odwiedzić skupiska emigracji polskiej w Paranie i w Rio Grande do Sul.

São Paulo

Na Międzynarodowym Biennale Sztuki Współczesnej w São Paulo grafik Henryk Tomaszewski otrzymał pierwszą nagrodę za plakat. Nagroda ta została przyznana ex aequo z pracą austriackiego artysty Frietza Riedla.

W Klubie 44 grudzień zaznaczył się rekordową ilością imprez.

Dnia 5 grudnia w ramach wieczorów czwartkowych inż. Mirosław Szabuniewicz i p. Edward Mandelot opowiedzieli o swoich wrażeniach z podróży do Europy. Inż. Szabuniewicz podzielił się z licznie przybyłymi słuchaczami ciekawymi spostrzeżeniami z pobytu w Polsce.

Dnia 12 grudnia wyświetlony został w Klubie film polski pt.: "Jutro premiera" oraz filmy krótkometrażowe: "Diabeł - Boruta",

"Imieniny Jacka" i "Zima stulecia". Ze szczególnym zainteresowaniem śledzili widzenie doskonale podaną kronikę wydarzeń w czasie ostatniej surowej zimy w Polsce.

W sobotę dn. 21 grudnia odbędzie się w salonach Klubu tradycyjna gwiazdka dla dzieci, urozmaicona niespodziankami.

I ureszcie na zakończenie roku dn. 31 grudnia Klub 44 urządza wieczór sylwestrowy dla członków i zaproszonych gości. W programie rewia klubowa i wiele innych atrakcji. Orkiestra pod kierownictwem znanego pianisty Erwina Wienera.

Kurytyba

W ostatnich czasach organizuje się w okręgu podkurytybskim coraz więcej spółdzielni. W r. 1963 powstało ich 12. Spółdzielnie w Araukarii i w Campo Novo zorganizowane zostały przy wybitnej pomocy prof. Franciszka Dranki. W obu tych spółdzielniach większość członków stanowią obywatele pochodzenia polskiego.

Zaznaczyć należy, że władze lokalne, zwłaszcza zaś sekretariaty stanowe Rolnictwa oraz Pracy i Opieki Społecznej, odnoszą się bardzo przychylnie do spółdzielczości rolniczej, starając się o dostarczenie maszyn rolniczych — traktorów, siewników, młocarni itp. w celu zmechanizowania pracy w polu. Spółdzielnie w Araukarii i w Campo Largo sprowadziły z zagranicy środki grzybobójcze, niezbędne na plantacjach pomidorów i ziemniaków oraz zakupiły duże ilości nawozów sztucznych.

(sh)

MALETAŃSKI "MIKOŁAJ KOPERNIK"

Miasteczko Marechal Mallet położone jest w centralno-południowej Paranie na drodze z Ponta Grossa do Pôrto União. W roku 1962 obchodził Mallet 50-lecie podniesienia do rangi municypium. Ośrodek otoczony jest wieńcem licznych kolonii polskich starej daty. Działały tu niegdyś liczne szkoły i towarzystwa polskie.

Korzystne warunki klimatyczne i żywna gleba zwałyby do Malletu nie tylko nasze wychowstwo wiejskie, ale i sporo inteligencji, która pociągnęła innych do pracy społeczno-oświatowej.

W r. 1909 powstało Towarzystwo im. Mikołaja Kopernika. Po uruchomieniu szkoły podstawowej zrodziły się u założycieli nowe aspiracje. Na jednej z narad stwierdzono, że kolonii polskiej w Brazylii brak szkoły średniej ogólnokształcącej, wskutek czego wiele młodzieży marnuje się nie mogąc się kształcić. W krótkim czasie po tej naradzie Kolegium Malletańskie zostało powołane do życia. Takiej uczelni nie posiadała wówczas nawet stolica Parany, Kurytyba.

Niezapomniane usługi oddali szkole malletańskiej: dr Szymon Kossobudzki, długoletni prezes towarzystwa "Kultura", dr Józef Czaki z Araukarii, dr Aleksander Kochański, Konrad Jeziorowski i Michał Sekuła. P. Janina Kraków, przenosząc się po wieloletnim pobycie w Brazylii do Polski, zapisała cały swój majątek na Fundusz Stypendialny im. Hamilkara Szeligowskiego i Janiny Kraków, z którego korzystali wychowankowie pragnący się poświęcić karierze nauczycielskiej.

Towarzystwo zakupiło piękny teren o po-

wierzchni 33 tys. m kw. Powstało tu istne miasteczko oświaty i kultury, internat dla uczniów i uczennic zamiejscowych, gabinety fizyczny i chemiczny, biblioteka, świetlica, boisko sportowe. Teren był pięknie zadrzewiony.

Szkola malletańska stała na wysokim poziomie. Przewinęli się przez nią zawodowi pedagogowie: Franciszek Hanas, Mieczysław Fularski, Konrad Jeziorowski, Eugeniusz Gruda, Stanisław Postek, Tadeusz Rolek, Stanisław Słonina, inż. Witold Paul, Kazimierz Rzyński, inż. Juliusz Skarbek - Kruszewski, Apoloniusz Zarychta. W szkole uczone historii i geografii polskiej. Istniał teatr amatorski, kursy muzyki, robót ręcznych itp. Prowadzono też praktyczne zajęcia ogrodnicze w wielkim ośrodku warzywno-sadowniczym.

Średnio do szkoły uczęszczało 90 uczniów i uczennic. Kolegium przygotowało do życia publicznego setki Brazylijczyków polskiego pochodzenia. Wielu z nich ukończyło wyższe uczelnie i zajęło poważne stanowiska w administracji, bankowości, szkolnictwie, państwie itp.

Nacjonalizacja zlikwidowała zarówno Kolegium, jak i Towarzystwo im. M. Kopernika. Szkoła przepadła na zawsze. Towarzystwo wskrzeszono w r. 1957. W murach dawnej szkoły Władysław Hryncz prowadził do niedawna dla 80 osób kursy języka polskiego. Od czasu do czasu trafi tu film polski, przypominając starej generacji strony ojczyste.

WOJCIECH BREOWICZ

CMENTARZ POD FALAISE

Zaledwie 600 metrów od niewielkiej wioski Urville - Langannerie w kierunku na Caen położony jest cmentarz wojska polskiego z okresu ostatniej wojny. Cmentarz założono w r. 1945 kiedy ustały działania wojenne. Do tego czasu mogiły żołnierzy, którzy polegli w bohater- skich szarżach pancernych, rozsiępane były w laskach i na polach.

Teren pod cmentarz ofiarowali Francuzi, a opiekę nad nim sprawowali Kanadyjczycy i Anglicy. I Polska Dywizja Pancerna wchodziła bowiem w skład jednostek kanadyjskich pod dowództwem angielskim. Dzięki pomocy finansowej kanadyjsko-brytyjskiej cmentarz był należyte utrzymany, dopóki opieki nad nim w r.1948 nie przejęły władze francuskie. Opieka francuska ograniczała się do kwoty 48 tys. starych franków rocznie, co stanowiło dosłownie kroplę w morzu potrzeb.

Miejscowa ludność polska zamieszkała w Potyngny z bólem i żalem patrzyła na zaniedbanie cmentarza. Wreszcie z inicjatywy kombatantów polskich podjęte zostały dobrowolne prace na cmentarzu. Do upiększenia i doprowadzenia do porządku cmentarza przyczynili się szczególnie pp. Barylak, Kozak i pułk. Dowódca. Dzięki nim władze francuskie w r. 1951 oddały cmentarz całkowicie pod opiekę kombatantów polskich.

— Sama praca fizyczna nie wystarczy — stwierdziła ludność polska z Potyngny — trzeba pieniędzy na ozdobienie cmentarza, postawienie bramy i pomnika.

Urządzone tombole. Wynik tej imprezy był bardzo pomyślny, zebrano na czysto 500 tys. franków. Ten sukces dodał otuchy organizatorom. Utworzony został komitet budowy pomnika, w skład którego poza Polakami weszło szereg poważnych osobistości z miejscowego społeczeństwa francuskiego, jak: p. Gilles z Caen i wszyscy merowie z miejscowości pod Falaise, gdzie walczyli Polacy. Dyrektor kopalni w Potyngny złożył na budowę pomnika milion franków. Od tej chwili ze wszystkich stron zaczęły napływać składki i ofiary. Wkrótce można już było zapłacić 3 mln. franków za pomnik, zbudować bramę, postawić mur od strony głównej szosy, zakupić drzewka, sadzonki kwiatów i t. p. Cmentarz znajduje się w miejscu, które mając liczni przechodnie. Mogą oni teraz podziwiać wzorową czystość i porządek, panujące w tym zakątku. W takim to stanie w r. 1961 władze francuskie ponownie przejmują opiekę nad cmentarzem, przydzielając specjalnego ogrodnika opłaconego z funduszy rządowych.

Dziś na cmentarzu w Langannerie kwitną czerwone róże, symbol krwi przelanej za wolność naszą i waszą. Każdego roku odbywa się tu w sierpniu uroczystość dla upamiętnienia wielkiej bitwy pod Falaise, w której polska dywizja pancerna pod dowództwem gen. Maczka wzięła tak chlubny i zwycięski udział. Również 1 listopada każdego roku miejscowa ludność, co stało się już prawem zwyczajowym, udaje się na groby w Langannerie niosąc poległym bohaterom kwiaty i znicze.

Wiatr szumi i jęczy, wydaje się, że umarli wstają i mówią:

— My żołnierze tułacze, którzy leżymy w tej obcej ziemi, wzywamy was: pamiętajcie — Polska i tylko Polska!

STANISŁAW RADZICKI

ESQUADRIAS SANTA CRUZ S. A.

Fábrica em Canoinhas - Santa Catarina

VENDAS EXCLUSIVAS

Parquet Fluminense Ltda.



SÃO PAULO

AV. HIGIENÓPOLIS, 101 APT. 1
TEL.: 52-6091

RIO DE DE JANEIRO

RUA DO CARMO, 27 GRUPO 607
TELEFONES: 52-0712 E
42-9892

SALVADOR - BAHIA

PEDRO R. BANDEIRA, 9 - S / 36
TELEFONE: 2296

FORMICA

MARCA. REG.

DISTRIBUIDORES DE LAMINADOS PLÁSTICOS

DELACO COMÉRCIO E INDÚSTRIA S. A.

TELEFONES:
32-1022 — 34-1246

LOJA E EXPOSIÇÃO:
rua Consolação, 825
São Paulo

FABRASA S/A

FÁBRICA BRASILEIRA DE LAMINAS

SÃO PAULO

Avenida Francisco Matarazzo, 718

FONE: 62-0673

FABRICANTES EXCLUSIVOS DAS AFAMADAS LAMINAS DE BARBEAR JOHNSON & JOHNSON



Tatry pokryła już warstwa śniegu. Na zdjęciu: widok na fragment Morskiego Oka i Tatry



W doroczne święto Zmarłych Warszawiacy jak zwykle tłumnie odwiedzali cmentarze i miejsca straceń bohaterów walki zbrojnej z okupantem.



Jedyny w Polsce szkolny zespół muzyczny grający na "melodicach" istnieje w szkole podstawowej nr 7 w Gliwicach i liczy 17 osób. W repertuarze ma utwory Bacha, Corelliego, Mozarta.



64-letni Jan Kawolok z Istebnej (woj. Katowice) jest jednym z niewielu artystów ludowych trudniących się wyrobem regionalnych instrumentów ludowych. Na zdjęciu: Jan Kawolok z wykonanym przez siebie rogiem pasterskim.

RELOGIOS MIRVAINE

ANDRÉ DE BAC
FERO
ROSKOPF LEGITIMO



SIGAND
F. E. ROSKOPF
PATENT

MIRVAINE IMPORTAÇÃO LTDA.

RUA CONS. CRISPINIANO, 379, — 7.º and. — Conj. 701

TEL.: 35-3846

SÃO PAULO

Tricot-lã

sweater
original

